

## INTRODUÇÃO

### COMPOSIÇÃO DO LIVRO

*O Caminho de perfeição* é um livro de formação espiritual escrito por Santa Teresa para suas monjas, o primeiro livro formativo que nasceu de sua pena e provavelmente o melhor. Foi composto pela filial insistência das destinárias. Privadas da leitura daquele maravilhoso livro da Madre que andava de mão em mão no meio dos confessores — a *Vida* —, solicitaram para si páginas espirituais: conselhos práticos, iniciação à vida de oração, normas para a vida reformada. A insistência foi tanta que, por fim, a Madre se rendeu a seus desejos: “Era tamanho o desejo em que as vi, e a importunação, que me determinei a fazê-lo” (prólogo primitivo).

Mas essas páginas briosas, vazadas em corajosa grafia, provavelmente não chegaram às mãos das destinatárias, por um fato de alcance histórico: naquele tempo, os espirituais espanhóis e os livros de oração estavam submetidos a dura prova. Em 1559, a Inquisição espanhola publicava um *Índice* de livros proibidos, no qual se incluíam obras de autores tão insígnies quanto João da Cruz, Francisco de Borja e Padre Granada. Temas doutrinários prediletos da Santa, como a oração mental, contemplação, recolhimento, quietude, eram olhados com desconfiança. A tese mesma sobre que se baseava seu ideal de reforma — “valor daquele grupinho de humildes mulheres com vocação contemplativa, postas a serviço da Igreja” — era considerada com suspeição.

Tudo isso influenciou o ânimo da Madre, desviando-lhe a pena para uma polêmica velada, mas robusta e vibrante. União e singeleza alternam-se então em suas páginas com fortes tons de polêmica: formidável defesa daquelas “mulherzinhas” virtuosas que ousavam embarcar na aventura da contemplação; apologia da oração mental e firme rejeição de quantos procuravam incutir-lhes medo; exposição demorada e reticente da oração de recolhimento; explicação da oração de quietude; amplo comentário do pai-nosso; tudo configurando um livro que ninguém poderá “proibir” nem arrebatar a suas monjas.

Páginas de tamanha audácia não podiam passar impunes pela censura. E não passaram, apesar de terem sido submetidas a censor tão benévolo e admirador da Autora quanto Padre García de Toledo. O erudito dominicano leu atentamente o manuscrito, riscou páginas inteiras, fez freqüentes anotações à margem, e por fim o devolveu à Madre, para que o refizesse. As observações do censor recaíam sobre várias passagens polêmicas, algumas delas claramente alusivas às proibições inquisitoriais; corrigiam vários textos que beiravam — ao ver da época — erros teológicos, por exemplo a interpretação acomodaticia do Sl 8,8 que a Santa aplica aos contemplativos perfeitos, e o censor desaprova. O censor ainda desautoriza a interpretação do *panem nostrum* e vai contra a afirmação da Santa de que as injúrias feitas a ela não mereciam ser chamadas de ofensas, nem demandavam perdão.

Os reparos do censor eram muitos e variados. Para remediá-los não bastava arrancar umas quantas páginas do caderno, antes de entregá-lo às leitoras. Santa Teresa teve de refazê-lo integralmente, tarefa penosa que executou com decisão, emendando todo o livro e, em grande parte, redigindo-o de novo. Isso sucedeu com toda probabilidade em 1566, quando ainda não existia outro mosteiro além do de São José de Ávila.

O segundo caderno superou a prova da censura, feita ainda por Padre García de Toledo. Teólogo consciente de seu papel e da gravidade do assunto, releu o escrito, sem pressa e com escrupulosa atenção. E dessa vez ainda não perdoou à Santa pequenos deslizes doutrinários, seguramente não tão pequenos para a pupila dos teólogos tridentinos, nem para a sensibilidade dos leitores e inquisidores daqueles dias. A solução foi arrancar algumas páginas do caderno, substituindo-as por outras, ajustadas às diretrizes do censor e redigidas pela Autora. Com isso, o livro pôde finalmente ser lido pelas monjas de São José.

### DOCTRINA

Ao revisar sua obra, já aprovada por Padre García de Toledo, a Autora escreveu na página inicial, à guisa de título: “Este livro contém avisos e conselhos que Teresa de Jesus dá às irmãs religiosas e filhas suas dos mosteiros que... fundou de acordo com a Regra primitiva de Nossa Senhora do Carmo”.

Só mais tarde esses “avisos e conselhos” passaram a ser conhecidos como “Livro chamado Caminho de perfeição”. Esta segunda epígrafe não surgiu da pena da Santa, mas ela a conheceu e a ela não se opôs.

Os dois títulos são exatos, com antecedentes na tradição espiritual cristã e de palpitante atualidade. Tema central do *Caminho* é a “iniciação da carmelita à vida de oração”. Com olhar certo e intuitivo, a Autora começa fixando o fim da vida carmelitana: valor apostólico da vida contemplativa, função eclesiológica da oração no Carmelo de São José, claro ideal de auxiliar a Igreja (atacada por cismas, heresias e claudicações inconfessas).

E a inserção na vida da Igreja que ela recomenda é completa, concreta, baseada na importância da vida interior e na eficácia da oração. Mesmo que tão alto ideal haja de encarnar-se num exíguo ajuntamento de pobres mulheres — as dez ou doze do mosteiro —, a Autora não duvida em caracterizá-lo com tons decisivamente combativos.

Para alcançar esse objetivo, é preciso plantar a oração no sólido alicerce de virtudes práticas: amor fraterno, desapego de todo o criado, humildade; todas cercadas pela fortaleza.

A partir de tais princípios se abre o caminho da oração. A Autora pede que se suplante a oração apenas de palavras. Preconiza a verdadeira oração vocal — palavras com sentido e ressonância interior — como excelente caminho de ingresso à oração mental, verdadeiro caminho real que leva ao Senhor. Concebida e ensinada à maneira teresiana, não como meditação metódica e sim como “trato de amizade com Deus”, a oração mental deve conduzir suavemente à oração de recolhimento, preâmbulo contemplativo de fácil alcance. Por fim, a oração de recolhimento será a melhor disposição para a contemplação infusa e para o fulgurante séquito de graças místicas que a cortejam. Oração vocal, oração mental, recolhimento, quietude infusa, contemplação perfeita são os elos dessa cadeia de ouro.

A Santa foi bordando sua doutrina sobre a trama de quatro ou cinco alegorias que a tornam diáfana e sugestiva: alegorias do castelo e do campo de batalha, do caminho e da água viva, do jogo de xadrez, do mestre de oração...

*O Caminho de perfeição* é o livro de Santa Teresa de Jesus que tem tido mais sorte: foi o mais burilado e amado por ela. Um tratado de espiritualidade que, com arte magistral, intuições profundas e transbordando de experiência, vai indicando o caminho a seguir para chegar à perfeição.

*O Caminho de perfeição*, nas duas redações, apresenta um conteúdo aparentemente restrito à vida monástica carmelitana, por dirigir-se a um pequeno grupo de pessoas sem maior influência na vida da Igreja. Mas na verdade, trata-se de um livro de grandes horizontes: rompe os muros do Carmelo para tornar-se, pouco a pouco, patrimônio da humanidade e chave fundamental para os que almejam chegar a uma experiência calma, serena e decisiva de Deus.

Temos em mãos um dos mais belos manuais de espiritualidade de todos os tempos, o *Caminho* para adentrar o mistério, o incompreensível.

Madre Teresa sabe que o fim da vida carmelitana é a oração, ao mesmo tempo em que tem consciência de que é bem difícil viver o relacionamento com Deus se faltarem pessoas que possam orientar e ajudar nessa via espiritual. Por isso, esboça os seus “Avisos”. Essa é uma doutrina segura, simples e compreensível que infunde em quem a segue a certeza interior de que Deus vive em nós pelo amor e ama com imenso amor. O *Caminho de perfeição* continua a ser no Carmelo e na Igreja a obra mais ilustrativa de Santa Teresa, alimento substancioso para quem hoje resolva se aventurar na busca da experiência de Deus.

# CAMINHO DE PERFEIÇÃO

LIVRO CHAMADO CAMINHO DE PERFEIÇÃO, COMPOSTO  
POR TERESA DE JESUS, MONJA DA ORDEM DE NOSSA  
SENHORA DO CARMO.

DESTINA-SE ÀS MONJAS DESCALÇAS DE NOSSA SENHORA  
DO CARMO DA REGRA PRIMITIVA.

JHS

Este livro contém avisos e conselhos que Teresa de Jesus dá às irmãs religiosas e filhas suas dos mosteiros que, com o favor de Nosso Senhor e da gloriosa Virgem Mãe de Deus, Senhora nossa, fundou de acordo com a Regra Primitiva de Nossa Senhora do Carmo. Dirige-se em especial às irmãs do mosteiro de São José de Ávila, que foi o primeiro, e do qual ela era priora quando o escreveu.<sup>1</sup>

Em tudo o que nele disser, sujeito-me ao que ensina a Santa Madre Igreja Romana, e se alguma coisa for contrária a isso, a razão será a minha ignorância. Assim, peço aos letrados que o virem, por amor de nosso Senhor, que o vejam com muito cuidado e o corrijam se houver algum erro nele quanto a isso e a muitas outras coisas. Se houver alguma coisa boa, que seja para a glória e a honra de Deus e para o serviço de sua sacratíssima Mãe, Padroeira e Senhora nossa, cujo hábito eu trago, se bem que muito indigna dele.<sup>2</sup>

JHS

## PRÓLOGO

1. Sabendo as irmãs deste Mosteiro de São José que eu tinha licença do Padre Presentado Frei Domingo Bañes,<sup>1</sup> da Ordem do glorioso São Domingos, meu atual confessor, para escrever algumas coisas de oração, em que poderei acertar por ter tratado com muitas pessoas espirituais e santas, têm insistido comigo para que eu lhes diga algo sobre esse assunto; assim, resolvi obedecer-lhes, vendo que o grande amor que têm por mim pode tornar mais aceitável aquilo que eu lhes disser, de maneira imperfeita e num mau estilo, do que alguns livros muito bem escritos por quem sabia o que escreveu. Confio em suas orações, pois poderá ser que, por elas, o Senhor me permita dizer alguma coisa que convenha ao modo e à maneira de viver nesta casa.

Se o que eu disser não estiver correto, o Padre Presentado — que o há de ler primeiro — vai corrigi-lo ou queimá-lo, e eu não terei perdido nada em obedecer a essas servas de Deus, e elas verão o que consigo por mim mesma quando Sua Majestade não me ajuda.

2. Penso apresentar aqui alguns corretivos para umas pequenas tentações que o demônio nos sugere, tentações que, talvez por serem tão ínfimas, não são consideradas por nós. Falarei ainda de outras coisas, à medida que o Senhor me inspirar e eu for me lembrando, porque, não sabendo o que direi, não o posso determinar com acerto. Creio até que assim é melhor, pois o próprio fato de pôr-me a escrever isto é um desacerto. Que o Senhor ponha a Sua mão em tudo o que eu fizer, para que tudo siga a Sua santa vontade, pois é sempre isso que desejo, embora as obras sejam tão falhas quanto eu mesma.

3. Sei que não me faltam o amor nem o desejo de ajudar no que puder para que as almas das minhas irmãs muito avancem no serviço do Senhor. Talvez esse amor, ao lado dos anos e da experiência que tenho de alguns conventos, sirva para que eu me dê conta, mais do que os letrados, de coisas ínfimas. Por terem outras ocupações mais importantes e serem varões fortes, estes não se importam muito com coisas que em si não parecem nada, mas que a nós, mulheres, tão fracas como somos, podem causar mal. É que as sutilezas do demônio, para as que vivem em estreita clausura, são muitas, pois ele sabe necessitar de novas armas para lhes causar danos.

Eu, imperfeita como sou, não tenho sabido me defender bem, razão por que desejo que minhas irmãs aprendam com os meus erros. Não falarei de coisa de que não tenha experiência, por a ter visto em mim ou em outras.

4. Há poucos dias, mandaram-me escrever uma relação da minha vida, onde também tratei de algumas coisas de oração.<sup>2</sup> Talvez o meu confessor não queira que vós a vejais e, por isso, repetirei aqui algumas coisas do que ali está dito, apresentando também outras que me pareçam necessárias. O Senhor dirija tudo com Suas próprias mãos, como Lhe tenho suplicado, e o ordene para Sua maior glória. Amém.

## CAPÍTULO 1

DA RAZÃO QUE ME LEVOU A FAZER ESTE

MOSTEIRO COM TÃO ESTRITA OBSERVÂNCIA.

1. No início, quando se começou a fundar este mosteiro (pelas causas indicadas no livro que escrevi,<sup>1</sup> onde são relatadas algumas grandes graças do Senhor, em que Ele me deu a entender que muito seria servido nesta casa), não era minha intenção impor tanta aspereza no exterior, nem que a casa não tivesse rendimentos; eu teria preferido que houvesse condições de nunca Lhe faltar nada. Enfim, eu agia como pessoa fraca e ruim, embora tivesse algumas boas intenções e pouco cuidasse da minha própria satisfação.

2. Nessa época, chegaram a mim notícias sobre os danos e estragos causados na França pelos luteranos, e sobre o grande crescimento que essa seita experimentava. Isso me deixou muito pesarosa, e eu, como se pudesse fazer alguma coisa ou tivesse alguma importância, chorava com o Senhor e Lhe suplicava que corrigisse tanto mal. Eu tinha a impressão de que daria mil vidas para salvar uma só alma das muitas que ali se perdiam. E, vendo-me mulher, imperfeita e impossibilitada de trabalhar como gostaria para servir ao Senhor, fui tomada pela ânsia, que ainda está comigo, tendo Deus tantos inimigos e tão poucos amigos, de que estes fossem bons.

Decidi-me então a fazer o pouco que posso: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição e ver que essas poucas irmãs que aqui estão fizessem o mesmo. Depositei a minha confiança na grande bondade do Senhor, que nunca deixa de ajudar a quem se determina, por Ele, a abandonar tudo. Eu pensava que, sendo elas como eu as via em meus desejos, os meus defeitos não teriam força em meio às suas virtudes, e eu poderia contentar o Senhor em alguma coisa.

Assim, ocupadas todas em orar pelos que são defensores da Igreja, pregadores e letrados que a sustentam, ajudaríamos no que pudéssemos a este Senhor meu, tão atribulado por aqueles a quem fez tanto bem. Pode-se dizer que esses traidores querem pregá-Lo na cruz outra vez, privando-O de onde reclinar a cabeça.<sup>2</sup>

3. Ó Redentor meu! Meu coração não pode chegar aqui sem se afligir muito! Que se passa agora com os cristãos? Será que sempre os que mais Vos devem mais Vos afligem? Aqueles a quem concedeis mais graças, a quem escolheis para Vossos amigos, entre os quais andais e com os quais Vos comunicais mediante os sacramentos? Não estão satisfeitos com os tormentos que por eles padecesteis?

4. É certo, Senhor meu, que nada faz quem agora se afasta do mundo. Sendo vós tratado nele com tão pouco respeito, que esperamos nós? Por acaso merecemos ser tratados melhor? Porventura fizemos mais por eles para que nos tenham amizade? Que é isso? Que mais esperamos nós, que, pela bondade do Senhor, não estamos contaminados por essa sarna pestilencial, se esses inimigos já pertencem ao demônio? Bom castigo obtiveram com suas próprias mãos, tendo merecido, com seus deleites, o fogo eterno. Que eles mesmos escapem dos perigos em que se puseram, embora não deixe de me partir o coração ver como se perdem tantas almas. Mas, para que o mal não seja tão grande, seria bom que não se perdessem mais almas a cada dia.

5. Ó irmãs minhas em Cristo! Ajudai-me a suplicar isso ao Senhor, pois foi com esse fim que Ele vos reuniu aqui. Essa é a vossa vocação; esses devem ser os vossos cuidados e os vossos desejos; empregai aqui as vossas lágrimas e para isso dirigi vossos pedidos. Não cuideis, pois, irmãs minhas, dos negócios do mundo, que desdenho e diante dos quais até me aflijo, nem das coisas que às vezes nos encarregam de suplicar a Deus: rendas e dinheiro. E esses pedidos muitas vezes vêm de pessoas que, a meu ver, deveriam implorar a Deus graças para desprezar tudo isso. Elas têm boa intenção e, vendo sua confiança, condescendemos; mas tenho para mim que, nessas coisas, o Senhor nunca me ouve.

O mundo está sendo tomado pelo fogo; querem voltar a condenar Cristo, como se diz, pois se levantam mil testemunhos falsos, pretendendo derrubar a Sua Igreja. E vamos perder o tempo em súplicas que, se fossem ouvidas por Deus, talvez levassem a se perder mais uma alma no céu? Não, minhas irmãs; não é hora de tratar com Deus de coisas pouco importantes.

6. Com certeza, se não levasse em conta a fraqueza humana, que se compraz em ser ajudada em tudo (e bom seria se valéssemos algo), eu me regozijaria que se entendesse que não são essas as coisas a serem pedidas a Deus com tanto empenho.

## CAPÍTULO 2

TRATA DO DEVER DE NÃO CUIDAR DAS NECESSIDADES CORPORAIS, ASSIM COMO DO BEM QUE HÁ NA POBREZA.

1. Não penseis, minhas irmãs, que, por não viver para contentar os do mundo, o alimento vos há de faltar; isso eu vos asseguro. Jamais procureis, por artificios humanos, sustentar-vos, porque morrereis de fome, e com razão. Fitai vosso esposo: Ele vos há de sustentar. Estando Ele contente, os menos devotos, ainda que não o queiram, vão vos dar de comer, como tem mostrado a experiência. E, se assim fazendo, morreredes de fome, bem-aventuradas as monjas de São José!

Pelo amor de Deus, não vos esqueçais disso; quem deixar a renda deixe também de preocupar-se com o alimento; do contrário, tudo vai se perder. Aqueles que, pela vontade do Senhor, disponham de rendimentos devem ter esses cuidados quando for oportuno, e há razão para isso, pois é essa a sua vocação; mas nós, irmãs, dedicar-nos a eles é um disparate!

2. Preocupar-se com as rendas alheias é para mim pensar nos prazeres dos outros. Sim; porque, com a vossa preocupação, ninguém muda de pensamento nem lhe vem a vontade de dar esmola. Deixai isso nas mãos de Quem move os corações, o Senhor dos ricos e das riquezas. Viemos aqui por Seu mandamento; Suas palavras são verdadeiras e não podem faltar; antes faltarão os céus e a terra.<sup>1</sup>

Que nós não Lhe fáltemos, nem tenhamos medo de que Ele nos falte; e, se alguma vez nos faltar o necessário, será para o nosso maior bem, assim como faltava a vida aos santos quando eram mortos em nome do Senhor, para que a sua glória aumentasse pelo martírio. Seria boa troca acabar depressa com tudo e gozar da fartura infinita.

3. Olhai, irmãs, que muito vos importa, depois da minha morte, o que vou dizer, razão por que o deixo escrito. Enquanto vida tiver, eu vos recordarei disso, pois a experiência me mostra o grande proveito que há aí. Quanto menos tenho, menos preocupada estou, e o Senhor sabe que, a meu ver, tenho muito mais pesar quando sobra muito do que quando falta. Não sei se fico assim, em parte, por saber que o Senhor logo nos socorre. Fazer o contrário seria enganar o mundo, sendo pobres no exterior sem sê-lo no espírito. Isso nos traria um peso à consciência, como se pessoas ricas pedissem esmola — e peço a Deus que isso não aconteça.

Onde há preocupação excessiva com esmolos, algumas vezes se vai angariá-las por costume, ou se pode ir, pedindo aquilo de que não se necessita talvez a quem tem mais necessidade; e, embora estes últimos nada possam perder, mas, ao contrário, ganhem, nós sairíamos prejudicadas. Que Deus não o permita, minhas filhas. Se isso tiver de ocorrer, antes vou preferir que tivésseis renda.

4. De modo algum se ocupe vosso pensamento com esmolos, eu vos peço por amor de Deus. E, quando a menorzinha vir isso alguma vez nesta casa, clame a Sua Majestade e lembre-o à priora. Humildemente, diga-lhe que está errada, e tão errada que, pouco a pouco, vai perdendo a verdadeira pobreza. Espero no Senhor que isso não venha a acontecer e que Ele não abandone Suas servas. Que isto que me haveis mandado escrever sirva de alerta quanto a esse ponto, mesmo que não sirva para mais nada.

5. E acreditem, minhas filhas, que, para o vosso bem, o Senhor me fez compreender um pouquinho os benefícios que há na santa pobreza; as que a experimentarem vão entender. Talvez não tanto quanto eu; porque fui, não pobre de espírito, como tinha professado, mas louca de espírito. A pobreza é um bem que traz em si todos os bens do mundo; é uma grande soberania. Digo que quem pouco se importa de deixar todos os bens da terra termina por apoderar-se de todos eles. Que me importam os reis e senhores se não desejo suas rendas, nem desejo contentá-los, caso precise, para fazê-lo, descontentar em alguma coisa a Deus? E que valor posso dar às suas honras se estou persuadida de que, para o pobre, a verdadeira honra é ser de fato pobre?

6. A meu ver, as honras e o dinheiro quase sempre andam juntos; e quem quer honra não despreza o dinheiro, ao passo que quem o desdenha pouco valor dá às honras. Entenda-se bem isso, pois me parece que desejar honra sempre envolve algum interesse por rendas ou dinheiro. Só por milagre quem é pobre recebe honras no mundo; na realidade, mesmo que as mereça por si, o pobre pouco é considerado. A verdadeira pobreza traz consigo uma honra que a todos se impõe. A pobreza aceita só pelo amor de Deus não precisa contentar senão a Ele. É muito certo: quando não se precisa de ninguém, os amigos são muitos. Isso eu sei bem por experiência.

7. Havendo tanta coisa escrita sobre essa virtude, não direi mais nada sobre ela, pois pouco é o meu entendimento e menor ainda a capacidade de explicá-la. Assim, para não comprometê-la com os meus louvores, nada mais digo. Só falei o que conheço por experiência, e confesso que estava tão absorvida nisso que nem percebi até agora o que escrevi. Mas, enfim, está dito. Uma coisa vos peço por amor de Deus: já que os nossos brasões são a santa pobreza, que, no princípio da fundação da nossa Ordem, era tão estimada e

guardada pelos nossos santos padres (pois, como me disse quem o sabe, não se guardava coisa alguma de um dia para o outro), procuremos tê-la no interior, embora no exterior ela já não seja praticada agora com tanta perfeição. É bem curta a nossa vida, e inestimável a recompensa; e, mesmo que não houvesse nenhuma, a não ser seguir os conselhos do Senhor, grande prêmio seria para nós imitar em alguma coisa Sua Majestade.

8. Nossos estandartes devem ter esses brasões, e tudo façamos para defendê-los: na casa, nas roupas, nas palavras e, muito mais, no pensamento. E, enquanto fizermos isso, não precisais temer que a perfeição desta casa decaia — pois isso, com o favor de Deus, não vai acontecer. Como dizia Santa Clara, grandes muros são os da pobreza.<sup>2</sup> Ela dizia que gostaria de cercar os seus conventos com esses muros e com os da humildade; e é certo que, se respeitarmos isso de verdade, a honestidade e tudo o mais estarão muito melhor protegidos do que se cercados por suntuosos edifícios. Destes, eu vos peço pelo amor de Deus e pelo Seu sangue, fugi; e, se em sã consciência o posso dizer, eu o faço: que volteis a cair no dia em que deles vos aproximardes.

9. Parece muito ruim, minhas filhas, que se façam grandes edifícios com as economias dos pobrezinhos. Que Deus não o permita. Nossas casas devem ser pobres em tudo, e pequenas. Assemelhem-nos em algo a nosso Rei, que teve por casa apenas o presépio de Belém, onde nasceu, e a cruz onde morreu. Nessas casas, pouca diversão podia haver. Os que fazem casas grandes, que prestem contas a Deus, pois têm outros intentos santos; mas, para treze pobrezinhas, qualquer canto basta. Se tiverem espaço, uma coisa necessária pela estrita clausura em que vivem, com algumas capelas para o recolhimento na oração (o que ajuda na oração e na devoção), muito bem. Mas edifícios e casas grandes e bem decoradas, nunca! Deus nos livre! Lembrai-vos sempre de que tudo há de cair no dia do juízo. E quem sabe se este não virá breve?

10. Pois não é razoável que, quando cair, a casa de treze pobrezinhas faça muito barulho; os verdadeiros pobres não devem produzir ruído, devendo ser pessoas silenciosas para inspirar compaixão. E como eles vão se alegrar se virem alguém livrar-se do inferno graças à esmola que lhes deu! É bem possível que isso aconteça, pois estais muito obrigadas a *rogar por suas almas* continuamente, pois vos dão de comer.<sup>3</sup> E o Senhor também deseja, embora tudo venha de Suas mãos, que agradeçamos às pessoas por meio das quais Ele nos dá o sustento. Não descuidemos de fazê-lo.

11. Não sei de que tinha começado a falar, pois me distraí. Creio que o Senhor assim o quis, porque nunca pensei em escrever o que disse aqui. Que Sua Majestade nos socorra para que nunca cedamos nesse ponto. Amém.

### CAPÍTULO 3

PROSSEGUE NO QUE COMEÇOU A FALAR E PROCURA CONVENCER AS IRMÃS A SE OCUPAR SEMPRE  
DE SUPPLICAR A DEUS PARA QUE FAVOREÇA OS QUE TRABALHAM PELA IGREJA. TERMINA  
COM UMA EXCLAMAÇÃO.

1. Voltando ao principal motivo<sup>1</sup> pelo qual o Senhor nos reuniu nesta casa, o que me faz desejar muito que tenhamos algum valor para contentar a Sua Majestade, digo que, vendo tão grandes males e compreendendo que as forças humanas não são capazes de conter o fogo ateadado por esses hereges, embora se tenha pretendido reunir pessoas para que se pudesse, com a força das armas, corrigir tão grande mal, que se vai alastrando, julguei necessário agir da mesma maneira como se faz em tempo de guerra, quando o inimigo invade uma região.

Vendo-se perseguido, o Senhor da terra invadida se recolhe a uma cidade, que fortifica muito bem, e, a partir dali, sai para atacar os adversários; as pessoas da cidadela são tão especiais que, sozinhas, têm mais poder que muitos soldados que fossem covardes. Desse modo, alcança-se muitas vezes a vitória, e, embora não se ganhe, ao menos não se é vencido; porque, como não há traidores, a não ser pela fome, os da cidade não podem ser derrotados. Em nosso caso, não há fome capaz de nos levar à rendição. A morrer, sim, mas não a ser vencidas.

2. Mas para que digo isso? Para que compreendais, irmãs minhas, que temos de pedir a Deus que neste castelinho, onde já temos bons cristãos, nenhum se passe para o lado adversário, e que os capitães deste castelo ou cidade, ou seja, os pregadores e teólogos, se tornem notáveis no caminho do Senhor. E, como a maioria deles pertence às ordens religiosas, suplicai que progridam em sua perfeição e vocação, o que é muito necessário, visto que o que nos há de valer, como tenho dito,<sup>2</sup> é o braço eclesiástico, e não o secular. Como nenhuma importância temos nem para um nem para o outro na defesa do nosso Rei, procuremos ser de tal maneira que as nossas orações possam ajudar esses servos de Deus que, com tanto trabalho, se fortaleceram com o conhecimento e com uma vida santa, empenhando-se agora em ajudar o Senhor.

3. Talvez pergunteis por que insisto tanto nisso, dizendo que devemos ajudar os que são melhores que nós. Explico: porque creio que não entendeis bem o quanto deveis ao Senhor por terdes sido trazidas para um lugar tão longe de negócios, situações perigosas e relações com o mundo, uma enorme graça. O mesmo não ocorre com aqueles de quem falei,<sup>3</sup> nem é bom que ocorra, muito menos nesta época, pois a eles cabe animar os fracos e encorajar os pequenos: o que seria dos soldados sem comandantes!

Estes devem viver entre os homens e tratar com eles, estar nos palácios e, algumas vezes, conformar-se exteriormente com o que exigem as pessoas do mundo. Pensais, filhas minhas, que é preciso pouco para tratar com o mundo e nele viver, para cuidar de negócios do mundo e adaptar-se, como eu já disse,<sup>4</sup> às conversas do mundo, sendo ao mesmo tempo estranho ao mundo e inimigo seu, vivendo nele como exilado, não sendo, enfim, um ser humano, mas um anjo?

Porque, se não agirem assim, sequer vão merecer o nome de comandantes; nem permita o Senhor que saiam de suas celas nessas condições, pois provocarão mais danos do que benefícios. Este não é o momento de se perceberem imperfeições em pessoas que devem ensinar.

4. Se não estiverem interiormente fortalecidos em compreender como é importante ter todas as coisas sob os pés, desapegando-se delas e voltando-se para as coisas eternas, por mais que o queiram encobrir, eles o deixarão transparecer. Isso assim é porque eles tratam com as pessoas do mundo. Tende certeza: o mundo nada lhes perdoa, nem deixa de perceber qualquer imperfeição sua. De muitas coisas boas não se dará conta, chegando até a não considerá-las como tais; quanto às faltas ou imperfeições, sem dúvida não as deixará passar.

Isto me causa espanto: quem mostra ao mundo a perfeição, não para que ele a pratique (pois ele não parece sentir nenhuma obrigação de fazê-lo, parecendo-lhe muito respeitar razoavelmente os mandamentos), mas para condená-la, chegando a considerar facilidade o que é virtude?

Assim, não penseis que é preciso pouco favor de Deus para que eles travem a grande batalha em que estão envolvidos; é enorme a ajuda de que precisam.

5. Eu vos peço que procureis agir de um modo que nos faça merecer alcançar de Deus estas duas coisas: a primeira é que, dentre os muitos eruditos e religiosos, haja muitos com as qualidades necessárias para isso, como tenho dito,<sup>5</sup> e que o Senhor anime os que não estão muito dispostos, já que um perfeito fará mais do que muitos que não o sejam. A outra é que o Senhor os sustente, uma vez que estejam na batalha, que, repito, não é pequena, para que eles possam livrar-se dos inúmeros perigos que há no mundo e não ouvir o canto das sereias desse mar perigoso.

Se algo pudermos fazer junto a Deus, estando enclausuradas, lutemos por Ele, e eu considerarei muito bem empregados os sofrimentos que tive para fazer este recanto,<sup>6</sup> onde desejava que se respeitasse a Regra de Nossa Senhora e Imperatriz com a perfeição primitiva.

6. Que não vos pareça inútil o ser contínua esta súplica porque há algumas pessoas que consideram ruim não rezar muito por sua própria alma. Que melhor oração do que essa? Se tendes receio de não descontar as penas do purgatório, sabeis que também por esse meio elas serão descontadas. Se ainda faltar alguma coisa, que falte.

Que me importaria ficar no purgatório até o dia do juízo se pela minha oração uma só alma se salvasse? Ainda mais nesse caso, em que há proveito para muitas e para a glória do Senhor! Não vos incomodeis com a redução das penas quando se trata de servir mais àquele que tanto sofreu por nós. Informai--vos sempre sobre o que é mais perfeito. Por isso vos peço, pelo amor de Deus: suplicai a Sua Majestade que nos ouça nisso. Eu, embora miserável, o peço, pois é para glória Sua e bem de sua Igreja, objeto dos meus desejos.

7. Parece atrevimento que eu pense em contribuir de alguma maneira para conseguir isso; mas confio, ó Senhor meu, nestas Vossas servas que aqui estão, e sei que não querem outra coisa nem pretendem senão contentar-Vos. Por Vós elas deixaram o pouco que tinham e desejariam ter ainda mais para servir-Vos. Pois Vós não sois, Criador meu, mal-agrado para que eu pense que deixaríeis de fazer aquilo que Vos suplicam. Nem Vos aborrecestes, Senhor, quando andáveis no mundo, com as mulheres; sempre as favorecestes com muita piedade.

Quando Vos pedirmos honra, renda, dinheiro ou outras coisas do mundo, não nos ouçais; mas, sendo para a honra do Vosso Filho, por que não haveríeis de ouvir, Pai eterno, a quem perderia mil honras e mil vidas por Vós? Não por nós, Senhor, que não o merecemos, mas pelo sangue do Vosso Filho e pelos Seus merecimentos.

8. Ó Pai eterno! Vede que não se devem esquecer tantos golpes, injúrias e gravíssimos tormentos! Pois, Criador meu, como podeis suportar em Vosso coração amoroso que o Vosso Filho fez com amor

tão ardente e para maior contentamento Vosso — pois mandastes que Ele nos amasse — seja tão pouco estimado pelos hereges que hoje desrespeitam o Santíssimo Sacramento, tirando-Lhe suas moradas e destruindo igrejas? Ainda se o Vosso Filho tivesse deixado de fazer alguma coisa para Vos contentar!

Mas Ele tudo fez com perfeição. E não bastava, Pai eterno, que Ele não tivesse onde reclinar a cabeça enquanto viveu,<sup>7</sup> passando sempre por tantos sofrimentos, e ainda Lhe tiram agora as moradas para as quais convida Seus amigos (por nos ver fracos e saber que é necessário que os que têm de trabalhar se sustentem com esse manjar)?

Não tinha Ele pago suficientemente pelo pecado de Adão? Haverá esse amantíssimo Cordeiro de pagar cada vez que voltarmos a pecar? Não o permitais, Imperador meu! Aplaque-se já Vossa Majestade! Olhai, não os nossos pecados, mas Vosso Sacratíssimo Filho, que nos redimiu, Seus merecimentos e os de Sua gloriosa Mãe, bem como de tantos santos e mártires que morreram por Vós!

9. Ai de mim, Senhor! Quem se atreveu a fazer este pedido em nome de todas! Que má intermediária, filhas minhas, para serdes ouvidas e para fazer por vós a petição! Este soberano Juiz haverá de se indignar ao me ver tão atrevida, e com razão e justiça! Mas, Senhor, já que sois Deus de misericórdia, tende compaixão desta pecadorazinha, deste vermezinho que se atreve a dirigir-se a Vós! Vede, Deus meu, os meus desejos e as lágrimas com que Vos faço essa súplica, e esquecei, por quem sois, as minhas obras! Tende misericórdia de tantas almas que se perdem e favorecei Vossa Igreja. Não permitais, Senhor, mais prejuízos para a cristandade. Iluminai estas trevas.

10. Eu vos peço, irmãs minhas, por amor do Senhor, que encomendeis esta pobrezinha a Sua Majestade, suplicando-Lhe que lhe dê humildade, pois disso tendes obrigação. Não vos faço uma recomendação especial em prol dos reis e prelados da Igreja, em particular do nosso bispo,<sup>8</sup> porque vos vejo tão cuidadosas nisso que me parece não ser necessário. Quanto às que vierem depois, que se dêem conta de que, tendo um prelado santo, as suas súditas também o serão; sendo isso coisa tão importante, ponde-a sempre diante do Senhor. Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não estiverem voltados para isso de que falo, tende certeza de que não alcançais nem cumpris o objetivo para o qual o Senhor nos reuniu aqui.<sup>9</sup>

#### CAPÍTULO 4

ARGUMENTA EM FAVOR DO RESPEITO À REGRA E DE TRÊS COISAS IMPORTANTES PARA A VIDA ESPIRITUAL. DISCORRE ACERCA DA PRIMEIRA DESSAS TRÊS COISAS, QUE É O AMOR AO PRÓXIMO, E SOBRE O PREJUÍZO QUE CAUSAM AS AMIZADES PARTICULARES.<sup>1</sup>

1. Já vistes, filhas, o grande empreendimento a que desejamos nos dedicar. Como havemos de ser para que, aos olhos de Deus e do mundo, não sejamos consideradas muito atrevidas? Está claro que precisamos trabalhar muito, e muito ajuda ter pensamentos elevados, para que as obras também o sejam. Porque, se procurarmos respeitar perfeitamente e com muito cuidado a nossa Regra e Constituições, espero que o Senhor atenda às nossas súplicas. Não vos peço, filhas minhas, nada de novo, mas apenas que guardemos o que professamos, pois é essa a nossa vocação e a nossa obrigação, muito embora haja muita diferença entre guardar e guardar.

2. A nossa primeira Regra diz que oremos sem cessar.<sup>2</sup> Por isso, façamo--lo com todo o cuidado possível, que é o mais importante, não deixando de cumprir os jejuns e disciplinas, bem como o silêncio requerido pela Ordem; porque já sabeis: para que a oração seja verdadeira, devemos recorrer a isso, pois os prazeres e a oração são incompatíveis.

3. Vós me pedistes para falar da oração; em troca do que eu disser, peço--vos que observeis, lendo muitas vezes de boa vontade, o que até agora escrevi. Antes de falar do interior, isto é, da oração propriamente dita, direi algumas coisas que quem pretende seguir o caminho de oração precisa ter, coisas tão necessárias que as que as seguirem, mesmo não sendo muito contemplativas, poderão avançar muito no serviço do Senhor; é impossível, não as seguindo, ser muito contemplativa, e quem pensar que o é estará muito enganado. Que o Senhor me favoreça neste ponto e me ensine o que tenho de dizer, a fim de que seja para a Sua glória. Amém.

4. Não penseis, amigas e irmãs minhas, que vos encarregarei de muitas coisas, pois queira o Senhor que façamos as que os nossos santos Padres ordenaram e praticaram, merecendo esse nome por seguirem esse caminho.<sup>3</sup> Seria um erro buscar outro ou aprendê-lo de alguém. Só me alongarei em falar de três, que são parte da mesma Constituição, porque é muito importante percebermos o grande proveito de guardar essas coisas para ter a paz interior e exterior que o Senhor tanto nos encomendou. A primeira é o amor de umas para com as outras; a segunda, o desapego de todo o criado; a terceira, a verdadeira humildade — que, embora tratada por último, é a principal, abarcando todas.<sup>4</sup>



5. Quanto à primeira, é extremamente importante amar-vos muito umas às outras; porque não há problema que não seja resolvido com facilidade entre os que se amam, e deve ser grave a coisa capaz de causar um problema. E creio que, se fosse respeitado no mundo como deve, este mandamento favoreceria muito a guarda dos outros. Contudo, por excesso ou por falta, nunca chegamos a guardá-lo com perfeição.

Embora pareça não prejudicar, o excesso entre nós provoca tantos males e imperfeições que só o acredita quem tem experiência própria. No tocante a isso, o demônio tece muitas tramas que, para uma consciência que procura contentar a Deus de modo grosseiro, parecem virtudes, passando despercebidas. Quem, contudo, busca a perfeição as percebe muito bem, porque pouco a pouco elas enfraquecem a vontade, impedindo a total dedicação ao amor de Deus.

6. Creio que isso deve acontecer mais com mulheres do que com homens, provocando danos muito evidentes para a comunidade. Porque disso vem não se amar tanto a todas; o sentir a ofensa feita à amiga; o desejo de ter com que lhe dar prazer; a busca de tempo para lhe falar e, muitas vezes, para lhe dizer o quanto a ama, e outras impertinências, em vez de falar do quanto ama a Deus. Essas grandes amizades raramente estão voltadas para a ajuda mútua no aumento do amor a Deus; creio que o demônio as faz começar para que se criem partidos na religião. Logo se conhece a amizade que quer servir Sua Majestade, pois não é levada pela paixão, mas procura ajuda para vencer outras paixões.

7. Eu gostaria que houvesse muitas destas amizades nos grandes conventos. Mas, nesta casa, onde não são mais de treze, nem o hão de ser,<sup>5</sup> todas as irmãs devem se amar. Evitai, por amor do Senhor, essas amizades particulares, que até entre irmãos costumam ser peçonha,<sup>6</sup> e nenhum proveito vejo nisso; e, se são parentes, muito pior: é pestilência.

E acreditai, irmãs, que, embora vos pareça extremo, isso é grande perfeição e grande paz, evitando-se muitas situações ruins para as almas que ainda não estão fortes. Se, no entanto, a nossa amizade inclinar-se mais para uma do que para outra irmã (o que nem sempre pode ser evitado, por ser natural, levando-nos muitas vezes a amar o pior se ele tiver mais atrativos naturais), tenhamos muito cuidado para não nos deixar dominar por essa afeição. Amemos as virtudes e a beleza interior, empenhando-nos sempre, com muito cuidado, para não dar importância ao que é exterior.

8. Não consintamos, ó irmãs, que a nossa vontade seja escrava de ninguém senão daquele que a comprou com o Seu sangue;<sup>7</sup> vede que podeis, sem perceber como, ficar apegadas sem conseguir recursos contra isso. Oh, valha-me Deus, as ninharias daqui advindas são incontáveis. São tão pequenas que só quem as vê as entende e nelas acredita. Sobre isso, basta dizer que, em qualquer irmã, é ruim e, na prelada, uma verdadeira peste.

9. Para impedir essas parcialidades, deve-se ter um grande cuidado desde que a amizade começa, mais com jeito e amor do que com rigor. Para corrigir isso, é muito importante que não fiquéis juntas nem vos faleis, a não ser nas horas marcadas, seguindo o nosso costume, previsto na Regra, de que fique cada qual em sua cela, e não na companhia umas das outras. Não tendes, neste convento de São José, sala de trabalhos, porque, embora isso seja um costume louvável, guarda-se o silêncio com mais facilidade quando cada qual está sozinha; além disso, acostumar-se à solidão é fundamental para a oração e, como esta há de ser o cimento desta casa, é necessário cuidarmos de ter afeição por aquilo que mais nos ajuda a cultivá-la.

10. Voltando ao amor de umas pelas outras, parece impertinência recomendá-lo, porque quem será tão rude que não se afeioe muito a pessoas com quem tem contínuas relações, com as quais vive e com as quais conversa — sem conversar com estranhos, nem tratar com eles ou se recrear em sua companhia —, ainda mais acreditando, como ocorre entre nós, que Deus ama as nossas irmãs e elas a Ele, pois por Sua Majestade deixaram tudo?

Isso ocorre, em especial, porque a virtude suscita por si o amor e porque ela, espero em Sua Majestade, com o favor de Deus, sempre estará presente nas irmãs desta casa. Assim, não me parece preciso insistir muito nesse ponto.

11. Mas, quanto ao modo como haveremos de nos amar e quanto ao amor virtuoso — aquele que desejo ver aqui —, bem como no tocante a saber se temos essa virtude, que é muito grande, pois Nosso Senhor a recomendou tão encarecidamente a nós, e em particular aos Seus apóstolos,<sup>8</sup> eu gostaria de discorrer agora um pouco sobre eles, em meus termos tão rudes. Se encontrardes isto em outros livros com abundância de detalhes, nada tomeis de mim, que talvez não saiba o que digo.

12. Quero tratar de duas maneiras de amor: uma, espiritual, porque parece que nada tem com os sentidos nem com a ternura da nossa natureza a ponto de ser privada de sua pureza; a outra também é espiritual, mas é acompanhada da nossa sensibilidade e da nossa fraqueza. É amor bom, que parece lícito, como o que há entre os parentes e amigos. Sobre este amor alguma coisa já foi dita.<sup>9</sup>

13. Do que é espiritual, no qual não intervém nenhuma paixão, quero falar agora, porque, quando há paixão, a harmonia se perde. Se tratarmos com moderação e discricção com pessoas virtuosas, especialmente confessores, sempre teremos proveito. Mas, se percebermos no confessor alguma tendência frívola, deveremos suspeitar de tudo e, de modo algum, por melhores que sejam as suas conversas, manter maiores contatos com ele. Confessemos-nos com brevidade e retiremo-nos. E melhor seria dizer à prelada que a alma não se sente à vontade com ele e mudar de confessor. Essa é a coisa mais certa a fazer, desde que o consigamos sem ofender a honra do confessor.

14. Quando não sabemos o que fazer nessas e em outras situações difíceis, em que o demônio poderia armar suas tramas, o melhor será procurar alguma pessoa que tenha instrução — pois, quando é necessário, isso é permitido —, confessar-se com ela e fazer o que ela lhe disser que faça. É preciso recorrer a algum remédio, pois sem isso pode-se errar muito.

E quantos erros são cometidos no mundo por não se fazerem as coisas de acordo com um conselho, em especial quando está envolvida a possibilidade de prejudicar alguém! O que não se pode é deixar de agir; porque, quando o demônio ataca por esse lado, grande é o seu avanço se não o atalharmos com brevidade. Por isso, como eu disse, o mais correto é falar com outro confessor, quando for possível, e espero no Senhor que sempre seja.

15. Dai muita atenção a isso, pois se trata de coisa muito perigosa, que envolve o inferno e a danação. Digo que não espereis até compreenderdes que o mal é imenso; deveis, desde o princípio, recorrer a tudo o que puderdes e souberdes. Afirmo isso com boa consciência. Mas espero que o Senhor não venha a permitir que religiosas dedicadas à oração possam ter amizade a não ser com quem seja muito servo de Deus. Isso é o mais correto e, se não acontecer, é porque as irmãs não têm a oração nem a perfeição pretendidas por esta casa. De fato, se virdes que uma pessoa não entende a vossa linguagem nem é afeiçoada a falar de Deus, não podereis ter amizade por ela, por não ser essa pessoa semelhante a vós. Se o for, com as pouquíssimas oportunidades de contato que aqui haverá, a pessoa ou será muito simples ou não vai querer desassossegar-se e desassossegar as servas de Deus.

16. Já que comecei a falar deste assunto, no qual o demônio pode prejudicar muito, como eu disse,<sup>10</sup> demorando a ser descoberto, direi também que isso pode ir estragando a perfeição, sem que saibamos como acontece; porque, se o confessor quer dar ensejo a vaidades porque as tem, com certeza vai considerar ninharias todos os pecados que as irmãs confessarem.

Deus nos livre, por quem Sua Majestade é, de coisas semelhantes. Isso bastaria para perturbar todas as monjas, porque suas consciências lhes dizem uma coisa e o confessor, outra, ao mesmo tempo em que se espera que se comportem de uma única maneira, o que as deixa sem saber o que fazer nem como encontrar o sossego, já que quem devia acalmá-las e curar é quem as prejudica. Inúmeras aflições dessa espécie deve haver em alguns lugares; isso me deixa muito pesarosa, e, assim, não vos espanteis por eu insistir tanto em vos falar desse perigo.<sup>11</sup>

## CAPÍTULO 5

CONTINUA A FALAR SOBRE OS CONFESSORES. EXPLICA COMO É IMPORTANTE QUE ELES SEJAM LETRADOS.

1. Que o Senhor, por quem Sua Majestade é, não permita que ninguém desta casa passe pelo sofrimento de que falei, o de serem oprimidas na alma e no corpo. Quando a prelada se dá bem com o confessor, ninguém fala dela a ele nem dele a ela. Sobrevém assim a tentação de não confessar pecados muitos graves por medo de ficar em desassossego. Oh, valha-me Deus, que mal pode fazer aqui o demônio, e que alto é o preço de evitar o constrangimento e proteger a honra!

As pessoas, não tratando senão com um confessor, pensam obter grande proveito para a religião e para a honra do convento; é aí que entra o demônio para colher as almas, visto não lhe restar outra via. Crêem as pessoas que pedir outro confessor provoca a desarmonia da religião. Mesmo que ele seja um santo, o fato de não ser da Ordem faz com que a simples relação com ele pareça às pessoas uma afronta.<sup>1</sup>

2. Essa santa liberdade eu peço por amor de Deus a quem for priora; que procure sempre, junto ao bispo ou provincial, a autorização para que ela e todas possam tratar, comunicando o que lhes vai na alma, com pessoas letradas, não se restringindo aos confessores, em especial se estes últimos, embora muito bons, não forem instruídos. O conhecimento é muito importante para tudo esclarecer. Será possível encontrar a

santidade e o conhecimento unidos em algumas pessoas; quanto maiores as graças espirituais que o Senhor vos der, tanto maior a necessidade de terdes sólidas bases para vossas obras e orações.

3. Já sabeis que a primeira pedra deve ser a boa consciência; e, com todas as vossas forças, libertai-vos até de pecados veniais e segui o mais perfeito. Tem-se a impressão de que qualquer confessor sabe disso, mas trata-se de uma ilusão; aconteceu-me de tratar com um deles, que fizera todo o curso de teologia, de coisas de consciência, tendo ele me prejudicado muito ao não dar importância a certas faltas. E sei que ele não pretendia enganar-me, nem tinha razões para isso; simplesmente não tinha melhores recursos. O mesmo me aconteceu com outros dois ou três.<sup>2</sup>

4. Ter verdadeira luz para guardar a lei de Deus com perfeição é todo o nosso bem; sobre isso se assenta devidamente a oração. É um cimento forte sem o qual todo o edifício não se sustém. Isso acontecerá convosco se não vos for dada liberdade de confissão e de tratamento das coisas da alma com pessoas como as de que falei.<sup>3</sup> E atrevo-me a dizer mais: mesmo que o confessor tenha todas essas qualidades, deveis por vezes fazer o que digo, pois pode ser que ele se engane, não sendo bom que todas se deixem enganar ao segui-lo. E para tudo há meios, devendo-se procurar sempre respeitar a obediência. Mas sem dúvida é muito importante para a alma essa liberdade, devendo-se buscá-la de todas as maneiras.

5. Todas essas providências de que falo cabem à prelada. Por isso, volto a pedir-lhe, visto que o único consolo que se pretende ter aqui é o da alma, que procure consolar as irmãs nesse aspecto. Há diferentes caminhos pelos quais Deus conduz a alma, e um confessor não os há de conhecer forçosamente. Eu vos garanto que, mesmo sendo vós pobres, não vos faltarão pessoas santas que desejem tratar convosco e consolar vossas almas, se essas pessoas forem de fato o que devem ser. Aquele que vos sustenta o corpo haverá de despertar e dar boa vontade a quem, com ela, possa iluminar vossas almas, o que vai remediar esse mal que tanto temo. Assim, mesmo que o demônio tente o confessor, enganando-o em alguma doutrina, ele, sabendo que a alma conta com a ajuda de outros, será mais cauteloso em tudo aquilo que fizer.

Fechada essa porta ao demônio, espero em Deus que ele não a encontrará nesta casa; assim, peço pelo amor do Senhor ao bispo em exercício que dê essa liberdade às irmãs, em vez de tirá-la delas, desde que as pessoas de fato tenham letras e bondade, o que logo se percebe num lugar tão pequeno quanto este.

6. Tenho visto e compreendido tudo de que falo aqui, além de tê-lo discutido com pessoas instruídas e santas que tinham em mente o que mais convinha a esta casa para que, nela, a perfeição avançasse. Disso posso concluir que, dentre os vários perigos — e, enquanto vivermos, haverá perigos —, o dessa liberdade é o menor. E que nunca haja um vigário<sup>4</sup> nem um confessor que tenham o direito ou a liberdade de entrar e sair. Eles devem zelar pelo recolhimento e honestidade da casa, e pelo progresso interior e exterior, bem como alertar o prelado quando houver falta; mas que nenhum deles seja superior.

7. É isso o que se faz agora. E não apenas por causa da minha opinião, mas principalmente porque o bispo que hoje temos, sob cuja autoridade estamos (porque, devido a muitas causas, não ficamos sujeitas à Ordem), uma pessoa amiga de toda religião e santidade e grande servo de Deus (chama-se Dom Alvaro de Mendoza, homem de alta nobreza de linhagem e que gosta muito de favorecer esta casa de todas as maneiras),<sup>5</sup> reuniu pessoas instruídas, espirituais e experientes para tratar desse ponto, chegando então a essa determinação.

Isso é uma razão para que, no futuro, os prelados aceitem esse parecer, formulado por pessoas tão dignas que, com muitas orações, pediram ao Senhor que lhes mostrasse o melhor. O sucesso dessa determinação tem mostrado até agora o seu acerto. Queira Deus levá-la sempre adiante para a Sua maior glória. Amém.

## CAPÍTULO 6

RETORNA AO ASSUNTO DE QUE

COMEÇARA A FALAR: O AMOR PERFEITO.

1. Desviei-me muito; mas é tão importante o que acabei falando que quem o compreender não vai me culpar. Voltemos agora ao amor que devemos ter umas pelas outras,<sup>1</sup> aquele que falei ser puramente espiritual. Não tenho certeza sobre como explicá-lo. Parece-me que não é preciso falar muito dele, porque poucos o têm. Aquele a quem o Senhor tiver dado essa graça deve louvá-Lo muito, pois deve ter muita perfeição. Mas não vou deixar de falar dele; talvez haja algum proveito em pôr diante dos olhos a virtude, pois isso pode levar a afeiçoar-se a ela quem desejá-la e pretender obtê-la.

2. Queira Deus que eu consiga entendê-lo e, mais ainda, explicá-lo, pois não creio que saiba quando é amor espiritual nem quando se misturam os sentidos, nem como me atrevo a falar disso. Como alguém que ouviu falar de longe e não entende o que dizem, assim sou eu, que algumas vezes não entendo o que digo, mas

o Senhor permite que o diga bem. Se outras vezes falo disparates, tenho aí o mais natural em mim, que é não acertar nada.

3. Parece-me que a pessoa a quem Deus leva ao claro conhecimento do que é e de como é o mundo, de que há outro mundo e da diferença existente entre um e outro, sendo um eterno e o outro sonhado; do que é amar o Criador ou a criatura (mediante a experiência, que muito se distingue de apenas pensar e crer); e de muitas outras coisas que o Senhor ensina a quem se deixa instruir por Ele na oração ou a quem Ele deseja instruir; essa pessoa ama de um modo deveras distinto daquele de quem não chegou a esse ponto.

4. Pode ser, irmãs, que eu vos pareça impertinente ao tratar deste assunto e que digais que essas coisas que falei já são todas conhecidas. Queira o Senhor que assim seja, que as saibais da maneira conveniente ao caso, impressas nas entranhas; porque, se as souberdes, havereis de ver que não minto ao afirmar que quem o Senhor leva até esse ponto tem esse amor. Essas pessoas são almas generosas e régias que não se contentam em amar algo tão ruim quanto o corpo, por mais belo que seja, e por mais gracioso, mas que, embora o admirem, louvando o Senhor por isso, não se detêm nele a ponto de admirá-lo por seus atrativos exteriores.

Para essas pessoas, apegar-se ao corpo parece amar uma coisa sem substância e um esforço por querer bem a um espectro; se assim fizessem, elas ficariam cobertas de vergonha e não teriam coragem para, sem afrontá-Lo, dizer a Deus que O amam.

5. Dir-me-eis: “Essas pessoas não saberão amar nem retribuir afeto que se tiver por elas”. — Ao menos, pouco vai lhes importar que alguém goste delas. Se por vezes, num primeiro momento, por inclinação natural, gostarem de se sentir amadas, depois, ao caírem em si, verão que isso é um disparate, se aqueles que gostam delas não forem pessoas que lhes tragam proveito para a alma, seja com a doutrina ou com a oração. Para essas pessoas, todos os outros afetos são cansativos, pois vêem que não lhes trazem nenhum proveito, podendo-as pôr até a perder; mas nem por isso deixam de agradecer e de retribuir, encomendando-os a Deus, àqueles que têm afeição por elas. Essas pessoas deixam tudo a cargo do Senhor, por ser isso algo que não apenas Lhe diz respeito como Dele procede.

Porque elas não vêem em si mesmas motivo para merecer afeição, logo tendo a impressão de que os outros as querem porque Deus as quer. Por isso, deixam a Sua Majestade a tarefa de o pagar, suplicando-Lhe que o faça, ficando desse modo livres, pois acham que isso não lhes cabe. Na realidade, se observarmos bem, quando esse afeto não vem de quem possa nos ajudar a alcançar os bens verdadeiros, penso às vezes ser grande cegueira desejar ser amado.

6. Vede agora que, quando desejamos o amor de outrem, sempre visamos a algum proveito ou a nosso contentamento pessoal, ao passo que essas pessoas perfeitas já têm sob os pés todos os bens e prazeres que o mundo pode lhes dar. Estão de uma maneira que só podem ter contentamento — mesmo que o queiram — com Deus ou em tratar de Deus. Que proveito, pois, pode lhes vir de serem amadas?

7. Quando essa verdade é compreendida, elas riem de si mesmas, da preocupação que chegaram a ter sobre ser ou não retribuída a sua amizade. Mesmo que a vontade de amar seja boa, é da nossa natureza cedo querermos recompensa. Quando a recebemos, temos apenas palha, pois tudo é ar e insubstancial, levado pelo vento. Porque, por mais que nos tenham querido, que nos fica disso? Dessa maneira, se não é para proveito de sua alma, essas pessoas de que falo, sabendo ser da nossa natureza cansar dos outros quando não há algum amor, pouco se importam de serem ou não queridas.

Pode parecer que pessoas assim não amam ninguém, nem o sabem, senão a Deus. Afirmo que elas amam sim,<sup>2</sup> e muito mais, com um amor mais verdadeiro, com mais paixão e um amor mais proveitoso; enfim, com o amor. E essas almas sempre cuidam mais de dar muito do que de receber; mesmo diante do Criador agem assim. Isso merece o nome de amor, que tem sido usurpado por outras afeições baixas.

8. Também pode parecer que, se elas não amam aquilo que vêem, a que se afeiçoam? Na verdade, elas amam o que vêem e se afeiçoam ao que ouvem; mas as coisas que vêem são estáveis. Assim, quando amam, vão além dos corpos e põem os olhos nas almas, vendo se há o que amar. Se não houver, mas encontrarem alguma semente de virtude ou disposição para tal, a ponto de, se cavarem, acharem ouro na mina, elas não poupam esforços, pois têm amor a isso; nada se põe diante delas que elas não enfrentem de boa vontade para o bem daquela alma, pois desejam amá-la de modo duradouro e sabem muito bem que, se a alma não tiver bens espirituais e não amar muito a Deus, elas não o podem fazer.

Digo que não podem fazê-lo, por mais que a pessoa lhes preste grandes favores e faça todas as boas obras que puder, e ainda que tenha reunidas em si todas as graças da natureza; sem as condições de que falei, a vontade de amar não terá força nem poderá ser duradoura. A pessoa que ama de verdade conhece e tem

experiência de todas as coisas, não sendo possível enganá-la. Ela vê que não há semelhança entre si e aquele que deseja ser amado, bem como que é impossível perseverarem em amar uma à outra, por ser um amor que se há de acabar com a vida, já que, se a outra não guarda a lei de Deus e, em consequência, não ama a Deus, as moradas a que estão destinadas vão ser diferentes.

9. Uma alma em quem o Senhor já infundiu a verdadeira sabedoria não estima o amor que só dura em vida mais do que ele merece nem deseja amizades nele baseadas. Para quem gosta de gozar das coisas do mundo, deleites, honras e riquezas, esse amor valerá alguma coisa, se a pessoa for rica ou tiver como oferecer passatempo e recreação; para quem já aborrece tudo isso, pouco ou nada valerá.

Quando amam alguém, as almas perfeitas têm um ardente desejo de que ele seja digno do amor de Deus, porque, como eu disse,<sup>3</sup> sabem que só assim podem continuar a amá-lo. É uma amizade que lhes custa muito; elas não deixam de fazer tudo o que puderem para dar-lhe proveito, e perderiam mil vidas para que ele tivesse um pequeno bem.

Ó amor precioso, que imita o capitão do amor, Jesus, nosso bem!

## CAPÍTULO 7

CONTINUA A TRATAR DA QUESTÃO DO AMOR ESPIRITUAL E DÁ ALGUNS CONSELHOS PARA QUE ELE SEJA CONSEGUIDO.

1. É coisa estranha o amor apaixonado, que custa tantas lágrimas, tantas penitências e orações, tantos cuidados de encomendar o amigo às orações de todos os que possam valer junto a Deus! Há um desejo permanente de vê-lo beneficiar-se, e um descontentamento quando isso não acontece. Quando, julgando melhorar, vê que ele retrocede um pouco, parece que o prazer da vida lhe fugiu: não come nem dorme, cuidando apenas disso,<sup>1</sup> sempre temendo que a alma a quem tanto quer venha a se perder, afastando--se para sempre.

A morte corporal pouco lhe importa, visto não querer apegar-se a algo que, com um sopro, lhe é arrancado das mãos sem que nada se possa fazer. É, como eu disse,<sup>2</sup> um amor sem pouco nem muito interesse próprio. Tudo o que se deseja e quer é ver a alma amada plena de bens celestes. Isso é amor, não o sendo o “querer” daqui da terra, esses amores desastrosos do mundo — e nem falo dos maus. Desses, Deus nos livre!

2. Quando se trata de coisas do inferno, nunca podemos nos cansar de denegri-las, pois não é possível exagerar o menor de seus males. Essas coisas, irmãs, não devem sequer estar em nossa boca, nem devemos pensar que existam no mundo; não devemos ouvi-las nem de brincadeira nem deveras, nem consentir que, diante de nós, sejam tratadas ou narradas semelhantes amizades. Para nada isso é bom, e o simples fato de ouvi-lo pode levar à perdição.

O mesmo não ocorre, contudo, com as outras amizades, lícitas, que, como falei, devemos ter umas pelas outras, pelos nossos parentes e amigos. Nesta espécie de amor, empenhamo-nos sempre em que a pessoa amada não morra:<sup>3</sup> se lhe dói a cabeça, parece que nos dói a alma; se a vemos sofrer, lá se vai, como se diz, a nossa paciência. E tudo segue esse molde.

3. Aquele outro amor não é assim. Mesmo que, devido à fraqueza natural, sintamos alguma coisa, logo a razão vem ver se isso é para o bem daquela alma, se ela se fortalece mais na virtude e se suporta bem tudo; depois disso, roga a Deus que lhe dê paciência e a torne merecedora em suas provações. Quando vê que a alma amada tem merecimento, a razão não sente nenhuma pena, antes se alegrando e ficando consolada, muito embora preferisse assumir-lhe os sofrimentos a vê-la padecer, caso pudesse, com isso, transferir para ela o mérito e o ganho que há em sofrer, mas sem com isso se inquietar ou se desassossegar.

4. Repito:<sup>4</sup> esse amor se assemelha ao que teve por nós Jesus, nosso bom amigo, imitando-o. Assim, quem ama dessa maneira acolhe todos os sofrimentos e deixa que os outros, sem sofrer, colham os benefícios. Desse modo, muito ganham os que têm a sua amizade; e crede que quem assim ama ou deixará de ter pelo amigo particular amizade ou conseguirá de Nosso Senhor que ele siga Seu caminho, pois vai na companhia do amigo, como Santa Mônica e Santo Agostinho, para o mesmo lugar.

Seu coração não consegue tratar o amigo com fingimento, porque, quando o vê seguir caminho errado ou cometer alguma falta, logo lhe diz, sendo--lhe impossível agir de outro modo. Se não vê o amigo corrigir-se, quem ama assim não usa de lisonjas nem dissimula nada: ou ele se corrige ou a amizade acabará; porque, sem isso, a situação fica insuportável e não deve ser suportada. Para um e outro, é guerra contínua, já que essas

almas, alheias ao mundo, sem se preocupar em saber se nele se serve ou não a Deus, e que cuidem só de si, não podem se descuidar nem deixar passar coisa alguma na vida dos seus amigos, vendo até as falhazinhas. Afirmo que quem assim ama traz pesada cruz.<sup>5</sup>

5. Essa maneira de amar é a que eu queria tivéssemos pelas outras. Mesmo que no princípio não o façamos de modo tão perfeito, o Senhor haverá de aperfeiçoá-lo. Começemos por um meio-termo que, embora tenha algo de ternura, não prejudique, por não ser esta particularizada. É bom e necessário demonstrar algumas vezes ternura na amizade, e até mesmo tê-la, chegando a sentir alguns sofrimentos e enfermidades das irmãs, mesmo pequenos; porque às vezes uma coisa muito leve produz tão grande aflição numa pessoa quanto a produziria em outra um enorme sofrimento, já que há pessoas que, por natureza, se afligem muito por pouca coisa.<sup>6</sup>

Se acontece convosco o contrário, não deixeis de vos compadecer; talvez Nosso Senhor tenha querido preservar-nos dessas penas e as soframos em outras coisas. E aquilo que para nós é grave, mesmo que por si o seja, para outras pessoas será leve. Assim, nessas coisas, não julguemos por nós mesmas nem consideremos períodos em que, talvez sem esforço de nossa parte, o Senhor nos tenha sustentado, preferindo considerar característico o tempo em que tivermos estado mais fracas.

6. É muito importante este conselho para que saibamos condoer-nos dos sofrimentos alheios, por menores que sejam. Ele é especialmente útil para as almas de que falei,<sup>7</sup> porque estas, como já desejam sofrer, tudo consideram pouco, sendo muito necessário que tenham o cuidado de lembrar-se de quando eram fracas, vendo que, se agora não o são, isso não se deve aos seus próprios esforços; a relevância disso vem do fato de o demônio poder aproveitar-se dessa disposição para tirar a caridade para com o próximo, fazendo-nos perceber como perfeição o que é falta.

Em tudo é necessário ter cuidado e vigiar, pois o demônio não dorme; para quem tem mais perfeição, o cuidado e a vigilância devem ser ainda maiores, pois as tentações são muito dissimuladas em pessoas assim, já que o inimigo não se atreve a mais do que isso, razão por que as mais perfeitas só perceberão o mal quando ele já tiver sido feito. Por isso, mantenhamo-nos vigilantes e em oração; não há melhor recurso para fazer o demônio dar sinal de si, revelando as sombras em que se oculta, além da oração.<sup>8</sup>

7. Procuremos também recrear-nos com as irmãs quando estas tiverem necessidade disso, e no momento costumeiro, ainda que não seja do nosso gosto, já que, havendo prudência, tudo é amor perfeito. Assim, é bom que umas se apiedem das necessidades das outras, mas sem falta de discrição e sem contrariar o dever da obediência. Mesmo que, no íntimo, considereis duro o que a prelada mandar, não o demonstrei nem conteis a ninguém, a não ser à própria priora, e com humildade, para não provocardes muitos danos.

Procurai entender quais são as coisas que haveis de sentir e quando apiedar-vos das irmãs, sentindo sempre qualquer falta notória que nelas virdes. Aqui se mostra e exercita bem o amor; nessas circunstâncias, devemos saber sofrer diante da falta cometida pela irmã, não nos espantando com ela, pois o mesmo hão de fazer as outras irmãs diante das nossas faltas, que devem ser em número ainda maior, embora não o saibamos.

Assim, encomendemos veementemente a irmã faltosa a Deus, procurando praticar com grande perfeição a virtude contrária à falta que ela parece ter cometido. Esforçai-vos nisso, para ensinar através de obras o que a irmã talvez não entenda por palavras nem corrija por castigo. É muito comum que se pratique a virtude que se vê resplandecer na companhia. Trata-se de um bom conselho, que não deve ser esquecido.

8. Oh! Que bom e verdadeiro amor será o da irmã que puder beneficiar a todas, deixando o seu proveito pelo das outras, avançando muito em todas as virtudes e guardando com grande perfeição a sua Regra! Uma amizade como essa será melhor que todas as ternuras possíveis, que não estão presentes nem haverão de estar nesta casa — tais como “minha vida”, “minha alma”, “meu bem” e coisas semelhantes, usadas por algumas pessoas para se referirem a outras, Deixai essas palavras afetuosas para vosso Esposo, pois haveis de estar tanto com Ele, e tão a sós, que deveis tudo aproveitar, visto que Sua Majestade se digna aceitá-las, ao passo que, sendo muito usadas entre nós, não enternecem tanto o Senhor.

Na verdade, não sendo na presença do Senhor, não há sentido em usar essas palavras. Elas são muito típicas das mulheres, e eu não gostaria, filhas minhas, que o fôsseis em nada, nem que o parecêsseis, mas que vos assemelhásseis a varões fortes; se fizerdes o que está em vossas mãos, o Senhor vos fará tão varonis que os homens vão se espantar. E como isso é fácil para Sua Majestade, que nos fez a partir do nada!

9. É também uma boa mostra de amor procurar aliviar as irmãs do trabalho, tomando a si os ofícios da casa, o mesmo ocorrendo com o alegrar-se e louvar muito ao Senhor pelo progresso que observar em suas virtudes. Todas essas coisas, deixando de lado o bem que constituem em si, muito contribuem para a paz e o

acordo entre todas, como o vemos agora por experiência, graças à bondade de Deus. Queira Sua Majestade fazer-nos avançar nisso sempre, porque o contrário seria uma coisa terrível, e muito difícil de suportar; que Deus não permita que sejamos poucas e mal-comportadas!

10. Se por acaso vos escapar alguma palavrinha dita de repente, corrigi logo a situação e orai muito. Quando qualquer coisa como essa perdurar, sejam grupinhos, desejos de ser mais do que as outras ou questiúnculas ligadas à honra (e parece que o sangue gela em minhas veias quando escrevo isto, só de pensar que algum dia essas coisas venham a acontecer, pois vejo ser esse o principal mal dos mosteiros), quando isso acontecer, dai-vos por perdidas.

Pensai e crede que expulsastes vosso Esposo de casa e que O obrigastes a procurar outra pousada, pois O deixastes fora do Seu lar. Clamai a Sua Majestade. Procurai remediar a situação; e, se com tantas confissões e comunhões, não vos corrigirdes, temei pela existência de algum Judas.

11. Que a priori, por amor de Deus, tudo faça para não o permitir, corrigindo-o desde o princípio, pois nele está todo o dano ou solução;<sup>9</sup> a que ela perceber ser causa de alvoroço haverá de ser encaminhada a outro mosteiro; Deus criará condições para isso. Afastai de vós essa pestilência; cortai como puderdes os ramos e, se isso não bastar, arrancai a raiz.

E, quando isso não for possível, que quem agir mal não saia do cárcere; isto é muito melhor do que permitir que todas adquiram tão incurável peçonha. Oh, quão grande é esse mal! Deus vos livre do mosteiro onde ele entrar; eu antes preferia que entrasse um fogo que nos abrasasse a todos. Como em outro lugar creio que vou falar mais disso — por ser uma coisa tão importante —, não me alongo mais aqui.<sup>10</sup>

## CAPÍTULO 8

TRATA DO GRANDE BEM QUE É DESAPEGAR-SE INTERIOR  
COISAS QUE HÁ.

E EXTERIORMENTE DE TODAS AS

1. Falemos agora do desapego que devemos ter, porque nisso está tudo, se o guardamos com perfeição. Digo que tudo está aqui porque, quando nos apegamos apenas ao Criador e consideramos nada todas as coisas criadas, Sua Majestade nos infunde as virtudes de maneira tal que nós, trabalhando pouco a pouco de acordo com as nossas forças, não teremos mais lutas a travar, pois o Senhor toma a si a nossa defesa contra os demônios e contra o mundo inteiro.

Pensais, irmãs, ser pouco benefício procurar entregar-nos sem reservas ao Todo? E, como Nele estão todos os bens, como digo, louvemo-Lo muito, irmãs, por nos ter reunido aqui, onde não se trata de outra coisa além disso. Assim, não sei para que o digo, pois todas vós que aqui vos encontrais podeis ensiná-lo a mim; confesso não ter, nesta questão tão importante, a perfeição tal como a desejo e entendo que convém,<sup>1</sup> o mesmo ocorrendo no tocante a todas as virtudes, pois é mais fácil escrever do que fazer. E, mesmo nisso, não acerto muito, pois às vezes é preciso ter experiência da coisa para dela falar; por isso, se eu acertar, é porque fiz o contrário do que compõe essas virtudes.

2. No tocante ao exterior, já se vê quão afastadas estamos de tudo.<sup>2</sup> Ó irmãs, entendei, por amor de Deus, a grande graça que o Senhor concedeu às que trouxe para cá, e que cada uma pense nisso profundamente consigo mesma: sendo apenas doze, quis Sua Majestade que cada uma de vós fosse uma delas. E quantas de vós, sendo melhores que eu, tomaríeis de bom grado este lugar que o Senhor me deu, apesar de tão pouco merecimento! Bendito seiais Vós, meu Deus, e que Vos louve toda a criação, visto que não Vos posso agradecer devidamente por essa graça, nem pelas muitas outras que me concedestes — foi enorme o favor de me concederdes o estado religioso.

E, como me mostrei tão ruim, não confiastes em mim, Senhor, porque, onde havia muitas boas monjas reunidas, a minha vida poderia se acabar sem que se percebesse a minha ruindade; assim, trouxestes-me para onde, sendo elas tão poucas, fosse impossível não se ver essa ruindade, a fim de que eu andasse com mais cuidado e ficasse liberta de todas as ocasiões. Já não há desculpa para mim, Senhor, eu o confesso, sendo ainda mais necessária a Vossa misericórdia para que me perdoeis as faltas que eu vier a cometer.

3. O que vos peço muito é que quem se der conta de que não foi feita para levar a vida habitual daqui não deixe de dizê-lo; há outros conventos onde também se pode servir ao Senhor. Que ninguém perturbe estas poucas almas que Sua Majestade aqui reuniu. Em outros lugares há liberdade para se consolarem com os parentes; aqui, quando se admitem alguns deles, é para que eles se consolem.

A monja que desejar ver os parentes para obter consolo, caso eles não sejam pessoas de oração, deve considerar-se imperfeita e crer que não se desapegou, não está sã, não terá liberdade de espírito nem paz perfeita, precisando de um médico. E afirmo que, se o mal não deixar de acometê-la e ela não sarar, não foi feita para esta casa.

4. A melhor solução que vejo é que não encontre os parentes até ver-se liberta, conseguindo-o do Senhor por meio de muita oração. Quando estiver no ponto em que as visitas forem encaradas como uma cruz, que em boa hora os veja, pois então os beneficiará sem se prejudicar.<sup>3</sup>

## CAPÍTULO 9

FALA DO GRANDE BENEFÍCIO QUE É PARA OS QUE DEIXARAM O MUNDO FUGIR DOS PARENTES;  
DIZ QUE SE ACHAM AMIGOS BEM MAIS VERDADEIROS.

1. Oh, se nós, religiosas, soubéssemos o malefício que nos vem das muitas relações com os parentes, como fugiríamos deles! Eu não entendo que consolo eles podem trazer — mesmo deixando de lado aquilo que a Deus pertence, e falando apenas do nosso sossego e descanso —, pois de seus folguedos não podemos nem é lícito gozar, mas sim sentir os sofrimentos por que passam — não deixamos de lamentar nenhum, às vezes chorando mais do que quem os suporta. É certo que, se eles nos regalam o corpo, bem o paga o nosso espírito. Aqui, estais livres disso, porque, sendo tudo comum e não podendo nenhuma ter bens particulares, a esmola recebida se destina a todas, e aquela que a recebe não tem de retribuir ao doador por isso, pois já sabe que o Senhor provê a necessidade de todas em conjunto.

2. Fico pasma com o prejuízo causado pelo contato com os parentes; creio que só o acredita quem tem experiência. E quão esquecida parece estar hoje em dia nas Religiões essa perfeição.<sup>1</sup> Não sei o que deixamos do mundo quando dizemos que tudo deixamos por Deus se não nos afastamos do principal, que são os parentes. Já chegamos a tal ponto que se considera falta de virtude o fato de os religiosos não desejarem contato nem o terem muito com seus parentes. E ainda se afirma isso apresentando várias razões!

3. Nesta casa, filhas, tende muito cuidado de encomendá-los a Deus, pois isso é justo; quanto ao mais, devemos afastá-los da lembrança o máximo possível, porque é natural que o nosso coração se apegue mais a eles do que a outras pessoas.

Fui muito querida por eles, ao que diziam, e eu os amava tanto que não lhes permitia se esquecerem de mim. E tenho a experiência, pessoal e contada por outras, de que, afora os pais (que só por milagre deixam de se lembrar dos filhos, não sendo conveniente que nos tornemos estranhos a eles quando precisarem de consolo, desde que isso não nos prejudique no principal, por poder ser feito com desapego — aplicando-se o mesmo aos irmãos), todos os outros parentes — mesmo diante dos grandes sofrimentos por que passei — foram os que menos me ajudaram neles, ao contrário dos servos de Deus.<sup>2</sup>

4. Crede, irmãs, que, servindo ao Senhor como deveis, não encontrareis melhores parentes que os que Sua Majestade vos enviar — eu sei que é assim. Firmando-vos nisso, como estais, e entendendo que ao fazer outra coisa ofendeis ao vosso verdadeiro amigo e Esposo, crede que muito em breve ganhareis esta liberdade, a de confiar, mais do que em todos os vossos parentes, naqueles que vos amarem apenas por Ele; estes não vos faltarão e, em quem menos pensais, encontrareis pais e irmãos. Porque, como pretendem a recompensa de Deus, estes tudo fazem por nós; aqueles que a pretendem de nós, vendo-nos pobres e percebendo que em nada podemos beneficiá-los, cedo se cansam. E ainda que isso não seja sempre assim, esse é o costume de hoje no mundo, porque, enfim, o mundo é o mundo.

Não acrediteis em quem vos disser outra coisa, afirmando ser ela virtude; se eu fosse contar todo o malefício que essas outras coisas trazem consigo, muito me alongaria e, como outros que sabem muito melhor o que dizem têm escrito sobre isso, basta o que eu já falei. Parece-me, pois, que, sendo eu tão imperfeita, ainda assim compreendi tanto disso, o que não acontecerá com os que são perfeitos?

5. Todos os conselhos dos santos que nos recomendam fugir do mundo são claramente bons. Pois crede-me: o que mais nos apegamos ao mundo, como eu disse,<sup>3</sup> são os parentes, sendo eles o que mais dificuldade temos de abandonar. Por isso, fazem bem os que fogem de sua terra, se isso lhes for de proveito, é claro, pois não acredito que a solução esteja na fuga do corpo, mas sim na determinação da alma de abrigar-se junto ao bom Jesus, Senhor nosso. Aí, como encontra tudo, a alma tudo esquece. Todavia, é de grande ajuda afastar-nos enquanto não tivermos compreendido essa verdade, pois pode ser que depois o Senhor, para nos dar cruz na própria coisa em que costumávamos ter prazer, venha a desejar que tenhamos contato com os parentes.



## CAPÍTULO 10

AFIRMA QUE NÃO BASTA DESAPEGAR-SE DO QUE FOI DITO SE NÃO NOS DESAPEGARMOS DE NÓS  
MESMAS, E DIZ QUE ESSA VIRTUDE ESTÁ UNIDA À HUMILDADE.

1. Desapegadas do mundo e dos parentes e encerradas aqui nas condições de que falei, parece que já fizemos tudo e que já não há combate a travar. Ó irmãs minhas, não vos considereis seguras nem abandoneis a vigilância, pois acontecerá convosco o que se passa com quem se deita muito sossegado, por ter fechado muito bem as portas por temor aos ladrões, mas que os deixa dentro da casa. E já sabeis que não há pior ladrão do que o que fica em casa, pois ficamos nós mesmas e, se não tivermos grande cuidado e cada uma, em prol do que há de mais importante, não se empenhar em contrariar a própria vontade, muitas coisas haverá a impedir essa santa liberdade de espírito que permite à alma voar para o seu Criador sem um peso de terra e de chumbo.

2. Para isso, importa muito ter sempre presente a vaidade de todas as coisas e sua curta duração. Assim, tiram-se as afeições das coisas fúteis, ficando elas livres para se concentrar no que nunca há de se acabar. Embora pareça um recurso insignificante, isso muito fortalece a alma. Ponde muita atenção nas coisas pequenas e, se vos afeiçoardes a alguma criatura, procurai afastar dela o pensamento e voltá-lo para Deus, pois Sua Majestade há de ajudar. E Ele nos fez uma grande graça ao nos trazer para esta casa, em que o principal está feito, embora<sup>1</sup> desapegar-nos de nós mesmas e sermos contra nós mesmas seja coisa dolorosa, pois estamos muito juntas e muito nos amamos.

3. Entra aqui a verdadeira humildade, pois esta e aquela<sup>2</sup> virtude andam, ao meu ver, sempre juntas; são duas irmãs inseparáveis. Desses parentes eu não vos aconselho a fugir, mas a abraçá-los e a amá-los, nunca estando sem eles. Ó soberanas virtudes, senhoras de todo o criado, imperatrizes do mundo, libertadoras de todos os laços e armadilhas criados pelo demônio, tão amadas por Cristo, nosso mestre, que em nenhum instante se viu sem elas!

Quem as tiver bem pode lançar-se a combater todo o inferno junto, bem como o mundo inteiro e suas ocasiões; não tenha medo de ninguém, pois seu é o reino dos céus; não tem a quem temer, pois pouco se importa de tudo perder, e nem isso considera perda. Seu único temor é descontentar a seu Deus; vive a suplicar-Lhe que o conserve nessas virtudes para que não venha a perdê-las por culpa sua.

4. É verdade que essas virtudes têm a capacidade de se ocultar da pessoa que as possui, de modo que ela nunca as vê nem chega a acreditar que as tem, mesmo que lhe digam. Mas ela as tem tanto que sempre procura tê-las; assim, vai aperfeiçoando-as em si cada vez mais, sendo bem fácil descobrir os que as têm, pois logo se dão a conhecer aos que com eles têm contato, mesmo que não o queiram.

Mas que destino o meu! Pôr-me a louvar a humildade e a mortificação estando elas tão louvadas pelo Rei da glória e tão confirmadas por tantos trabalhos Seus! Pois, filhas minhas, trata-se de trabalhar para sair da terra do Egito, já que, fazendo isso, achareis o maná. Todas as coisas serão saborosas para vós e, por mais amargas que sejam para o paladar das pessoas do mundo, para vós serão doces.<sup>3</sup>

5. Agora, a primeira coisa a fazer é afastar de nós o amor pelo corpo. Algumas de nós são tão comodistas por natureza e tão amigas da própria saúde que há muito o que fazer aqui, devendo-se louvar a Deus pela guerra que isso exige, das monjas em especial, e até de quem não o é. Mas parece que algumas de nós só vieram ao mosteiro para tentar não morrer, e cada qual procura isso como pode. Na verdade, não há aqui muitas condições para isso, ao menos na prática, mas eu gostaria que sequer houvesse o desejo.

Decidi-vos, pois, irmãs; viestes para morrer por Cristo, e não para viver ao bel-prazer por Ele. O demônio incute a idéia de que é preciso tratar bem de si “para observar e guardar as regras da Ordem”. E tanto se procuram guardar essas regras mediante a manutenção da saúde que se acaba morrendo sem tê-las cumprido inteiramente por um mês, e às vezes nem por um dia. Não sei para que estamos aqui.

6. Não temais que nos falte bom senso no tocante a isso por algum milagre; logo temem os confessores que cheguemos a nos matar com penitências. E nos aborrece tanto essa falta de bom senso que quisera eu tivéssemos o mesmo zelo para com as outras coisas! Quem faz o contrário por certo não vai se ofender por eu dizer isto, nem me incomoda se disserem que julgo por mim, pois é verdade. Acredito que, por isso, o Senhor deseja que sejamos mais doentes; ao menos a mim, o fato de o ser foi uma grande misericórdia, porque o Senhor, vendo que eu haveria de me regalar de qualquer maneira, quis que fosse com causa.

É ruim andarem as monjas entregues aos tormentos que impõem a si mesmas; e algumas vezes elas têm o desejo de fazer penitência sem critério nem sentido — penitência que, por assim dizer, dura dois dias. Depois, o demônio põe em sua imaginação que isso as prejudicou, fazendo-as temer as penitências e impedindo-as de mais tarde cumprir o que manda a Ordem, alegando “que já o experimentaram”.

Não guardamos pequenas exigências da Regra — como o silêncio, que não há de nos fazer mal — nem nos dói a cabeça quando deixamos de ir ao coro — que tampouco nos mata —, mas queremos inventar penitências para que não possamos fazer nem uma coisa nem outra. Às vezes, o mal é pequeno, mas nos parece que não estamos obrigadas a fazer nada, porque, ao pedir licença, já cumprimos o dever.

7. Poderíeis dizer: mas para que a priora dá a licença? Se conhecesse o interior da pessoa, talvez não a desse. Contudo, como lhe dizeis que há necessidade, e como não falta médico que reforce a alegação, levado pela mesma informação que lhe dais, bem como uma amiga ou parente que chore ao lado, o que ela pode fazer? A priora teme faltar com a caridade e antes quer que vós falteis do que ela faltar.<sup>4</sup>

8. Coisas como essas podem acontecer de quando em vez. Para que vos guardeis delas, eu as assinalo aqui. Se o demônio começar a nos amedrontar com a possibilidade de perda da saúde, nunca faremos nada. Que o Senhor nos dê luz para acertar em tudo. Amém.

## CAPÍTULO 11

CONTINUA A DISCORRER SOBRE A MORTIFICAÇÃO; AFIRMA  
ENFERMIDADES.

QUE É PRECISO ADQUIRI-LA NAS

1. Parece-me imperfeição, irmãs minhas, queixar-nos sempre de males insignificantes; se puderdes sofrerem em silêncio, não vos queixeis. Quando é grave, o mal queixa-se por si mesmo; o queixume é diferente e logo transparece.<sup>1</sup> Vede que sois poucas e que, se uma tem esse costume, tanto basta para cansar a todas, se vos amais e houver caridade. Contudo, quem tiver um mal verdadeiro deve revelá-lo e tomar o remédio necessário; pois, se perdeis o amor-próprio, sentireis tanto qualquer alívio que não deveis temer tomar o remédio sem necessidade nem vos queixar sem causa. Quando há causa, é muito pior encobri-la do que, sem que haja, tomar o remédio; e seria grande erro das irmãs não se apiedar de quem está nessa situação.

2. Ficai, porém, certas de que, onde há caridade e tão poucas irmãs, nunca há de faltar o cuidado de vos proporcionar a cura. Mas as fraquezas e malezinhos de mulher deveis esquecer, pois algumas vezes é o demônio que nos põe na mente essas dores, que vão e vêm. Se não se perder o costume de falar para se queixar de tudo, exceto se for a Deus, será um nunca acabar.<sup>2</sup> Porque nosso corpo tem um defeito: quanto mais cuidamos dele, mais necessidades ele descobre. É espantoso o quanto ele gosta de ser cuidado; e, como aqui encontra um bom pretexto, por menor que seja a necessidade, ele engana a pobre alma para que ela não progrida.

3. Lembrai-vos dos tantos pobres enfermos que não têm a quem se queixar. Assim, não podeis ser a um só tempo pobres e regaladas. Lembrai--vos também de muitas mulheres casadas que, sofrendo graves males, não ousam se queixar para não enfadar os maridos, mesmo quando muito padecem — sei que há muitas, e pessoas de alta condição. Ai de mim, pecadora! Por certo não viemos para cá a fim de ser mais mimadas que elas.

Oh, já que estais livres dos grandes sofrimentos do mundo, sabeis sofrer um pouco por amor a Deus, sem que todos tenham de sabê-lo! Se uma mulher infeliz no casamento, para que o marido não saiba que ela fala e se queixa, sofre suas desventuras sem desabafar com ninguém, não passaríamos por problemas, entre Deus e nós, decorrentes dos nossos pecados? Ainda mais que quase nada se aplaca do mal com o desabafo.

4. Em tudo o que eu disse, não falei de doenças graves com febre alta — embora eu sempre peça moderação e paciência. Referi-me a pequenos achaques que podemos agüentar de pé. Mas que ocorreria se alguém lesse isto fora desta casa? Que diriam de mim todas as monjas? De boa vontade eu suportaria todas as reclamações se alguma se corrigisse! Porque basta que uma aja assim para que a coisa chegue a um ponto em que, na maioria das vezes, não se acredita em nenhuma, por mais grave que seja o seu mal.<sup>3</sup>

Recordemo-nos de nossos santos Padres do passado, os eremitas, cuja vida pretendemos imitar: que terão eles enfrentado de dores, e a sós, bem como de frios, fome, sol e calor, sem ter a quem se queixar senão a Deus? Pensais que eles eram de ferro? Pois eram tão delicados quanto nós. E crede, filhas, que, se começarmos a vencê-los, estes corpinhos não nos cansarão tanto. Sempre há quem se encarregue do necessário; descuidai-vos de vós mesmas, se não for uma necessidade reconhecida. Se não nos decidirmos a vencer de uma vez por todas a morte e a falta de saúde, nunca faremos nada.

5. Enfrentai-as sem temor e entregai-as a Deus, aconteça o que acontecer. Que importa que morramos? Se o corpo zomba de nós tantas vezes, por que não zombaríamos dele também alguma? E crede que essa determinação é mais importante do que podemos entender; porque, se aos poucos superarmos o corpo, ao fim de algum tempo seremos, com o favor de Deus, senhoras dele. E vencer tal inimigo é muito bom para triunfar na batalha desta vida. Faça-o o Senhor como puder. Acredito que só consegue entender a relevância deste conselho quem já goza da vitória, que é tão grande, ao meu ver, que ninguém deixaria de sofrer para alcançar esse sossego e domínio.

## CAPÍTULO 12

TRATA DE COMO DEVE DESDENHAR A VIDA E A HONRA QUEM VERDADEIRAMENTE AMA A DEUS.

1. Passemos a outras coisas igualmente importantes, embora pareçam insignificantes. Muito difícil parece tudo, e com razão, por tratar-se de guerra contra nós mesmas. Mas, quando a alma começa a esforçar-se, Deus age tanto nela e lhe concede tantas graças que tudo quanto se possa fazer nesta vida lhe parece pouco. Nós, monjas, fazemos o mais difícil, que é renunciar à liberdade por amor a Deus, entregando-a a outrem e passando por muitos sofrimentos, por jejuns, silêncio, encerramento, assistência ao coro — a ponto de, por mais que tentemos satisfazer-nos, é raro conseguirmos. E talvez só eu o tenha feito em muitos conventos por que passei. Assim, por que nos preocuparíamos em mortificar o interior? Porque essa mortificação torna tudo isso muito mais meritório e perfeito, ajudando-nos a cumprir as obrigações com muito mais suavidade e descanso. Vamos adquirindo a virtude aos poucos, resistindo à nossa vontade e apetites, mesmo em coisas diminutas, até sujeitar inteiramente o corpo ao espírito.<sup>1</sup>

2. Repito:<sup>2</sup> tudo, ou grande parte, reside em deixar o cuidado de si mesmo e das próprias comodidades, porque quem começa a servir ao Senhor verdadeiramente o mínimo que pode Lhe oferecer é a vida; se já entregou sua vontade, o que teme? Claro está que o verdadeiro religioso ou pessoa de oração que pretende obter graças de Deus não pode recusar o desejo de morrer pelo Senhor e de por Ele sofrer martírio.

Pois já não sabeis, irmãs, que a vida do bom religioso que deseja ser um dos amigos mais chegados de Deus é um longo martírio? Longo porque, em comparação com o dos que logo eram degolados, pode ser considerado assim; mas toda vida é curta, e algumas, curtíssimas. E como poderemos saber se a nossa será tão curta que, na hora ou no momento em que nos determinemos a servir de todo a Deus, venha a se acabar? Isso é possível. Enfim, não devemos nos apegar às coisas perecíveis; e, pensando que cada hora é a última, quem não vai se esforçar? Acreditai em mim: pensar isso é o mais seguro.

3. Dessa maneira, empenhemo-nos em contradizer por todos os meios a nossa vontade; porque, se tiverdes esse cuidado, como eu disse,<sup>3</sup> sem saber como pouco a pouco estareis no auge. Mas quão rigoroso parece dizer que não tenhamos prazer em nada! Isso ocorre porque não se diz que gostos e prazeres traz consigo essa contradição, nem o que se ganha com ela ainda nesta vida! Quanta segurança! Aqui, como todas costumam fazê-lo, o mais difícil está feito. Vós despertais e ajudais umas às outras. Nisso, cada qual deve procurar ir à frente das outras.

4. Tenha-se muito cuidado no tocante aos movimentos interiores, em especial no que se refere às primazias. Deus nos livre, por sua Paixão, de dizer ou mesmo pensar, detendo-nos aí, “se sou mais antiga”, “se tenho mais anos”, “se tenho trabalhado mais”, “se tratam outra melhor que a mim”. Se esses pensamentos vierem, deveis combatê-los de imediato, porque, se vos demorardes neles ou os puserdes em prática, instalar-se-á a pestilência, de que nascem grandes males.<sup>4</sup> Se tiverdes priora que consinta nessas coisas, por pouco que seja, crede que, por vossos pecados, Deus o permitiu para que vós começasseis a caminhar para a ruína. Rezai com insistência para que Ele remedie a situação, pois estareis correndo grande perigo.

5. Alguém poderá perguntar por que insisto tanto nisso e falo com tanto rigor se Deus concede graças a quem não está tão desapegado. Creio que o Senhor, com Sua sabedoria infinita, acha que isso é conveniente para levar-vos a tudo deixar por Ele. Não designo por “deixar” entrar numa Ordem religiosa, porque pode haver empecilhos; além disso, a alma perfeita pode ser despreendida e humilde em qualquer lugar, mesmo com maiores esforços. Isso, é claro, não quer dizer que um ambiente adequado não favoreça.

Mas, acreditai-me, se houver questões de honra ou de dinheiro (e isso tanto pode acontecer nos mosteiros como fora deles, embora neles, como as ocasiões são menos freqüentes, maior é a culpa), mesmo que se tenha

anos de oração (ou, melhor dizendo, de meditação, porque a oração perfeita termina por eliminar os ressentimentos), nunca se poderá florescer muito nem chegar a fruir o verdadeiro fruto da oração.

6. Vede se isso vos toca em alguma coisa, irmãs, pois não estais aqui para outra coisa. Com essas desavenças, não ficareis mais honradas e perdereis o proveito que poderíeis obter; assim sendo, a desonra e o prejuízo caminham juntos aqui.<sup>5</sup>

Que cada uma de vós veja em si mesma o que tem de humildade, e verá que proveito obteve. Tenho a impressão de que o demônio não se atreverá a tentar em questões de primazia o verdadeiro humilde, ainda que bem suavemente. O inimigo, sagaz como é, teme o golpe. É impossível que a pessoa humilde não ganhe mais força e aproveitamento nesta virtude, caso venha a ser tentada por aí. Porque, naturalmente, ela revê, nessa tentação, a sua vida passada, comparando o serviço que prestou com o que deve ao Senhor, bem como o enorme favor que Ele fez ao humilhar a Si Mesmo para nos deixar um exemplo de humildade. Ela considera também os seus pecados e pensa no lugar onde deveria estar por causa deles. A alma sai disso tão bem que não ousa voltar<sup>6</sup> outro dia para não ter quebrada a cabeça.

7. Segui este meu conselho e não o esqueçais. Não só no interior (se assim não fosse, grande mal seria), mas no exterior, procurai fazer com que as irmãs tirem proveito de vossas tentações. Se quereis vingar-vos do demônio e livrar-vos mais depressa da tentação, tão logo ela vos assalte, pedi à prelada que vos mande realizar alguma tarefa inferior ou lutai como puderdes. No tocante a isso, refleti sobre o modo de sujeitar a vossa vontade em coisas que vos contrariam, pois o Senhor far-vos-á descobrir as ocasiões, o que vai levar a tentação a durar pouco.<sup>7</sup>

Deus nos livre de pessoas que, desejosas de servi-Lo, se lembrem da própria honra. Vede ser isso pouco lucro e, como eu disse,<sup>8</sup> perde-se a honra com desejá-la, em especial no tocante à primazia. Não há veneno no mundo que mate com tanta eficiência quanto essas coisas matam a perfeição.

8. Direis que se trata de coisinhas naturais que não devem ser levadas em conta. Não vos deixeis enganar, pois isso cresce como espuma, e não há nada pequeno em perigo tão grande quanto as questões de honra e as suscetibilidades, que nos levam a sentir as ofensas. Sabeis por que é assim, sem falar de muitas outras coisas?

Uma irmã começa com um pequeno melindre, um quase nada. Mas logo o demônio faz outra dar-lhe maior dimensão, pensando até ser caridade dizer à primeira que não sabe como ela suporta aquela ofensa, que Deus lhe dê paciência, que ela deve oferecê-la a Ele, que um santo não sofreria mais. Assim, induz aquela a ficar tentada a se vangloriar, mesmo quando decide sofrer com resignação, muito embora não tenha suportado a ofensa com a devida perfeição.

9. Deve-se isso à nossa natureza tão fraca, que, mesmo quando dizemos a nós mesmas que não há razão para sofrer, nos leva a pensar que fizemos alguma coisa e a senti-lo, ainda mais quando vemos que alguém o sente por nós. Assim, a alma vai perdendo as oportunidades que lhe foram dadas para o seu merecimento, ficando mais fraca e abrindo a porta ao demônio, para que este retorne com outra coisa pior. Pode também acontecer, mesmo quando a irmã deseja suportá-lo, que alguém lhe diga que ela é tola, pois é bom que se sintam essas coisas.<sup>9</sup> Oh, por amor de Deus, irmãs minhas, que nenhuma de vós seja movida pela caridade indiscreta de mostrar pena de outra em matérias referentes a ofensas imaginárias. Essa pena é a mesma que os amigos do santo Jó tiveram por ele,<sup>10</sup> e sua mulher.

## CAPÍTULO 13

CONTINUA A FALAR DA MORTIFICAÇÃO E EXPLICA COMO É IMPORTANTE FUGIR DAS QUESTÕES DE HONRA E DAS RAZÕES DO MUNDO, A FIM DE CHEGAR À RAZÃO VERDADEIRA.

1. Muitas vezes repito, irmãs, e agora quero deixar escrito aqui, para que não seja esquecido, que todas desta casa, bem como toda pessoa que quiser alcançar a perfeição, fujam em desabalada carreira de expressões como “tive razão”, “fizeram-me isso sem razão”, “não teve razão quem fez isso comigo”... Das más razões nos livre Deus. Parece-vos que havia razão para que o nosso bom Jesus sofresse tantas injúrias e tivesse infligidos a si tantos sofrimentos?

Não sei para que está no mosteiro quem não quer carregar uma cruz a não ser aquela que muito se fundamente em razões; que volte para o mundo, onde também suas razões não serão respeitadas. Porventura sofreis tanto que não ficais a dever mais? Que razão é essa? Eu por certo não a entendo.

2. Quando vos honrarem, distinguirem ou forem delicados convosco, brandi então essas razões, pois sem dúvida tratar-nos assim nesta vida é contra a razão. Mas quando vos dirigirem ofensas — pretensas ofensas —, não sei o que havereis de dizer. Somos ou não esposas de rei tão importante? Se o somos, que mulher

honrada haverá que não participe, mesmo que por sua vontade não o queira, das desonras praticadas contra o seu Esposo? Mas, seja como for, da honra ou da desonra participam um e outro. Pois é disparate partilhar do Seu reino e dele gozar sem querer participar das desonras e sofrimentos.

3. Que Deus não nos permita querer isso. Pelo contrário, aquela que tiver a impressão de ser a menos considerada deve ter-se como a mais feliz. E assim é, se o soubermos encarar como devemos, pois não lhe faltará honra nesta nem na outra vida. Acreditai em mim. Mas que disparate o meu, ao pedir que acrediteis em mim, se é a verdadeira sabedoria que o diz.<sup>1</sup>

Filhas minhas, imitemos um pouco a grande humildade da Virgem Santíssima, cujo hábito trazemos, pois é muito impróprio nos chamarmos monjas suas, já que, por mais que tenhamos a impressão de nos humilhar, bem longe estamos de ser filhas de tal Mãe e esposa de tal Esposo.

Assim, se as coisas de que falei não forem combatidas com diligência, o que hoje não parece nada amanhã talvez seja pecado venial. Elas são tão indigestas que, se não tiverdes cuidado, o problema não vai parar por aí. São coisas muito ruins para congregações.

4. Nós que vivemos nelas deveríamos atentar muito para isso, a fim de não causar dano a quem trabalha para nos fazer o bem e nos dar bom exemplo. Se compreendêssemos o grande mal que se faz ao iniciar um mau costume, antes desejaríamos morrer do que ser causa disso;<sup>2</sup> porque sofreríamos a morte corporal, ao passo que a perda de almas é gravíssimo mal, um mal que parece não se acabar. Porque, mortas umas, morrem outras, e talvez todas sigam mais um mau costume que tenhamos introduzido do que muitas virtudes. O demônio não deixa o mau costume decair, ao passo que a própria fraqueza natural nos faz perder as virtudes.

5. Oh, que grandíssima caridade faria, e que grande serviço a Deus, a monja que, vendo em si que não pode seguir os costumes desta casa, o reconhecesse e partisse! Vede que isso é o que lhe cabe fazer se não desejar ter um inferno aqui na terra, e queira Deus que não tenha outro lá,<sup>3</sup> pois há muitas razões para temer isso, e talvez nem ela nem as outras as entendam como eu.

6. Crede em mim; do contrário, o tempo será minha testemunha. Porque o estilo de vida que pretendemos ter não se limita a sermos monjas, exigindo que sejamos eremitas; assim, desapeguemo-nos de todas as coisas criadas. Vejo que o Senhor concede essa graça àquelas a quem escolheu particularmente para este lugar. E, mesmo que não seja logo com toda a perfeição, vê--se que já há em vós um grande progresso nesse sentido, pelo grande contentamento e alegria que revelais por estardes livres das coisas da vida e pelo prazer que tendes em todas as da religião.

Repito: quem se inclinar para as coisas do mundo deve partir se não vir que faz progressos; se ainda quiser ser monja, deve ir para outro mosteiro e, se não, verá o que acontece. Não se queixe de mim, que iniciei este, por não tê-la avisado.

7. Esta casa é um céu, se pode haver um na terra. Para quem só se contenta em agradar a Deus, não dando importância ao seu próprio prazer, leva-se uma vida muito boa. Quem quiser mais alguma coisa tudo vai perder, porque não a pode ter. E uma alma descontente é igual a uma pessoa com grande fastio, a quem repugna qualquer alimento, por melhor que seja; aquilo que as pessoas sãs comem com grande gosto lhe provoca náuseas.

Semelhante alma se salvará melhor em outro lugar, e pode ser que, pouco a pouco, alcance a perfeição que não conseguiu suportar aqui por ser apresentada toda de uma vez. Porque, embora no interior se espere por algum tempo até que a alma se desapegue de todo, mortificando-se, no exterior exige-se que seja logo. Aquela que, vendo que todas o fazem e estando sempre em tão boa companhia, não aproveitar em um ano, temo que não aproveite mais, e sim menos, em muitos. Não digo que todas se igualem em perfeição, mas que pelo menos mostrem que vão recuperando a saúde, pois logo se vê quando o mal é de morte.

## CAPÍTULO 14

EXPLICA QUÃO IMPORTANTE É NÃO PERMITIR A PROFISSÃO DE NENHUMA PESSOA CUJO  
ESPÍRITO SEJA CONTRÁRIO ÀS COISAS QUE FORAM DITAS ATÉ AGORA.

1. Estou bem certa de que o Senhor favorece muito a quem se determina com fervor, sendo por isso necessário levar em conta a intenção da pessoa que entra na Ordem. Não pode ser unicamente para ter um meio de vida (como acontece com muitas), se bem que o Senhor possa aperfeiçoar essa intenção, se a pessoa tiver bom entendimento; porque, se não o tiver, de nenhum modo deve ser admitida, já que nem entenderá por que entra nem vai aceitar o esforço de quem a quiser levar a maior perfeição. Na maioria das vezes, quem tem

essa falha sempre tem a impressão de saber mais o que lhe convém do que os sábios; esse é um mal que considero incurável, porque só por milagre deixa de trazer consigo a malícia. Onde há muitas religiosas, poderá ser tolerado, mas, entre tão poucas, não é admissível.

2. Um bom entendimento, caso comece a amar o bem, apega-se a ele com vontade, pois vê ser o mais acertado; e, se isso não servir para aperfeiçoar o espírito, vai servir para que se aconselhe sensatamente, assim como para muitas coisas, sem cansar ninguém. Quando ele falta, não sei que proveito a pessoa possa trazer à comunidade, sendo possível, em vez disso, que muito a prejudique.

Esse defeito não é identificado com facilidade, porque muitas falam bem e entendem mal, enquanto outras falam pouco, e discretamente, tendo capacidade para muita perfeição. Porque há algumas simplicidades santas que pouco valem nos negócios e no estilo do mundo, mas que são muito valiosas para tratar com Deus. Por essa razão, é preciso ter informação confiável para aceitar as pessoas, bem como muita provação para deixar que professem. Entenda de uma vez o mundo que tendes liberdade para recusá-las e que, em mosteiro com muitas austeridades, haverá muitas ocasiões para isso, não devendo ninguém se ofender se vir ser esse o vosso costume.

3. Digo isso porque são tão desventurados estes tempos, e tanta a nossa fraqueza, que não basta considerar a tradição dos nossos antepassados para que deixemos de respeitar aquilo que hoje é tido por honra, temendo ofender os parentes. Queira Deus que nós, que as admitimos, não o paguemos na outra vida, já que nunca faltam oportunidades para que expliquemos ser necessário recusar quem não atenda os requisitos.<sup>1</sup>

4. Esse é um assunto que cada uma de vós devia considerar e encomendar a Deus, estimulando ao mesmo tempo a prelada, por ser da maior importância. Assim, suplico a Deus que vos ilumine nisso, pois é um grande bem não receberdes dotes, visto que, onde eles são recebidos, pode acontecer de, para não restituir o dinheiro já gasto, admitir-se em casa o ladrão que há de levar o verdadeiro tesouro, o que não causa pouca lástima. Quanto a isso, não tendes pena de ninguém, porque causaríeis a dano daquelas a quem pretendêsseis beneficiar.

## CAPÍTULO 15

DISCORRE SOBRE O GRANDE BEM QUE HÁ EM NÃO SE DESCULPAR, MESMO QUANDO SE É  
CONDENADO SEM CULPA.

1. Causa-me grande confusão o que vos vou dizer, porque eu deveria ter praticado ao menos um pouco as recomendações que vos faço a respeito dessa virtude. Confesso que quase nada progredi nela. Nunca, ao que parece, me falta motivo para julgar ser maior virtude desculpar-me.<sup>1</sup> Como algumas vezes é lícito, sendo errado não fazê-lo, não tenho discernimento — ou, melhor dizendo, humildade — para fazê-lo quando convém. Porque, na verdade, é grande humildade ver-se condenar sem culpa e calar; isso constitui uma grande imitação do Senhor que tomou sobre Si todas as nossas culpas.

Dessa maneira, rogo-vos muito que leveis isto em muita consideração, por ser um ponto que envolve grande lucro, ao passo que, em procurarmos nós mesmas livrar-nos da culpa, não vejo nenhum, a não ser, como tenho dito, em alguns casos em que causaria ofensa ou escândalo não falar a verdade; quem tiver mais discernimento do que eu com certeza o compreenderá.

2. Creio ser fundamental que vos acostumeis com essa virtude ou que procureis alcançar do Senhor a verdadeira humildade que daí deve vir. Porque o verdadeiro humilde deve desejar com sinceridade ser pouco considerado, perseguido e condenado sem culpa, mesmo em coisas graves. Se quer imitar o Senhor, em que o poderia mais do que nisso? Pois, para isso, não se necessita de forças corporais nem de ajuda de ninguém, a não ser de Deus.

3. Irmãs minhas, eu gostaria que essas grandes virtudes fossem objeto do nosso particular esforço, tornando-se a nossa penitência, porque, como já sabeis, não aprovo penitências excessivas, que, se forem feitas sem discernimento, pode provocar malefícios à saúde. Neste caso, porém, não há o que temer, já que, por maiores que sejam, as virtudes interiores não privam o corpo de suas forças para servir à religião, antes fortalecendo a alma. E, como eu disse outras vezes, podemos acostumar-nos a coisas muito pequenas para alcançarmos a vitória nas grandes.<sup>2</sup>

Nestas, eu nunca pude fazer experiências, porque nunca ouvi dizer coisas ruins a meu respeito que não visse que deixavam a desejar; porque, mesmo que não fosse nas mesmas coisas, eu tinha ofendido a Deus em

outras tantas, parecendo-me ter sido muito beneficiada por não tê-las lançadas ao rosto. Sempre prefiro que digam de mim o que é falso a que me apresentem as verdades.<sup>3</sup>

4. Ajuda muito a consideração de quanto se ganha de todas as maneiras com isso e de que nunca, a bem dizer, somos culpadas sem razão, já que o justo cai sete vezes ao dia, sendo mentira dizer que não temos pecado.<sup>4</sup> Assim, mesmo que não sejamos culpadas naquilo de que nos acusam, jamais estamos inocentes de tudo, ao contrário do bom Jesus.

5. Ó Senhor meu! Quando penso nos muitos sofrimentos que padeceste sem ter merecido nenhum, não sei o que dizer de mim, nem onde estava com a cabeça quando não queria sofrer, nem onde tenho o juízo quando me desculpo. Vós já sabeis, Bem meu, que, se tenho algum bem, ele não me é dado por outras mãos senão pelas Vossas. Será, Senhor, que Vos é mais difícil dar muito do que pouco? Se é porque não o mereço, eu tampouco merecia os favores que me tendes concedido. Será possível esperar que sempre se tenha uma boa impressão de criatura tão vil quanto eu, quando tantas coisas ruins disseram de Vós, que sois o bem que supera todos os bens?

Não, não é possível suportar, é intolerável, Deus meu — nem queria eu que Vós o suportásseis —, que haja em vossa serva algo que não agrade aos Vossos olhos. Pois, vede, Senhor, os meus olhos estão cegos e se contentam com muito pouco. Dai-me luz e fazei que, com sinceridade, eu deseje que todos se aborream de mim, já que tantas vezes eu me aborreci de Vós, que me amais com tanta fidelidade.

6. O que é isto, meu Deus? Que pensamos obter de contentar as criaturas? Que nos importa ser muito culpadas por todas elas se, diante do Senhor, estamos inocentes? Ó minhas irmãs, nunca chegamos a entender plenamente esta verdade! E, assim, nunca vamos chegar à perfeição se não considerarmos e pensarmos muito no que ela é e no que ela não é!

Porque, mesmo que não haja outro lucro senão a confusão que se instalará na pessoa que vos tiver culpado ao ver que vós, sendo inocentes, vos deixais condenar, grande benefício já seria, visto que, às vezes, uma coisa destas eleva mais a alma do que dez sermões. E todas nós devemos procurar ser pregadoras por obras, já que o Apóstolo e a nossa incapacidade nos impedem de o ser por palavras.<sup>5</sup>

7. Nunca penseis que, por mais enclausuradas que estejais, o mal ou o bem que fizerdes ficará oculto. E pensais, filhas, que mesmo que não vos desculpeis haverá de faltar quem vos defenda? Vede como o Senhor respondeu por Madalena na casa do fariseu e quando a sua própria irmã a culpava.<sup>6</sup> Ele não vos tratará com tanto rigor quanto tratou a si próprio, pois, quando teve um ladrão como Seu defensor, Ele já estava na cruz;<sup>7</sup> assim, Sua Majestade fará que alguém vos defenda e, quando não o fizer, é que não será necessário.

Sei disso por experiência, e assim é, embora eu prefira que não vos lembreis disso, mas que vos rejubileis de ser consideradas culpadas; o tempo será a testemunha do proveito que vereis em vossas almas. Porque, quando começamos a obter liberdade e já nada nos incomodamos que falemos mal ou bem de nós, parecendo isso uma coisa estranha ao nosso ser, como se fossem outras duas pessoas falando entre si, nada tendo que ver conosco, nem nos obrigando a cuidar de uma resposta — assim acontece aqui. Com o costume de não ter de responder, acabamos por pensar que não falamos conosco.

Para nós, muito suscetíveis e pouco mortificadas, isso pode parecer impossível. De fato, no início, é difícil; mas sei que é possível alcançar essa liberdade, essa negação e esse desprendimento de nós mesmas, com o favor do Senhor.

## CAPÍTULO 16

TRATA DA DIFERENÇA QUE DEVE HAVER ENTRE A PERFEIÇÃO DA VIDA DOS CONTEMPLATIVOS E A  
DOS QUE SE CONTENTAM COM A ORAÇÃO MENTAL; FALA DE COMO É POSSÍVEL ALGUMAS VEZES  
DEUS ELEVAR UMA ALMA DISTRAÍDA À CONTEMPLAÇÃO PERFEITA, E DA CAUSA DISSO. ESTE  
CAPÍTULO E O QUE VEM DEPOIS DELE MERECEM MUITA ATENÇÃO.<sup>1</sup>

1. E que não vos pareça muito tudo o que tenho dito, pois estou entabulando o jogo, como se diz no xadrez. Pedistes-me que vos explicasse o princípio da oração; eu, filhas, embora não tenha sido levada por Deus por este princípio, porque ainda nem mesmo devo ter o dessas virtudes,<sup>2</sup> não sei outro. Acreditai-me: quem não sabe mover as peças no jogo do xadrez, mal saberá jogar, e, se não souber dar xeque, não saberá dar mate.

Haveis de me repreender porque falo em coisas de jogo, não havendo nem devendo haver jogo nesta casa. Por aí vereis a mãe que Deus vos deu, que até essa coisa desprezível conhecia; mas dizem que isso é lícito algumas vezes. E quão lícita será para nós essa maneira de jogar, e com que rapidez, se a usarmos muito, daremos xeque-mate neste Rei divino, que não poderá nem quererá fugir das nossas mãos.

2. A rainha é a que mais guerra Lhe pode mover neste jogo, contando com a ajuda de todas as outras peças. Não há rainha que force o Rei a se render como a humildade; esta O trouxe do céu nas entranhas da Virgem e, com ela, nós O traremos preso por um fio de cabelo a nossas almas.<sup>3</sup> E crede--me, quem mais a tiver mais O reterá, e quem menos a tiver, menos O poderá. Não consigo entender como há ou pode haver humildade sem amor ou amor sem humildade, do mesmo modo como não compreendo como pode haver essas duas virtudes sem que haja grande desapego de todas as coisas criadas.

3. Direis, filhas minhas, para que vos falo em virtudes quando tendes tantos livros que as ensinam, e que não quereis senão contemplação. Afirmo que, mesmo que pedísseis meditação, eu poderia falar dela e aconselhar todas a tê-la como prática, mesmo que não tivésseis virtudes; porque ela é um princípio para se alcançarem todas as virtudes, coisa que, para nós, cristãos, é questão de vida ou morte. Ninguém, por mais perdido que esteja, deve deixá-la, se Deus o despertar para bem tão grande, como eu já escrevi em outro lugar,<sup>4</sup> e como o dizem outros tantos que sabem o que escrevem, pois eu por certo não o sei; Deus bem o sabe.

4. Mas contemplação é outra coisa, filhas, e esse é o engano em que todos incorremos. Se alguém tirar diariamente um tempinho para pensar em seus pecados (coisa a que está obrigado se não for cristão só de nome), logo será considerado muito contemplativo, sendo exigidas dele as enormes virtudes que o muito contemplativo tem obrigação de ter; e ele mesmo pensa ter chegado a esse ponto, mas se equivoca. No princípio, ele não soube entabular o jogo, pensando que o simples conhecimento das peças o levava a dar xeque-mate, o que é impossível, já que este Rei só se entrega a quem se dá de todo a Ele.

5. Assim, filhas, se desejais que eu vos diga o caminho que leva à contemplação, suportai que me estenda um pouco em coisas que não vos parecem tão importantes à primeira vista, embora, na minha opinião, não o deixem de ser. Quem não desejar ouvir falar delas nem praticá-las deve manter-se em sua oração mental o resto da vida, pois eu vos asseguro, e a todos quantos desejem esse bem (embora eu talvez me engane, por julgar por mim, que a procurei durante vinte anos), que sem essas virtudes não vai ser possível alcançar a verdadeira contemplação.

6. Quero agora explicar — porque algumas de vós ainda não o entendem — o que é oração mental, e queira Deus que a pratiquemos como convém. Mas também temo que ela exija muito esforço se não procurarmos alcançar as virtudes, embora não num grau tão elevado quanto o necessário para a contemplação. Afirmo que o Rei da glória não virá à nossa alma — isto é, não se unirá a ela — se não nos empenharmos em adquirir as grandes virtudes. Quero falar disso porque, se me surpreenderdes em alguma coisa que não seja verdade, não acreditareis em nada mais — e teríeis razão se eu o fizesse intencionalmente, mas que Deus não me permita tal coisa: se eu o fizer, será por não saber mais ou por não o entender. Desejo, pois, dizer que, algumas vezes, Deus vai querer conceder a pessoas em mau estado esse enorme favor, a fim de tirá-las, por esse meio, das mãos do demônio.<sup>5</sup>

7. Oh, Senhor meu, quantas vezes Vos forçamos a andar a braços com o demônio!<sup>6</sup> Não terá sido bastante que Vos deixásseis tomar neles, quando fostes levado ao pináculo, para nos ensinar a vencê-lo? Mas o que seria, filhas, ver aquele sol ao lado daquelas trevas? E que terror sentiria esse espírito desventurado, sem saber de quê, pois Deus não permitiria que o compreendesse? Bendita seja tanta piedade e misericórdia; que vergonha deveríamos ter, nós, cristãos, de O fazer andar todos os dias a braços — como eu disse — com besta tão suja!

Bem preciso foi, Senhor, que os tivésseis tão fortes. Mas como não ficaram fracos com tantos tormentos que passastes na cruz? Oh, é que tudo o que se sofre por amor volta a curar-se! E assim creio que, se ficásseis com vida, o próprio amor que tendes por nós voltaria a curar Vossas chagas, sem necessidade de outro remédio. Ó Deus meu, e quisera eu poder usar esse remédio em todas as coisas que me trazem pena e sofrimentos! Eu de bom grado desejaria tê-las se tivesse certeza de ser curada por unguento tão salutar.

8. Voltando ao que dizia,<sup>7</sup> há almas que Deus entende poder, por esse meio, atrair para Si; vendo-as totalmente perdidas, não quer Sua Majestade que algo lhes falte de Sua parte. Ainda que estejam em mau estado e carentes de virtudes, Ele lhes dá gostos, consolos e ternura, começando a despertar--lhes desejos, chegando até a pô-las em contemplação, mas raras vezes e por pouco tempo. E isso, como eu digo, Ele faz para prová-las, para ver se, com esses favores, se disporão a gozá-los muitas vezes. Se elas não se dispõem, que me perdoem — ou, melhor dizendo, que Vós me perdoeis, Senhor —, mas é muito ruim que uma alma, a quem atraís dessa maneira para Vós, se aproxime depois de coisas da terra para a elas se apegar.

9. A meu ver, há muitos a quem Deus nosso Senhor submete a essa prova, e poucos os que se dispõem a gozar de semelhante graça; quando o Senhor a concede e é correspondido, tenho por certo que Ele nunca



cessa de dá-la até que a alma alcance um grau muito alto. Quando não nos entregamos a Sua Majestade com a determinação com que Ele se dá a nós, é grande favor o fato de Ele nos deixar na oração mental e nos visitar de quando em vez, como a trabalhadores de suas vinhas.<sup>8</sup> Os outros são filhos queridos, que Ele não quer afastar nem afasta de Si, porque eles mesmos já não querem se afastar; Ele os senta à Sua mesa, dá-lhes do alimento que come, a ponto de tirar da própria boca para dá-lo a eles.

10. Oh, que feliz cuidado, filhas minhas! Maravilhosa renúncia de coisas tão pequenas e tão baixas que nos leva a tão grande altura! Vede: estando nos braços de Deus, que importância terá para vós ser culpadas por todo o mundo? O Senhor tem poder para livrar-vos de tudo, já que, quando mandou que o mundo se fizesse, este se fez; Seu desejo é obra. Portanto, não temais, pois Ele só consente em que falem contra vós para o maior bem da vossa alma; Ele vos ama e não quer pouco a quem O quer.

Logo, por que, irmãs minhas, não Lhe mostraremos nós, tanto quanto pudermos, o nosso amor? Vede que é uma bela troca dar o nosso amor em troca do Seu; vede que Ele tudo pode e que nós, aqui, só podemos o que Ele nos faz poder. E o que fazemos por Vós, Senhor, nosso Criador? Praticamente nada, uma mera determinaçãozinha. Ora, se pelo que nada vale Sua Majestade quer que mereçamos o tudo, não sejamos néscias.

11. Ó Senhor! Todo o prejuízo vem de não termos os olhos postos em Vós, porque, se o nosso olhar não visse outra coisa além do caminho, chegaríamos depressa. Contudo, caímos mil vezes, tropeçamos e perdemos o rumo por não fixarmos o olhar, como estou dizendo, no verdadeiro caminho. Parece que nunca andamos por ele, já que tanto nos parece novo. É por certo de lastimar o que algumas vezes acontece. Porque, quando querem nos menosprezar em alguma coisa minúscula, não o suportamos, nem nos parece possível suportar; e logo dizemos: “Não somos santas!”

12. Deus nos livre, irmãs, de dizer, quando fizermos uma coisa imperfeita: “Não somos anjos”, “não somos santas”. Percebei que, apesar de não o sermos, muito bem nos traz pensar que, se nos esforçarmos, poderemos sê-lo, desde que Deus nos dê a mão; e não tenhais medo de que Ele nos falte, se nós não Lhe faltarmos. E como não viemos aqui para outra coisa, mãos à obra, como se diz; e que não haja serviço para a maior glória do Senhor que não tenhamos certeza de nos desincumbir bem com o Seu favor. Eu gostaria de ver nesta casa essa pretensão, porque ela sempre faz crescer a humildade e confere uma santa ousadia, pois Deus ajuda os fortes e não faz exceção de pessoas.<sup>9</sup>

13. Muito me desviei; desejo voltar ao que dizia,<sup>10</sup> que é a explicação da oração mental e da contemplação. Parece impertinência, mas para vós tudo passa; talvez o entendais melhor por meio do meu estilo grosseiro do que por outros, elegantes. Que o Senhor me dê favor para isso, amém.

## CAPÍTULO 17

DISCORRE SOBRE O FATO DE NEM TODAS AS ALMAS SEREM DESTINADAS À CONTEMPLAÇÃO E DE ALGUMAS CHEGAREM A ELA TARDE; AFIRMA QUE O VERDADEIRO HUMILDE DEVE SEGUIR CONTENTE O CAMINHO PELO QUAL O SENHOR O CONDUZIR.

1. Parece que finalmente começo a tratar da oração, mas falta dizer algo, que muito importa, pois se refere à humildade e é necessário nesta casa;<sup>1</sup> falo do exercício principal da oração, e, como eu disse,<sup>2</sup> é fundamental que trateis de entender como praticar muito a humildade. E aquilo de que vou falar está intrinsecamente ligado a ela, sendo vital para todos quantos pratiquem a oração: como poderá o verdadeiro humilde julgar-se tão bom quanto os que chegam à contemplação? Sem dúvida, Deus pode nos levar a isso por Sua bondade e misericórdia. Mas, a meu ver, devemos sempre colocar-nos no lugar mais baixo, pois assim nos disse o Senhor que fizéssemos, tendo-nos ensinado por obras.<sup>3</sup> Disponhamo-nos a seguir esse caminho se Deus por ele nos quiser levar; se não for esse o caso, recorramos à humildade e tenhamo-nos por felizes em servir às servas do Senhor, louvando-O porque, embora merecêssemos ser escravas dos demônios do inferno, Sua Majestade nos permitiu ficar entre elas.

2. Não digo isso sem base, porque, como afirmei,<sup>4</sup> muito importa compreender que Deus não leva a todos pelo mesmo caminho, sendo possível que quem tiver a impressão de estar muito mais baixo esteja, aos olhos do Senhor, mais elevado.

Assim, não é porque nesta casa todas estão voltadas para a oração que todas haverão de ser contemplativas; é impossível; o fato de não se compreender que o ser contemplativo é coisa dada por Deus causa grande desassossego na pessoa que não está destinada a isso. Esse dom não é necessário à salvação,

nem é exigido de nós; não pensemos que haveremos de prestar contas por isso, pois ninguém deixará de ser muito perfeito, não sendo contemplativo, se fizer o que foi dito. Na realidade, alguém assim poderá até ter muito mais mérito, por ter de alcançar tudo com seus próprios esforços; o Senhor o conduzirá na outra vida ao lugar onde há de fluir com intensidade tudo o que não goza aqui. Nem por isso deve essa pessoa desanimar, nem deixar a oração e os exercícios comuns a todas; às vezes, o Senhor vem muito tarde, mas paga tão bem quanto paga em muitos anos a outras almas.

3. Passei mais de catorze anos sem conseguir nem mesmo a meditação, a não ser recorrendo a alguma leitura. Haverá muitas pessoas assim e outras que, mesmo com a leitura, não podem ter meditação, restringindo-se a rezar vocalmente, nisto se detendo mais. Há pensamentos tão ondulantes que não conseguem fixar-se numa coisa e que estão sempre desassossegados, e a tal ponto que, se se quiser fazê-los deter-se em pensar em Deus, se deixam levar por mil disparates, escrúpulos e dúvidas.

Conheço uma pessoa bem velha, de vida muito edificante, penitente e boa serva de Deus que passa muitas horas, já há vários anos, em oração vocal, não podendo contudo fazer oração mental; o máximo que consegue, e não é muito, é deter-se um pouco mais nas orações vocais. E há muitas outras pessoas nessas condições, pessoas que, se tiverem humildade, não creio que no final sejam menos favorecidas, mas sim iguais a aqueles que recebem muitas consolações; e, em parte, com maior segurança, visto não sabermos se as consolações vêm de Deus ou são postas pelo demônio. Se não forem de Deus, o perigo é ainda maior, porque o inimigo se empenha aqui em torná-las soberbas; quando são de Deus, não há o que temer, pois trazem consigo a humildade, como falei extensamente no outro livro.<sup>5</sup>

4. Estas outras<sup>6</sup> têm humildade, suspeitam que são assim por sua culpa e sempre têm o cuidado de progredir. Não podem ver as pessoas chorarem uma lágrima que elas não tenham chorado sem pensar que estão muito atrás daquelas no serviço de Deus — embora talvez estejam muito adiante. Porque as lágrimas, embora sempre sejam boas, não são todas perfeitas; sempre há mais segurança na humildade, na mortificação, no desapego e em outras virtudes. Quem assim for não há de temer deixar de chegar à perfeição que os muito contemplativos alcançam.

5. Santa era Marta, e não dizem que fosse contemplativa. Logo, que mais desejas do que poder chegar a ser como essa bem-aventurada, que mereceu ter Cristo Nosso Senhor tantas vezes em sua casa, dando-Lhe de comer, servindo-O e comendo com Ele à sua mesa?<sup>7</sup> Se todos ficassem como Madalena, embevecida, não haveria quem desse de comer a esse divino hóspede. Pensai, pois, que esta congregação é a casa de Santa Marta, devendo nela haver de tudo; e quem for levada pela vida ativa, não fique murmurando contra as que muito se absorverem na contemplação, pois sabe que, mesmo que elas se calem, o Senhor sai em sua defesa, já que, na maior parte do tempo, Ele as faz se descuidarem de si e de tudo.

6. Recordai-vos de que é necessário ter alguém que faça a comida do Senhor, e considerai-vos felizes por O servirdes como Marta. Vede que a verdadeira humildade reside em nossa disposição de nos contentar com aquilo que o Senhor quiser de nós e em nos considerar sempre indignas de ser tidas por servas Suas. Se contemplar, ter oração mental, ter oração vocal, curar enfermos, servir nas coisas da casa e trabalhar — mesmo nas tarefas mais humildes — é servir ao Hóspede que vem ter conosco, ficando em nossa companhia, comendo conosco e conosco se recreando, que nos importa servi--Lo mais de uma maneira do que de outra?

7. Não digo que deixemos de esforçar-nos por alcançar a contemplação. Afirmo que em tudo deveis exercitar-vos, visto não estar em vossas mãos, mas nas do Senhor, o escolher; mas, se depois de muitos anos Ele quiser dar a cada qual o seu ofício, bela humildade seria a vossa se desejassemos escolher por vós mesmas. Dai total liberdade de ação ao Senhor da casa, que é sábio e poderoso, compreendendo o que convém para vós, bem como o que Lhe é conveniente.

Ficai seguras de que, fazendo o que está ao vosso alcance, e preparando--vos para a contemplação com a perfeição de que falei, só não a recebereis Dele (e creio que Ele não deixará de concedê-la, desde que o desapego e a humildade sejam verdadeiros) se Ele vos tiver guardado esse regalo para vos dar no céu, para onde, como eu já disse,<sup>8</sup> Ele vos quer levar como almas fortes, dando-vos aqui a cruz que Sua Majestade sempre teve.

E que maior amizade do que escolher para vós o que escolheu para Si? Talvez não fôsseis tão recompensadas no caminho da contemplação. A Deus cabem os julgamentos, não havendo razão para interferirmos neles; é um grande bem que não tenhamos de escolher, pois do contrário, como nos parece que contemplar é mais descanso, cedo seríamos todos grandes contemplativos.

Oh! É grande lucro não querer lucrar no tocante à nossa vontade, temendo sofrer uma perda, pois Deus nunca permite que se prejudique a alma bem mortificada, a não ser para fazê-la ganhar mais!

## CAPÍTULO 18

CONTINUA A TRATAR DO MESMO ASSUNTO, MOSTRANDO QUE OS SOFRIMENTOS DOS  
CONTEMPLATIVOS SÃO MAIORES DO QUE OS DOS ATIVOS. TRAZ MUITAS CONSOLAÇÕES.

1. Pois eu vos digo, filhas a quem Deus não leva por esse caminho, que, pelo que vi e compreendi acerca dos que vão por ele, a cruz que levam não é mais leve e vos espantáveis ao saber os caminhos e maneiras pelos quais Deus lhes dá essa cruz. Conheço uns e outros, e sei claramente serem intoleráveis os sofrimentos que Deus dá aos contemplativos; eles são de tal sorte que, se não lhes fosse dado aquele manjar de consolações, não os poderiam suportar. Sem dúvida — já que aqueles a quem muito quer Deus leva por caminhos de padecimentos e, quanto mais os ama, maiores são estes —, não há razão para crer que Ele desdenhe os contemplativos, porque por Sua boca os louva e tem por amigos.<sup>1</sup>

2. É absurdo crer que o Senhor admita como amigos íntimos pessoas comodistas e que não sofrem. Tenho plena certeza de que Deus dá sofrimentos muito maiores aos contemplativos; Ele os leva por caminhos ásperos, cheios de irregularidades, fazendo-os por vezes pensar que se perdem e que devem começar de novo e percorrer os trechos já percorridos, sendo por isso necessário que Sua Majestade lhes dê mantimentos; não água, mas vinho, para que, embriagados, não percebam aquilo por que passam e possam suportá-lo. Assim, são poucos os verdadeiros contemplativos que eu não veja animados e determinados a sofrer, porque a primeira coisa que Deus faz por eles, se forem fracos, é inculir-lhes ânimo e tirar-lhes o medo de padecer.

3. Creio que os da vida ativa pensam, quando vêem uma minúscula consolação nos contemplativos, que a vida destes é sempre assim. Pois afirmo que talvez não pudésseis suportar um único dia do que eles passam. Por isso, o Senhor, sabendo a que estão destinados todos, dá a cada um o seu ofício, aquele que mais convém à sua alma, ao próprio Senhor e ao bem do próximo; desde que não deixeis de vos dispor a servi-Lo, não temais que o vosso trabalho se perca.

Atentai, digo que todas procuremos a contemplação — pois não estamos aqui para outra coisa —, e não um só ano, nem dois, nem mesmo dez, para não darmos a impressão de ter desistido por covardia, pois é bom que o Senhor entenda que não é culpa nossa não ser contemplativas. Sejam como soldados que, embora tendo servido muito, sempre estão às ordens do capitão para que ele os envie a realizar a tarefa que quiser, pois há de lhes pagar o soldo. E quão melhor do que os reis da terra o paga o nosso Rei!

4. O Senhor, vendo-vos como soldados dispostos a servir, e tendo já compreendido para que serve cada uma, divide as tarefas de acordo com as forças que vê em vós. Se não estivésseis presentes, Ele não vos daria nada nem vos mandaria servi-Lo em alguma coisa.

Assim, irmãs, praticai a oração mental; quem não puder faça oração vocal, leituras e colóquios com Deus, como depois direi.<sup>2</sup> Não abandoneis as horas de oração comum; não sabeis quando o Esposo vos chamará (que não vos aconteça como às virgens loucas)<sup>3</sup> nem se vos quererá dar mais sofrimentos compensados por consolos. Se Ele não vos der, percebei que não sois destinadas a isso e que vos convém aquilo. Aqui, importa muito alcançar o merecimento mediante a humildade, crendo que não servis sequer para o pouco que fazeis.<sup>4</sup>

5. Andai alegres, servindo no que vos é mandado, como eu disse,<sup>5</sup> e se vossa humildade for verdadeira, felizes de vós que servis na vida ativa, pois não murmurareis senão de vós mesmas. Deixai as outras com sua guerra, que não é pequena; porque, embora nas batalhas o alferes não peleje, nem por isso deixa de correr grande perigo e, no seu íntimo, deve lutar mais do que todos, já que, portando o estandarte, não se pode defender e, mesmo que o façam em pedaços, não pode soltá-lo.

Assim, os contemplativos devem levar erguida a bandeira da humildade e sofrer todos os golpes sem dar nenhum; porque o seu ofício é padecer como Cristo, levantar bem alto a cruz, não a deixar sair das mãos por mais perigos em que se vejam; não devem eles dar mostras de fraqueza no sofrimento, pois para suportá-lo receberam esse honroso ofício. Eles devem ver o que fazem, porque, se largam a bandeira, perdida está a batalha. Logo, creio ser muito prejudicial para os que não estão tão adiantados o ver que, naqueles por eles já considerados capitães e amigos de Deus, as obras não correspondem ao ofício de que se desincumbem.

6. Os outros soldados se arranjam como podem, afastando-se às vezes do lugar onde vêem um perigo maior. E nem por isso são notados nem perdem a honra. Os comandantes, no entanto, têm todos os olhos postos sobre si, mal podendo mover-se. Por isso, se bom é o ofício e grande honra e graça faz o Rei àquele a quem o dá, quem o aceita não se obriga a pouco.

Assim, irmãs, não sabemos o que pedimos;<sup>6</sup> deixemos o Senhor agir como quiser, não sendo como algumas pessoas que parecem pedir a Deus consolações como se por direito próprio. Curiosa maneira de ser humilde! Por isso, age bem Aquele que conhece todos, pois raramente, creio eu, as concede a estas, pois vê muito bem que não servem para beber o cálice.<sup>7</sup>

7. Para saberdes, filhas, se estais adiantadas na virtude, que cada qual compreenda que é a pior de todas, mas de tal maneira que permita perceber pelas suas obras que o reconhece, beneficiando e fazendo avançar, assim, as outras. Ter mais consolos na oração, e mais arroubos ou visões, assim como receber do Senhor mais graças desse tipo, nada indicam por si, devendo nós esperar o outro mundo para ver seu valor. Contudo, a moeda corrente, a renda segura, os juros perpétuos, em vez de censos remíveis, que se tiram e põem,<sup>8</sup> são a grande virtude da humildade e da mortificação, da grande obediência em não se opor em nada ao que ordena o prelado, que, como sabeis, dá as ordens que vêm de Deus, já que está em Seu lugar.

A obediência é o que julgo de maior importância; e como me parece que, se não a tendes, não sois monjas, não falo nada sobre isso, pois me dirijo a monjas, a meu ver boas, ou ao menos que o desejam ser. Sendo isso coisa tão evidente e relevante, não direi mais de uma palavra, para que não o esqueçais.

8. Para mim, quem estiver obrigada à obediência por votos e a ela faltar, não tendo o máximo empenho em cumpri-la com grande perfeição, não tem por que estar no mosteiro. Eu pelo menos lhe asseguro que, enquanto fracassar nesse ponto, nunca chegará a ser contemplativa nem sequer uma boa ativa — tenho plena certeza disso. Mesmo quem não está obrigado a isso, mas deseja alcançar a contemplação, precisa, para ir com segurança, sujeitar sua vontade, com toda a determinação, a um confessor experiente. Porque é muito sabido que se aproveita mais, com isso, em um ano do que em muitos sem isso. Como para vós isso não é necessário, não tenho por que insistir.

9. Concluo que essas virtudes são as que desejo que tenhais, filhas minhas, que procureis e invejeis santamente. Quanto às demais devoções, não vos amofineis por não as terdes, pois são coisa incerta. Poder ser que, em outras pessoas, sejam de Deus, mas que, em vós, Sua Majestade permita que sejam ilusão do demônio e que vos enganem, como fez com outras pessoas.<sup>9</sup> Para que querieis servir ao Senhor em coisa duvidosa, tendo tanto em que O servir com segurança? Quem vos impele a esses perigos?

10. Alarguei-me tanto nisso porque sei que convém, pois esta nossa natureza é fraca. A quem Deus quiser dar a contemplação, Sua Majestade fará forte; quanto àqueles a quem Ele não a queira dar, alegro-me por ter feito estas advertências, com as quais também os contemplativos se humilharão.

O Senhor, por quem é, nos ilumine para em tudo seguir a Sua vontade; e nada teremos a temer.

## CAPÍTULO 19

COMEÇA A TRATAR DA ORAÇÃO. FALA COM ALMAS QUE NÃO PODEM DISCORRER COM O INTELLECTO.

1. Faz tantos dias que escrevi as coisas precedentes sem ter oportunidade de continuar que, se não voltasse a ler, eu não saberia o que dizia; para não tomar tempo, o que digo irá como sair, sem plano a seguir. Para intellectos bem ordenados e almas muito experientes e capazes de se concentrar, há tantos livros escritos, e tão bons e de autoria de pessoas tais, que seria erro que fizésseis caso do que digo sobre coisas de oração. Porque, como eu digo, tendes esses livros que apresentam, divididos pelos dias da semana, os mistérios da vida do Senhor e de Sua Paixão, assim como meditações sobre o juízo, o inferno, a nossa insignificância e o muito que devemos a Deus, livros que contêm excelente doutrina e métodos para o início e o fim da oração.<sup>1</sup>

Quem puder e já tiver o costume de praticar esse modo de oração não precisa que eu diga nada, pois, seguindo um caminho tão bom, será levado pelo Senhor a porto de luz; com tão bons princípios, não menos bom será o fim da jornada. Todos aqueles que puderem seguir essa via hão de encontrar repouso e segurança; porque, estando o intellecto dominado, marcha-se com descanso.

O assunto de que eu queria tratar, indicando algum remédio, se o Senhor me permitir acertar (e, se não, que ao menos possais entender que há muitas almas que passam por esse sofrimento, para que não se fatiguem as que por ele passam), vem a seguir.

2. Há almas e intellectos descontrolados como cavalos sem freio, não havendo quem os faça parar; mal estão aqui, já os vemos ali, sempre com desassossego: é de sua própria natureza ou é Deus que o permite. Tenho muita pena delas, porque me parecem semelhantes a pessoas que têm muita sede e vêm a água muito de longe e querem ir até ela, mas acham quem se ponha em seu caminho no princípio, no meio e no fim. Acontece que, quando com seus esforços — um grande esforço — vencem os primeiros inimigos, se deixam

vencer pelos segundos, e desejam antes morrer de sede que beber uma água que tanto lhes há de custar. Elas arrefecem, tendo-lhes faltado o ânimo.

Outras há que têm forças para vencer também os segundos inimigos, mas que fraquejam diante dos terceiros, talvez quando estão a dois passos da fonte de água viva de que o Senhor falou à samaritana, aquela da qual quem beber não terá sede.<sup>2</sup> E quão certas e verdadeiras essas palavras saídas da boca da própria Verdade! Quem dela beber não ficará sedento das coisas desta vida, embora aumente, muito mais do que podemos imaginar a partir da sede natural, a das coisas da outra vida. E com que sede se deseja ter esta sede! Porque a alma entende todo o seu grande valor. E, mesmo sendo penosíssima, a ponto de fatigar, esta sede traz consigo a mesma satisfação com que se mata aquela, de modo que é uma sede que só afoga a das coisas terrenas, trazendo antes fartura. Assim, quando Deus a satisfaz, a maior graça que Ele pode conceder à alma é deixá-la com essa mesma necessidade, sendo cada vez maior a sua vontade de voltar a beber dessa água.

3. A água tem três propriedades, ou ao menos me lembro de três que vêm a propósito, pois há muitas mais.

Uma é a que “refresca”. De fato, por maior que seja o nosso calor, logo sentimos alívio quando nos aproximamos da água; e se houver um grande fogo, matamo-lo com ela, exceto se for o de alcatrão,<sup>3</sup> que se acende mais. Oh, valha-me Deus, que maravilha há nesse atihar mais o fogo com a água, quando é fogo forte, poderoso, não sujeito aos elementos, pois aquela, embora seja o seu contrário, em vez de atalhá-lo, o faz crescer! Muito me valeria aqui poder falar com quem conhece filosofia, porque, conhecendo as propriedades das coisas, poderia explicá-las a mim, que vou me deleitando nisso sem saber o que dizer e até sem o compreender.

4. Quando Deus, irmãs, vos fizer beber dessa água, e algumas dentre vós já a bebei, tereis o gosto disso e entendereis que o verdadeiro amor de Deus — se está em toda a sua força, já livre de todo das coisas da terra, pairando acima delas — é senhor de todos os elementos e do mundo; não temais que a água, como vem da terra, mate esse fogo de amor de Deus; isso não é de sua jurisdição. Embora ela seja o seu contrário, ele já é senhor absoluto, não lhe estando sujeito. Assim, não vos espanteis, irmãs, do muito que tenho dito neste livro para instar-vos a procurar essa liberdade.

Não é maravilhoso que uma pobre monja de São José possa chegar a dominar toda a terra e os seus elementos? E haveremos de nos espantar com o fato de os santos fazerem deles o que queriam, com o favor de Deus? A São Martinho, o fogo e as águas obedeciam; a São Francisco, até as aves e os peixes; e o mesmo ocorria com muitos outros santos. Via-se com clareza que eles tinham domínio de todas as coisas do mundo, por terem trabalhado bem em tê-lo em pouca conta, sujeitando-se de verdade, com todas as forças, ao seu Senhor. Assim, como eu digo, a água que nasce na terra não tem poder contra esse fogo, cujas chamas são muito elevadas, e cuja origem não está em coisa tão baixa.

Há outros fogos, de pequeno amor de Deus, que qualquer coisa apaga. Mas tal não acontece com este, não, mesmo que venha todo o mar de tentações, nada o faz deixar de arder de uma maneira que o leva a dominar todas as águas.<sup>4</sup>

5. E se for água que chove do céu, ela o abafará ainda menos, pois não são contrários, tendo uma mesma origem. Não tenhais medo de que um elemento faça mal ao outro, pois, em vez disso, eles se ajudam mutuamente; porque a água das lágrimas verdadeiras (que são as que procedem de uma verdadeira oração, sendo dadas de fato pelo Rei do céu) ajuda a atihar ainda mais o fogo, e faz que dure, enquanto este a ajuda a refrescar.

Oh, valha-me Deus, que coisa tão bonita e tão maravilhosa é o fogo refrescar! Pois assim é, chegando a gelar todas as afeições do mundo quando se une à água viva do céu, que vem da fonte de onde procedem as lágrimas de que falei, lágrimas que são dadas, e não adquiridas por nosso engenho. Assim, é bem certo que esse fogo não deixa calor em nenhuma das coisas do mundo, impedindo a alma de nelas se deter, a não ser que possa incorporar esse ardor ao seu ser, pois é da natureza do fogo de que falo não se contentar com pouco; se pudesse, ele abrasaria todo o mundo.

6. A outra propriedade é “limpar o que não está limpo”. Se não houvesse água para lavar, que seria do mundo? Sabeis que essa água viva, essa água celestial, essa água clara, quando não está turva, quando não tem lama, mas cai do céu, é limpa como nenhuma outra coisa? Ela o é a tal ponto que, se bebermos dela uma única vez, tenho certeza de que deixa a alma clara e limpa de todas as culpas; porque, como tenho escrito,<sup>5</sup>

Deus não permite que se beba dessa água (pois não está em nosso querer sorvê-la, por ser coisa muito sobrenatural essa divina união) se não for para purificar a alma, deixando-a limpa e livre do lodo e da miséria nos quais, por suas culpas, está mergulhada.

Os outros gostos, que vêm do intelecto, por mais que façam, trazem a água que corre pela terra, que não é bebida junto à fonte; nunca faltam neste caminho coisas sujas em que a água se detenha, razão por que não chega tão pura nem tão limpa. Não chamo esta oração, que, como eu digo, vai discorrendo com o intelecto, de “água viva”; porque, por mais que nos esforcemos, sempre se apega à nossa alma alguma coisa indesejável do caminho, ajudando nisso este nosso corpo e a nossa inferioridade natural.

7. Explicando melhor: pensamos no que é o mundo e em como tudo se acaba, para menosprezá-lo. Mas, quase sem nos dar conta, vemo-nos envolvidas em coisas suas que nos agradam; e, desejando nós fugir delas, pensar sobre como foi, como será, sobre o que fiz e o que farei sempre nos perturba um pouco. Assim, refletindo sobre o que é necessário para nos livrar disso, às vezes nos pomos outra vez em perigo. Não que devamos deixar de fazer isso, mas é preciso fazê-lo com temor, sendo vital não andar descuidadas.

Aqui, o próprio Senhor toma esse cuidado, pois não quer deixar-nos entregues a nós mesmas.<sup>6</sup> Ele tem a nossa alma em tal conta que não lhe permite envolver-se em coisas que a possam prejudicar no período em que a quer favorecer. Pondo-a logo junto a Si, Ele lhe mostra num átimo mais verdades, dando-lhe um conhecimento mais claro do que são todas as coisas, do que poderíamos obter na terra em muitos anos. Porque, como não temos a vista desimpedida, o pó nos cega à medida que vamos caminhando. Aqui, o Senhor nos conduz ao fim da jornada sem que entendamos como.

8. A outra propriedade da água é “saciar e tirar a sede”; porque sede, a meu ver, quer dizer desejo de uma coisa que nos faz grande falta, tanta que, totalmente privados dela, perdemos a vida. Estranha coisa esta que, se nos falta, nos mata, e, se nos sobra, acaba com a nossa vida, como vemos com tantos afogados. Ó Senhor meu! Feliz de quem se visse tão engolfado por essa água viva que tivesse tirada a vida! Mas será isso possível? Sim; tanto podem crescer o amor e o desejo de Deus que o sujeito natural não consiga suportá-lo, o que levou pessoas a morrer. Conheci uma que, se Deus não a tivesse socorrido de imediato, essa água viva, de tão abundante, teria tirado de si com arroubos.<sup>7</sup> Digo isso porque, nos arroubos, a alma descansa. Parece que, afogada por não poder suportar o mundo, ela ressuscita em Deus, e Sua Majestade a capacita a gozar aquilo que, estando em si, ela não poderia fruir sem morrer.

9. Entenda-se disso que, por não haver em nosso sumo Bem coisa que não seja perfeita, tudo o que Ele dá é para o nosso bem; e, por maior abundância que nos dê dessa água, não pode haver excesso em coisa Sua. Porque, quando dá muito, Ele, como eu disse,<sup>8</sup> torna a alma capaz de beber muito, tal como o oleiro que faz a vasilha do tamanho necessário para aquilo que vai ser posto nela.

Quando desejamos isso, como costumamos fazer, nunca agimos sem falhas; se nos levar a alguma coisa boa, é porque o Senhor nos ajuda. Porém somos tão indiscretos que, como é um penar suave e gostoso, nunca nos fartamos dele; comemos sem medida, atiçamos o desejo como podemos, razão por que ele, algumas vezes, mata. Que ditosa morte! Mas, talvez, se vivêssemos, ajudássemos outros a morrer com desejos dessa morte. Creio que é o demônio que faz isso, porque compreende o mal que havemos de fazer se vivermos; assim, ele nos tenta com penitências indiscretas para nos tirar a saúde — e, nisso, não é pouco o que ganha.

10. Digo: a alma que chegar a ter essa sede tão impetuosa deve acautelar-se, porque, acredite, terá essa tentação; e, ainda que não morra de sede, acabará com a própria saúde e dará sinais exteriores dessa sede interior, mesmo que não o queira, sinais que se devem evitar de todas as maneiras. Algumas vezes, pouco nos serve nossa atenção, pois não poderemos encobrir tudo como quereríamos; mas tenhamos cuidado quando vierem ímpetos muito grandes de crescimento desse desejo para não o aumentarmos, e sim, com suavidade, interrompê-lo com outra consideração; isso porque, às vezes, pode ser que a nossa natureza atue tanto quanto o amor, pois há pessoas que desejam qualquer coisa, mesmo que seja ruim, com grande intensidade. Não creio que estas sejam pessoas muito mortificadas, já que tudo serve para a mortificação. Parece um absurdo interromper coisa tão boa; mas isso não é verdade, pois não digo que se afaste o desejo, mas que ele seja interrompido, talvez até com outro desejo mediante o qual mereçamos a mesma graça.

11. Quero dizer uma coisa que o explique melhor: sobrevém-nos um grande desejo de nos ver já com Deus e libertos deste cárcere, como São Paulo;<sup>9</sup> pena que, sendo por essa causa, deve ser por si mesma muito agradável. Para interrompê-la, será preciso muita mortificação, e não poderemos pará-la de todo. Mas, quando o desejo se torna tão intenso

que se chega perto de perder o juízo (como eu já vi suceder há pouco tempo com uma pessoa,<sup>10</sup> naturalmente impetuosa, embora habituada a dominar a própria vontade — que parece tê-la perdido, como se pode verificar em outras circunstâncias —, digo que, por certo período de tempo, eu a vi como que desatinada, devido à grande dor e sofrimento que impunha a si mesma para o dissimular), afirmo que, sendo um caso tão excessivo, mesmo decorrente do espírito de Deus, a humildade nos recomenda temer, pois não devemos pensar que somos possuidoras de uma caridade capaz de nos expor a tão grande risco.

12. Creio que não seria ruim (quando se puder, pois nem sempre se pode) substituir esse desejo pensando que, se se viver, poder-se-á servir mais a Deus e, talvez, dar luz a alguma alma que haveria de se perder, bem como que, servindo mais, se merecerá gozar mais de Deus; devemos nos lembrar também do pouco que servimos. Esses são bons consolos para aflição tão grande, para aplacar o sofrimento e para fazer a alma ganhar muito, porque ela, para servir ao próprio Senhor, deseja ficar aqui e viver com seu padecimento. É como querer consolar alguém que tem um grande sofrimento ou grave dor dizendo-lhe que tenha paciência e se entregue às mãos de Deus, deixando que se cumpra a Sua vontade, pois não há nada melhor do que nos entregar a Ele.

13. E se o demônio tiver ajudado de algum modo num desejo tão grande — o que seria possível, como conta, creio, Cassiano de um eremita de vida asperíssima a quem o inimigo deu a entender que devia deitar-se num poço para ver mais depressa a Deus? Estou bem persuadida de que esse eremita não devia ter servido a Deus com humildade nem perfeição, porque o Senhor é fiel<sup>11</sup> e não permitiria que ele se cegasse em coisa tão evidente.

Mas está claro que, se o desejo fosse de Deus, não lhe teria feito mal, porque, nesse caso, traz consigo a luz, o discernimento e a medida. Isso é evidente, mas esse adversário, inimigo nosso, procura levar-nos à danação, por todos os lados que puder;<sup>12</sup> e como ele não anda descuidado, que não andemos nós. Isso é muito importante para muitas coisas, como, por exemplo, para encurtar o tempo da oração, por mais prazerosa que seja, quando vemos que as nossas forças corporais se exaurem ou a nossa cabeça fica pesada. Em tudo, é muito necessário o discernimento.

14. Por que pensais, filhas, que eu quis descrever o fim e mostrar a recompensa antes da batalha, falando sobre o bem que traz consigo o chegar a beber dessa fonte celestial, dessa água viva? Para que não vos desanimeis diante dos esforços e das contradições que há pelo caminho, para que sigais com ânimo e não vos canseis; porque — como eu disse —<sup>13</sup> talvez, tendo chegado e não vos faltando senão abaixar-vos para beber da fonte, abandonásseis tudo e perdésseis esse bem por pensardes que não teríeis forças para chegar a ele nem condições para tanto.

15. Vede que o Senhor convida a todos. Ele é a própria verdade, não há por que duvidar. Se esse convite não fosse geral, Ele não nos chamaria a todos e, mesmo que chamasse, não diria: *Eu vos darei de beber*.<sup>14</sup> Ele poderia dizer: “Vinde todos porque, afinal, não perdereis nada; e darei de beber a quem eu quiser”. Mas como Ele disse, sem impor essa condição, “a todos”, tenho por certo que não faltará dessa água viva a todos quantos não ficarem pelo caminho.

Dê-nos o Senhor, que a promete, graça para procurá-la como devemos, por quem Sua Majestade é.

## CAPÍTULO 20

FALA DE COMO, POR DIFERENTES MEIOS,  
ORAÇÃO, E ACONSELHA AS IRMÃS A FAZEREM

NUNCA FALTA CONSOLAÇÃO NO CAMINHO DA  
DISSO SUAS PRÁTICAS CONSTANTES.

1. Parece que, no capítulo precedente, eu contradisse o que antes tinha afirmado; porque, para consolar as que não chegavam aqui,<sup>1</sup> falei que o Senhor atrai a Si as almas por diversos caminhos, da mesma maneira como há muitas moradas.<sup>2</sup> Assim, eu o repito; porque, como Sua Majestade compreendeu a nossa fraqueza, atendeu a todos por ser quem é. Mas Ele não disse: “Venham uns por este caminho e outros por aquele”. Em vez disso, foi tão grande a Sua misericórdia que a ninguém impediu de procurar chegar a essa fonte de vida e dela beber. Bendito seja Ele para sempre! E com que razão Ele mo teria impedido!

2. Pois, se não me mandou que o deixasse quando eu o comecei, nem fez que me lançassem nas profundezas, é bem verdade que Ele não impede ninguém, mas, em vez disso, chama a todos publicamente em alta voz.<sup>3</sup> Sendo porém tão bom, Ele não nos força, mas dá de beber de muitos modos aos que O querem

seguir, para que nenhum se afaste desconsolado ou morra de sede. Porque dessa fonte caudalosa saem arroios, uns grandes e outros pequenos, e algumas vezes pequenos charcos para crianças, que isso lhes basta, podendo algo maior espantá-las com muita água — estes são os que ainda se encontram no princípio.

Dessa maneira, irmãs, não tenhais medo de morrer de sede neste caminho; a falta da água da consolação nunca é tanta que não consigamos suportar. Sendo assim, segui o meu conselho e não fiqueis no caminho, mas pelejai como fortes até morrer na batalha, pois não viestes aqui senão para pelejar. Seguindo sempre com a determinação de antes morrer do que deixar de chegar ao fim do caminho, se o Senhor vos levar com alguma sede nesta vida, naquela que é para sempre Ele vos dará de beber com toda a abundância, e sem o perigo de que vos falte. Queira o Senhor que não Lhe faltemos nós, amém.

3. Agora, para começar esse caminho de que falei<sup>4</sup> sem errar desde o princípio, tratemos um pouco de como se deve iniciar essa jornada, porque isso é o mais importante, ou melhor, é de importância absoluta. Não digo que quem não tiver a determinação de que vou falar aqui deva deixar de começá-lo, porque o Senhor há de aperfeiçoá-lo; e, mesmo que o principiante não fizesse mais do que dar um passo, este tem em si tanta virtude que não é preciso temer a sua perda nem que deixe de ser muito bem recompensado.

É — digamos — como quem tem uma conta de perdões:<sup>5</sup> se rezar uma vez, ganha, e quanto mais vezes rezar, mais ganha. Mas se nunca rezar, guardando o rosário na arca, seria preferível não tê-la. Assim é que quem começa a trilhar o caminho da oração, mesmo que não continue a segui-lo, receberá, pelo pouco que tiver andado, luz para percorrer bem outros; e quanto mais andar, melhor. Enfim, fique certo de que não o prejudicará em coisa alguma ter começado o caminho, embora tendo-o deixado, já que o bem nunca faz mal.

Por isso, procurai tirar de todas as pessoas que tratarem convosco, desde que sejam bem dispostas e tenham alguma amizade por vós, o receio de começar o caminho que leva a tão grande bem. E vos peço que, pelo amor de Deus, a vossa conversa sempre esteja voltada para o proveito das pessoas com quem falardes, pois a vossa oração sempre deve procurar o bem das almas. Como haveis de pedir isso sempre ao Senhor, não seria bom, irmãs, que não o procurásseis de todas as maneiras.

4. Se quereis ser boas parentes, é esta a verdadeira amizade; se quereis ser boas amigas, entendei que não o podeis senão por este caminho. Ande a verdade em vossos corações, como deve andar pela meditação, e vereis com clareza o amor que somos obrigadas a ter pelo próximo.

Já passou o tempo, irmãs, da brincadeira de crianças, pois não parecem outra coisa essas amizades do mundo, mesmo quando boas. Do mesmo modo, não haja entre vós expressões como “se me queres bem”, “não me queres bem”, nem no trato com presentes nem com ninguém, a menos que estejais voltadas para um grande fim e proveito daquela alma. Pode acontecer de, para que o vosso parente, irmão ou pessoa semelhante vos escute e entenda uma verdade, terdes de o preparar com essas afirmações e mostras de amor, que sempre alegram a sensibilidade; e acontecerá de uma boa palavra — pois assim a chamam — ser mais levada em conta, dispondo-os melhor para isso, do que muitas sobre Deus, para que mais tarde estas últimas sejam introduzidas. Logo, se as usardes com cuidado, a fim de procurar o proveito, eu não vos impeço de fazê-lo.

Se, contudo, não for esse o objetivo, semelhantes expressões nenhum proveito podem trazer, sendo possível, sem que vós o percebaís, que causem prejuízo. Já sabeis que sois religiosas e que a vossa vida é de oração. Não admitais que vos venha a idéia: “Não quero que me tenham em boa conta”, pois o prejuízo ou benefício decorrente do que se vir em vós atingirá toda a comunidade. É muito danoso que pessoas tão obrigadas a falar apenas de Deus, como são as monjas, ajam conscientemente com dissimulação no tocante a isso, exceto num caso raro em que isso seja para o maior bem das almas.

A oração é o vosso assunto, e a sua é a vossa linguagem; quem quiser tratar convosco deve aprendê-lo, e, se não o fizer, que vos resguardeis de aprender a delas: isso seria um inferno.

5. Se vos tiverem por grosseiras, nada perdereis; se por hipócritas, menos ainda. Ganhareis disso o não serdes procuradas senão por quem entende vossa língua; é impossível que quem não sabe algaravia aprecie falar longamente com quem só sabe essa língua. Assim, não vos cansarão nem prejudicarão, já que não seria pouco prejuízo começardes a falar uma nova língua, pois todo o vosso tempo seria dedicado a isso. E não podeis saber, ao contrário de mim, que por isso passei, o grande mal que é para a alma; porque, para saber uma, esquece a outra, ficando num perpétuo desassossego de que deveis fugir com todas as forças. O mais conveniente para esse caminho de que começamos a tratar é a paz e o sossego na alma.

6. Se as pessoas que falam convosco desejarem aprender a vossa língua, já que não vos cabe ensinar, podeis discorrer sobre as riquezas obtidas com a sua aprendizagem; disso não vos canseis, mas fazei-o com piedade, amor e oração para que haja proveito, para que a pessoa, entendendo o grande benefício que há



nisso, procure um mestre que a ensine. Não seria pouca graça do Senhor permitir-vos que despertásseis alguma alma para esse bem.

E quantas coisas boas são oferecidas a quem começa a seguir por esse caminho, mesmo a uma pessoa que o tem percorrido tão mal quanto eu! Queira o Senhor que eu saiba, irmãs, falar delas melhor do que as tenho praticado. Amém.

## CAPÍTULO 21

FALA DA GRANDE IMPORTÂNCIA DE SE COMEÇAR COM MUITA DETERMINAÇÃO A TER ORAÇÃO E  
NÃO FAZER CASO DOS INCONVENIENTES SUGERIDOS PELO DEMÔNIO.

1. Não vos espanteis, filhas, com as muitas coisas que é necessário considerar para iniciar essa viagem divina, que constitui a via régia para o céu. Ganha-se, indo por ele, um grande tesouro, não sendo, pois, demasiado que custe muito, a meu ver. Tempo virá em que se vai entender como tudo é nada para obter tão grande recompensa.

2. Voltando agora aos que desejam seguir por ele e não parar até o fim,<sup>1</sup> que é chegar a beber dessa água de vida, como devem começar? Digo que muito importa, sobretudo, ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não alcançar a meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, sofra-se o que se sofrer, murmure quem murmurar, mesmo que não se tenham forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo. E quantas vezes não acontece de ouvirmos dizer: “Há perigos”, “Fulana se perdeu por aqui”, “O outro se enganou”, “Aquele que rezava muito, caiu”, “Prejudicam a virtude”, “Não é para mulheres, pois podem sobreviver--lhes ilusões”, “Será melhor que vão fiar”, “Deixem de lado essas delicadezas”, “Basta o pai-nosso e a ave-maria”!

3. Isto também digo eu, irmãs; e como basta! É sempre um grande bem fundardes vossa oração em orações ditas por lábios como os do Senhor. Nisso têm razão, porque, se a nossa fraqueza não fosse tão fraca e a nossa devoção, tão debilitada, não seriam necessários outros modos de oração nem outros livros. E assim pareceu-me agora acertado (pois, como digo,<sup>2</sup> dirijo--me a almas que não podem recolher-se em outros mistérios, almas às quais parece necessário usar de artifícios, havendo também espíritos tão engenhosos que com nada se contentam) fundar por aqui alguns princípios, meios e fins de oração, sem me deter, contudo, em coisas elevadas. Desse modo, não vos poderão tirar livros porque, se fordes estudiosas e humildes, não precisareis de outra coisa além do pai-nosso.

4. Sempre tive afeição pelas palavras dos Evangelhos, que me levavam a maior recolhimento do que livros muito bem redigidos — especialmente se o autor não era muito aprovado, eu não tinha vontade de lê-los. Recorro, portanto, a esse Mestre da sabedoria e talvez aprenda Dele alguma consideração que vos contente.

Não digo que farei comentários dessas orações divinas<sup>3</sup> (pois não me atreveria a tanto, além de haver muitos escritos; e, mesmo que não os houvesse, seria disparate fazê-lo); apenas vou considerar as palavras do *pai-nosso*. Porque, algumas vezes, parece que, com muitos livros, perdemos a devoção àquilo que é tão importante para nós, visto ser claro que todo mestre, quando ensina uma coisa, afeiçoa-se ao discípulo e gosta que ele se contente com o que lhe é ensinado, além de ajudá-lo muito para que aprenda. Assim fará conosco esse Mestre celestial.

5. Por isso, não façais nenhum caso dos temores que quiserem vos incutir, nem dos perigos que vos apontarem. Seria muito engraçado que eu quisesse seguir por um caminho onde há tantos ladrões sem correr riscos, ganhando com facilidade um grande tesouro. Muito bom está o mundo para que vos seja permitido tomá-lo em paz; pelo contrário, por um centavo de interesse, as pessoas do mundo são capazes de ficar acordadas muitas noites e de desassossegar o corpo e a alma.

Porque, se quando vamos obtê-lo — ou roubá-lo, pois, como diz o Senhor, os esforçados o arrebatam —,<sup>4</sup> seguindo um caminho real, uma estrada segura, trilhada pelo nosso Rei e por todos os Seus escolhidos e santos, nos dizem que há tantos perigos e nos exibem tantos temores, imaginemos que riscos não correrão aqueles que decidem, sem orientação e sem saber o caminho, ganhar esse bem.

6. Ó filhas minhas! Eles correm perigos sem comparação, e em número muito maior, mas não os percebem até avistar o verdadeiro perigo, quando não há quem lhes dê a mão, perdendo por inteiro a água, sem beber pouco nem muito, nem de charco nem de arroio.

Pois, como já podeis ver, de que maneira se passará por um caminho onde há tantos inimigos a enfrentar sem uma gota dessa água? É claro que, quando menos esperarem, eles morrerão de sede — porque, queiramos ou não, filhas minhas, todos caminhamos para essa fonte, se bem que de diferentes maneiras. Acreditai-me, e não vos deixeis enganar por ninguém que vos mostre um caminho que não seja o da oração.

7. Não digo agora que a oração deva ser mental ou vocal para todos; no tocante a vós, digo que necessitais de uma e da outra, pois é esse o ofício dos religiosos. Tende aquele que vos disser que isso é um perigo pelo próprio perigo, e fugi dele; e não vos esqueçais deste meu conselho, que talvez venha a ter utilidade. Perigo será não ter humildade nem as outras virtudes; mas o caminho de oração ser caminho de perigo é algo que Deus nunca vai permitir. O demônio parece ter inventado esses temores, tendo com suas manhas, ao que parece, derrubado algumas pessoas de oração.

8. E vede que cegueira a do mundo, pois não se vêem os muitos milhares que caíram em heresias e em grandes males sem ter oração, e sim dissipação. E se, entre a multiplicidade destes, o demônio, para melhor atingir os seus alvos, conseguiu derrubar alguns que tinham oração, essa mesma vitória logo faz incutir em outros um imenso temor diante das coisas da virtude. Quem recorrer a esse amparo para se livrar deve ter cautela, porque foge do bem para se livrar do mal.<sup>5</sup> Nunca vi uma invenção tão ruim: bem parece coisa do demônio. Ó Senhor meu, defendei a Vossa causa; vede que entendem Vossas palavras ao contrário. Não permitais semelhantes fraquezas em Vossos servos.<sup>6</sup>

9. Há um grande bem aí: sempre vereis alguns que vos ajudem, porque com isso conta o verdadeiro servo de Deus, a quem Sua Majestade esclareceu sobre o verdadeiro caminho; esses temores só fazem com que aumente o seu desejo de não parar. Ele percebe sem nenhuma dúvida de onde vem o golpe do demônio para furtar-lhe o corpo e quebrar-lhe a cabeça. O demônio sente mais isso do que se alegra com todos os prazeres que outros lhe trazem. Quando, em tempo de alvoroço, numa desavença que semeia, o demônio parece conduzir todos meio cegos atrás de si, por tê-los enganado com o que parece ser o bom zelo, Deus incita alguém a abrir-lhes os olhos e dizer-lhes que vejam que o inimigo enevoou a sua visão para que não percebessem o caminho.

Que grandeza a de Deus! Pode mais, às vezes, um homem ou dois que digam a verdade do que muitos juntos; pouco a pouco se descobre o caminho outra vez: Deus lhes dá ânimo. Se disserem que há perigo na oração, procurai que se compreenda quão boa ela é, se não por palavras, por obras; se disserem que não é bom comungar amiúde, freqüentai a comunhão com mais assiduidade. Assim, quando houver um ou dois que, sem temor, sigam o melhor, logo o Senhor voltará aos poucos a ganhar o perdido.

10. Desse modo, irmãs, não considereis esses medos; nunca façais caso, em coisas semelhantes, da opinião comum. Vede que estes não são tempos de se acreditar em todos, mas naqueles que virdes seguir a vida de Cristo. Procurai ter a consciência limpa e ser humildes, menosprezando todas as coisas do mundo e crendo firmemente no ensinamento da Santa Madre Igreja, e estareis seguras de seguir um bom caminho.

Deixai — como eu disse —<sup>7</sup> de temores onde não há o que temer. Se alguém vos apresentar algum, mostrai-lhe com humildade o caminho. Dizei que tendes Regra que vos ordena orar sem cessar — pois assim ela nos manda — e que deveis guardá-la.<sup>8</sup> Se vos disserem que deveis orar vocalmente, verificai se o intelecto e o coração devem estar naquilo que dizeis; se vos disserem que sim — pois não poderão dizer outra coisa —, vede como confessam que estais obrigadas a ter oração mental, e até contemplação, se Deus a conceder a vós ali.

## CAPÍTULO 22

### DECLARA O QUE É ORAÇÃO MENTAL.

1. Sabei, filhas, que a diferença entre a oração mental e não-mental não está em ter a boca fechada ou aberta; se, falando, entendo perfeitamente e percebo que falo com Deus, concentrando-me mais nisso do que nas palavras que digo, estão juntas aqui a oração mental e a vocal. Isso assim é, a menos que vos aconselhem a falar com Deus, rezando o pai-nosso, ao mesmo tempo que pensam no mundo; nesse caso, calo-me. Mas, se quereis tratar com tão grande Senhor da maneira cabível, é bom que encareis Aquele com quem falais, bem como quem sois vós, ao menos para usar de cortesia. Porque como podeis chamar o rei de Alteza ou conhecer as cerimônias que se empregam para falar com uma grande personagem se não conheceis bem a Sua e a vossa condição social? Porque é de acordo com a dignidade, e conforme o uso comum, que se prestam as honras, sendo vital que também saibais disso se não quiserdes ser despedidas como simplórias, sem nada conseguir.

Pois o que é isto, Senhor meu? O que é isto, meu Imperador? Como é possível suportar semelhante coisa? Sois rei, Deus meu, para sempre, e não é emprestado o reino que tendes. Quando se diz no credo: *Vosso reino não terá fim*, quase sempre me alegro de maneira especial. Louvo-Vos, Senhor, e bendigo-Vos para sempre. Pois nunca permitais, Senhor, que se tenha por bom que, indo falar Convosco, o faça apenas com a boca.

2. Que é isto, cristãos, então dizeis que não é preciso oração mental? Estais entendendo a vós mesmos? Certamente penso que não sabeis o que falais, querendo assim que todos fiquemos desatinados; não sabeis como é a oração mental nem como se deve rezar a vocal, nem o que é contemplação, visto que, se o soubésseis, não condenaríeis de um lado o que louvais por outro.

3. Sempre que me lembrar, hei de unir a oração mental à vocal, para que não vos espanteis, filhas; pois sei onde vão dar essas coisas, tendo tido minha cota de sofrimento nesse particular, razão por que não gostaria que ninguém vos deixasse desassossegadas, porque andar com medo nesse caminho pode prejudicar. É muito importante entender que ides bem, já que, quando se diz a algum caminhante que ele está errado e se perdeu, faz-se que ele ande de um lado para o outro e, enquanto fica procurando por onde há de seguir, ele se cansa, perde tempo e chega mais tarde.

Quem poderá afirmar que é ruim, se começarmos a rezar as Horas ou o rosário, que iniciemos pensando Naquele com quem vamos falar e em quem é que fala para saber de que modo O haveremos de tratar? Pois eu vos digo, irmãs, se o muito que é preciso fazer para compreender essas duas coisas fosse bem-feito, antes de começardes a oração vocal que ides fazer, teríeis dedicado bastante tempo à oração mental. Sim; não vamos falar a um príncipe com o descuido com que falamos a um lavrador ou a uma pobre como nós, para quem qualquer tratamento é adequado.

4. Assim, por Sua humildade, este Rei, se eu, sendo grosseira, não sei falar com Ele, nem por isso deixa de me atrair para Si nem de me ouvir, nem os Seus guardas me expulsam; porque os anjos que ali estão bem conhecem a condição do seu Rei, que gosta mais da grosseria de um pastorzinho humilde que Ele vê que, se mais soubesse, mais diria do que dos muito sábios e eruditos, por mais elaborados os seus raciocínios, se não se dirigem a Ele com humildade. O fato de Ele ser bom não justifica, no entanto, que sejamos irreverentes.

Pelo menos devemos agradecer-Lhe por tolerar o mau odor que vem do fato de permitir junto a Si pessoas como eu, sendo bom que procuremos conhecer Sua limpeza e saber quem é. É verdade que, ao chegar, logo se percebe isso, ao contrário do que ocorre com os senhores daqui, que, dizendo-nos quem foi seu pai e o que possuem de renda, bem como o seu título, nada mais têm a dizer; porque, aqui na terra, não se levam em conta as pessoas para honrá-las, por mais que o mereçam, considerando-se apenas suas posses.

5. Ó miserável mundo! Louvai muito a Deus, filhas, pois deixastes coisa tão ruim, onde não se consideram as qualidades pessoais, mas o número de vassalos e propriedades arrendadas; e se estes faltam, logo faltam as honras. Esta é uma coisa engraçada com que podeis divertir-vos quando estiverdes em recreação; é bom passatempo perceber quão cegamente passam os dias as pessoas do mundo.

6. Ó Imperador nosso, sumo Poder, suma Bondade, a própria Sabedoria, sem princípio, sem fim, sem limites em Vossas obras: são infinitas, incompreensíveis, um poço sem fundo de maravilhas, uma formosura que traz em si todas as formosuras, a própria Fortaleza! Oh, valha-me Deus! Quisera ter aqui toda a eloquência e sabedoria dos mortais, para bem saber — como aqui se pode saber, porque tudo é não saber nada, neste caso — explicar alguma das muitas coisas que podemos considerar para conhecer um pouco quem é esse Senhor e Bem nosso!

7. Sim, aproximai-vos pensando e compreendendo com quem ides falar ou com quem estais falando. Em mil vidas das nossas não conseguiremos entender por inteiro como merece ser tratado esse Senhor, diante do qual os anjos tremem. Ele tudo governa, tudo pode; Seu querer é operar. Há, pois, razão, filhas, para que procuremos deleitar-nos nessas grandezas que tem o nosso Esposo e para que compreendamos com quem estamos casadas e que vida havemos de ter.

Oh, valha-me Deus! Aqui na terra, quando alguém se casa, primeiro sabe com quem, quem é a pessoa e o que tem; nós, já prometidas, não haveremos de pensar em nosso Esposo, antes do dia das bodas, em que Ele há de nos levar para a Sua casa? Se aqui não se impedem esses pensamentos às que estão prometidas em casamento com os homens, por que nos haveriam de impedir de procurar entender quem é esse Homem, quem é seu Pai, que terra é essa para onde há de nos levar e que bens promete nos dar, qual a Sua condição, como poderemos melhor contentá-Lo, como poderemos agradá-Lo e que faremos para compatibilizar o nosso gênio com o Dele? Para que uma mulher venha a ser bem casada, não a advertem senão que procure fazer isso, mesmo que o marido seja homem de condição muito baixa.

8. Pois, Esposo meu, será que em tudo Vos considerarão menos que aos homens? Se isso não lhes agrada, que eles deixem que Vossas esposas o façam, pois estas haverão de viver sempre Convosco. E terão, na verdade, vida feliz! Se um esposo for tão ciumento que não queira que a esposa fale com ninguém, seria bonito se ela não pensasse em lhe dar esse prazer, ainda mais quando a razão para o suportar e para ele não querer que ela fale com outro é o fato de ela ter nele tudo o que pode querer!

Eis a oração mental, filhas minhas, entender essas verdades. Se quiserdes nutrir esses pensamentos enquanto rezais vocalmente, muito bem. Mas não fiquéis falando com Deus e pensando em outras coisas, pois isso leva a não entender o que é a oração mental. Creio que o expliquei. Queira o Senhor que o saibamos praticar, amém.<sup>1</sup>

## CAPÍTULO 23

TRATA DE QUÃO IMPORTANTE É PARA QUEM COMEÇOU O CAMINHO DE ORAÇÃO NÃO VOLTAR ATRÁS,  
TORNANDO A FALAR DA GRANDE RELEVÂNCIA DE SE SEGUIR POR ELE COM DETERMINAÇÃO.

1. Pois digo que é muito importante começar com grande determinação, e isso por tantas causas que eu muito me alargaria se as dissesse aqui. Quero vos dizer, irmãs, apenas duas ou três.<sup>1</sup>

Uma é que não é justo não dar, a Quem tanto nos tem dado e que dá continuamente, uma coisa que já nos tínhamos decidido a dar-Lhe com determinação. Esse cuidadinho (que, por certo, não deixa de ter interesse para nós, por trazer consigo grandes benefícios) devemos ter, não como quem empresta uma coisa para mais tarde tomá-la, mas com todo o nosso ser. Dar como quem empresta não me parece dar, restando sempre algum desgosto naquele a quem algo é emprestado quando se volta a tomá-lo, especialmente se ele precisava disso e o considerava seu, ou se é amigo daquele que o emprestou, tendo feito muitas coisas por ele sem nenhum interesse. Com razão ele vai considerar essa atitude mesquinha, prova de muito pouco amor, já que o amigo não quer deixar com ele uma coisa tão pequena, sequer em sinal de amizade.

2. Que esposa há que, recebendo muitas jóias de valor do esposo, não lhe dê sequer um anel, não pelo que vale, pois tudo já é seu, mas como prova de que será sua até morrer? Merecerá menos este Senhor, para que o consideremos tão pouco, dando e retomando o nada que Lhe damos? Demos-Lhe esse pouquinho de tempo que nos determinamos a dar-Lhe — do muito que gastamos conosco e com quem não vai nos agradecer —, já que Lhe queremos dar esse nada, com o pensamento livre e desimpedido de outras coisas, e com toda a decisão de nunca mais tomá-lo outra vez Dele, por mais sofrimentos que nos advenham daí, por mais contradições e securas, e de uma maneira que ele já não seja mais nosso, pensando que Ele pode exigi-lo de mim com razão quando eu não quiser dá-lo a Ele de todo.

3. Digo “de todo” para que não se entenda que deixar o tempo da oração em algum momento, ou por alguns dias, devido a justas ocupações ou a alguma indisposição, seja tomá-lo de volta. Que a intenção esteja firme, pois o Senhor não é dado a melindres, nem fica pensando em detalhezinhos. Ele vos será agradecido, pois isso já é dar algo. Outro comportamento serve para quem não é franco, mas tão avarento que não tem coração para dar e, quando muito, empresta.

Enfim, que se faça alguma coisa, pois este Senhor nosso tudo leva em conta e tudo faz de acordo com os nossos desejos. Ele em nada é exigente em Suas cobranças, mas sim generoso; para Ele, por maior que seja a dívida, perdoá-la é pouco. Já para pagar, é tão minucioso que não deveis ter medo de que Ele deixe de recompensar um só alçar de olhos acompanhado da lembrança Dele.

4. Outra razão<sup>2</sup> é que o demônio fica com o seu poder para tentar enfraquecido; ele tem tão grande medo de almas determinadas, pois já tem a experiência de que elas lhe fazem grande dano, que aquilo que ordena para fazê-las se perder acaba trazendo-lhes proveito, e aos outros, ficando o inimigo com o prejuízo. Mas não devemos nos descuidar nem confiar nisso, porque tratamos com pessoas traidoras, não ousando o demônio arremeter contra quem está alerta, por ser muito covarde.

Se, no entanto, perceber um descuido, provocaria grandes perdas. E, se sabe que alguém é inconstante e não está consolidado no bem, sequer com uma enorme determinação de perseverar, ele não o deixa em paz de dia nem de noite, suscitando-lhe medos e mostrando-lhe inconvenientes que nunca se acabam. Sei disso muito bem por experiência, e assim o soube explicar, e afirmo que ninguém sabe quão importante é isso.

5. A outra razão, muito relevante, é que a alma luta com mais ânimo, pois já sabe que, aconteça o que acontecer, não vai voltar atrás. É como alguém que está numa batalha e sabe que, se for vencido, não lhe perdoarão a vida, e que, se não morrer no combate, morrerá depois. Assim, peleja com maior determinação,

querendo vender caro sua vida, como se diz, sem temer tanto os golpes, porque tem em mente que o importante é a vitória, pois dela depende a sua vida.

Também é necessário começarmos seguras de que, se não nos deixarmos vencer, vamos nos sair bem — e sem nenhuma dúvida, porque, por menor que seja o lucro que obtivermos, ainda ficaremos muito ricas. Não tendes medo de que o Senhor que nos chama a beber desta fonte vos deixe morrer de sede. Eu já disse isso,<sup>3</sup> e queria repeti-lo muitas vezes, porque esse temor acovarda muito pessoas que ainda não conhecem de todo a bondade do Senhor por experiência, se bem que a conheçam pela fé. Mas é grande coisa ter experimentado o prazer e a amizade com que Ele trata quem segue por este caminho, bem como o modo como faz quase tudo às Suas custas.

6. Quanto aos que não o experimentaram, não me causa espanto que desejem segurança do lucro a ser obtido. Pois já sabeis que ele é de cem por um, ainda nesta vida, e que o Senhor disse *Pedi e vos será dado*.<sup>4</sup> Se não acreditais em Sua Majestade nas partes do seu Evangelho que asseguram isso, pouco proveito há, irmãs, em quebrar eu a cabeça para vos dizer. Contudo, digo a quem tiver alguma dúvida que pouco se perde em experimentá-lo, pois isto tem de bom essa viagem:<sup>5</sup> recebe-se mais do que se pede e até do que se poderia desejar. Isso é infalível, eu o sei. E aquelas de vós que o sabem por experiência, pela bondade do Senhor, eu posso apresentar como testemunhas.

## CAPÍTULO 24

TRATA DE COMO SE DEVE FAZER COM PERFEIÇÃO      A ORAÇÃO VOCAL E DE COMO SEMPRE  
ANDAM      JUNTAS A ORAÇÃO MENTAL E A VOCAL.

1. Agora voltemos,<sup>1</sup> pois, a falar com as almas que eu disse não poderem se recolher nem fixar o intelecto na oração mental, nem fazer considerações. Não mencionaremos aqui estas duas coisas, que não são para vós; mas há muitas pessoas, na verdade, a quem o simples termo oração mental ou contemplação parece atemorizar.

2. E se<sup>2</sup> alguma dessas pessoas vier a esta casa — porque, como eu já disse, nem todas vão pelo mesmo caminho —, é ainda mais conveniente que eu vos aconselhe, e até ensine, porque, como madre, tendo o ofício de priora, isso é lícito, sobre como deveis rezar vocalmente, visto ser justo que entendais o que dizeis. E como pode ser que aqueles que não podem pensar em Deus também se cansem com longas orações, tampouco vou falar disso, concentrando-me nas orações que estamos obrigadas a fazer como cristãs, que são o pai-nosso e a ave-maria.

Façamos isso para que não se diga que falamos e não entendemos o que dizemos — salvo se nos parecer que basta fazê-lo por costume, limitando-nos a pronunciar as palavras. Se isso basta ou não, não me cabe dizê-lo; digam-no os eruditos.<sup>3</sup> O que eu queria que fizéssemos, filhas, é que não nos contentássemos só com isso; porque, quando digo “Credo”, parece-me ser razoável que eu entenda e saiba aquilo em que creio; e quando digo “pai-nosso”, exige o amor que eu compreenda quem é esse Pai nosso e quem é o Mestre que nos ensina essa oração.

3. Podeis dizer que já o sabeis, não havendo razão para que eu vos recorde. Se o fizerdes, não estareis certas, visto haver muita diferença entre mestre e mestre, e já que, aqui na terra, é grande erro não nos lembrarmos daqueles que nos ensinam, especialmente quando são santos e mestres da alma; de fato, se formos bons discípulos, não nos será possível esquecê-los. Quanto ao Mestre que nos ensinou essa oração, com tanto amor e desejo de que ela nos fosse proveitosa, nunca permita Deus que não nos recordemos muitas vezes Dele quando a dissermos, embora a nossa fraqueza nos impeça de ter sempre essa lembrança.

4. Quanto à primeira coisa, já sabeis que Sua Majestade ensina que a oração seja feita na solidão; Ele fazia assim sempre que orava,<sup>4</sup> e não por necessidade Sua, mas para nos ensinar. Já foi dito que é insuportável falar com Deus e com o mundo ao mesmo tempo, pois não é outra coisa estar rezando e ouvindo, por outro lado, aquilo que se diz, ou pensando no que nos vem à cabeça, sem nos controlar. Deixo de lado certos períodos em que, por maus humores — em especial em pessoas que têm melancolia — ou fraqueza da cabeça, por mais que se queira, nada se consegue fazer, ou em que Deus permite que haja grande turbulência em Seus servos para o seu maior bem. Mesmo que não se aflija e procure aquietar-se, a pessoa não pode estar nem está atenta àquilo que diz, por mais que se esforce; o intelecto não se fixa em nada, parece frenético, de tal maneira está descontrolado.

5. Quem assim está verá, devido ao sofrimento que lhe sobrevém, que não é culpado por isso. Não deve afligir-se, porque é pior, nem se cansar em querer trazer à razão quem não a tem, isto é, seu próprio intelecto;

reze como puder ou até não o faça, e procure aliviar a sua alma como a uma enferma, ocupando--se de outra obra de virtude. Esta advertência destina-se a pessoas que se dedicam a cuidar da própria perfeição e já perceberam que não devem falar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo. De nossa parte, o que podemos fazer é procurar ficar a sós, e queira Deus que isso baste, como eu digo, para que entendamos com quem estamos e a resposta que o Senhor dá aos nossos pedidos.

Pensais que Ele está calado? Mesmo que não O ouçamos, Ele nos fala ao coração quando de coração lhe pedimos. E é bom que cada uma de nós considere que Ele lhe ensinou pessoalmente essa oração e que ainda continua a ensiná-la. Pois o mestre nunca fica tão longe do discípulo a ponto de precisar falar em altos brados; ele fica muito perto. Uma coisa desejo que entendais: para rezardes bem o pai-nosso, convém que não vos afasteis do Mestre que o ensinou a vós.

6. Direis que isso já é meditação, que não podeis nem quereis senão rezar vocalmente. Porque também há pessoas impacientes e adeptas de comodidades que, como não têm o costume de recolher o pensamento, têm dificuldades de fazê-lo no princípio; e, para não se cansarem nem um pouco, dizem que não podem nem sabem mais do que rezar vocalmente.

Tendes razão em afirmar que isso já é oração mental. Mas eu vos digo que, na verdade, não sei como separá-la da oração vocal, se é que pretendemos rezar vocalmente com perfeição, entendendo com quem falamos. De fato, é nossa obrigação procurar rezar com atenção; e queira ainda Deus que, com esses recursos, o pai-nosso acabe por ser bem rezado e não acabemos em mais uma coisa impertinente. Passei pela experiência algumas vezes, e o melhor remédio que encontro é procurar fixar o pensamento Naquele a quem dirijo as palavras. Por isso, tende paciência e procurai transformar em costume uma coisa tão necessária.<sup>5</sup>

## CAPÍTULO 25

FALA DO MUITO QUE GANHA A ALMA QUE REZA  
ACONTECE DE DEUS ELEVÁ-LA DISSO A

VOCALMENTE COM PERFEIÇÃO E DE COMO  
COISAS SOBRENATURAIS.

1. E para que não penseis que se tira pouco proveito do rezar vocalmente com perfeição, eu vos digo ser muito possível que, estando a rezar o pai-nosso, o Senhor vos ponha em contemplação perfeita; porque assim Sua Majestade mostra que ouve aquele que Lhe fala e lhe revela a Sua grandeza, suspendendo-lhe o intelecto e interrompendo-lhe o pensamento, tirando-lhe, como se costuma dizer, a palavra da boca — porque a alma, mesmo que queira, não pode falar a não ser com muito esforço.

2. A alma entende que, sem o rumor das palavras, esse Mestre divino está lhe ensinando, suspendendo-lhe a atividade do intelecto, porque esta, nessa circunstância, antes prejudicaria que beneficiaria; a alma goza sem entender como. Ela está abrasando-se em amor e não entende como ama; sente deleitar-se naquilo que ama e não sabe como. Ela bem entende que o seu intelecto nunca alcançaria esse prazer; é tomada por uma intensa vontade sem compreender como. Mas, se puder entender algo, vê que esse não é um bem que se possa merecer em troca de todos os sofrimentos juntos da terra. Ele é dom do Senhor do céu e da terra, que o dá como quem é.

Esta, filhas, é a contemplação perfeita.

3. Agora entenderéis a diferença que há entre ela e a oração mental, que é o que fica dito:<sup>1</sup> pensar e entender o que falamos, com Quem falamos e quem somos nós que nos atrevemos a falar com tão grande Senhor. Oração mental é pensar nisso e em outras coisas semelhantes, como no pouco que O temos servido e no muito que estamos obrigadas a servir; não penseis que seja uma coisa complicada, nem vos espanteis com o nome. Rezar o pai-nosso e a ave-maria ou qualquer outra coisa é oração vocal.

Vede que, sem a primeira,<sup>2</sup> esta vai produzir uma música desafinada; até as palavras nem sempre sairão certas. Nessas duas coisas,<sup>3</sup> também podemos fazer alguma coisa, com o favor de Deus; na contemplação de que acabei de falar, nada está ao nosso alcance: Sua Majestade é quem faz tudo, pois é obra Sua, que está além da nossa natureza.

4. Como já expliquei longamente a questão da contemplação, da melhor maneira que pude, no relato da minha vida que, como eu disse, escrevi para meus confessores,<sup>4</sup> atendendo a uma ordem sua, só falarei disso aqui de passagem. As que tiverem sido tão felizes a ponto de serem levadas pelo Senhor a um estado de contemplação e puderem ler aquele livro ali encontrarão certas observações e avisos que Deus me permitiu

escrever com correção, o que as consolará muito e dará muito proveito. Também pensam isso algumas pessoas que o leram e o apreciaram. Que vergonha sinto ao dizer--vos para dardes importância a coisas minhas!

O Senhor bem conhece a confusão com que escrevo muito do que escrevo. Bendito seja Ele, que me suporta! As que, como eu digo, tiverem oração sobrenatural devem procurar lê-lo depois da minha morte; quem não a tiver não tem por que fazê-lo, devendo esforçar-se para praticar o que explico aqui, deixando ao Senhor a decisão, pois só Ele pode nos dar essa oração e não há de negá--la a vós se vos empenhardes em chegar ao fim, não ficando pelo caminho.

## CAPÍTULO 26

EXPLICA O QUE SE DEVE FAZER PARA RECOLHER O PENSAMENTO. INDICA MEIOS PARA ISSO. ESTE É UM CAPÍTULO MUITO PROVEITOSO PARA OS QUE COMEÇAM A TER ORAÇÃO.

1. Voltemos, pois, à nossa oração vocal para que a façamos de maneira que, sem que entendamos como, Deus nos dê ao mesmo tempo a oração mental e para que, como eu disse,<sup>1</sup> rezemos como se deve.

Já se sabe que a primeira coisa a fazer é o exame de consciência, bem como a confissão e o sinal-da-cruz.

Procurai logo, filhas, pois estais sós, ter companhia. E que melhor companhia que a do próprio Mestre que ensinou a oração que ides rezar? Fazei de conta que tendes o próprio Senhor junto de vós e vede com que amor e humildade Ele vos ensina; e, acreditai-me, enquanto puderdes, não fiquéis sem tão bom amigo. Se vos acostumardes a tê-Lo junto a vós e Ele vir que o fazeis com amor e procurais contentá-Lo, não podereis, como se diz, afastá-Lo de vós; Ele não vos faltará nunca, vos ajudará em todos os sofrimentos, e vós O achareis em toda parte. Pensais que é pouco ter um amigo como esse ao vosso lado?

2. Ó irmãs que não podeis discorrer muito com o entendimento nem recolher o pensamento sem vos distrairdes: acostumai-vos, acostumai-vos! Vede que sei que podeis fazer isso, pois enfrentei a dificuldade de concentrar o pensamento numa coisa durante muitos anos, e bem sei que não é fácil. Mas sei também que o Senhor não nos deixa tão abandonadas, pois se chegarmos com humildade a pedir-Lhe, Ele não deixa de nos acompanhar. Se em um ano não o conseguirmos, que seja em mais! Não nos lamentemos do tempo gasto em coisa tão boa. Quem nos está apressando? Afirmo que podeis adquirir esse costume e, com algum esforço, ficar na companhia desse verdadeiro Mestre.

3. Não vos peço agora que penseis Nele nem que tireis muitos conceitos nem que façais grandes e delicadas considerações com vosso entendimento; peço-vos apenas que olheis para Ele. Pois quem vos impede de voltar os olhos da alma, mesmo de relance, se não puderdes mais, para esse Senhor? Se podeis olhar para coisas muito feias, como não poderíeis contemplar a coisa mais formosa que se possa imaginar?

Vede que o vosso Esposo nunca tira, filhas, os olhos de vós; o Senhor tem suportado as mil coisas feias e abominações que temos praticado contra Ele e nada disso bastou para que deixasse de vos olhar. Será muito pedir que desvieis os olhos das coisas exteriores, contemplando-O algumas vezes? Vede que Ele, como diz à esposa,<sup>2</sup> não está esperando outra coisa. Se quiserdes, achá-Lo-eis. Ele gosta tanto de um olhar nosso que tudo faz para consegui-lo.

4. Dizem que a mulher, para ser bem casada, deve agir com o marido da seguinte maneira: mostrar-se triste quando ele está triste e alegre quando o vê alegre, mesmo que nunca o esteja (vede de que sujeição vos livrastes, irmãs); e isso com sinceridade, sem fingimento, o Senhor faz conosco: Ele Se sujeita, desejando que sejais a senhora e Lhe imponhais a vossa vontade.

Se estais alegres, vede-O ressuscitado, pois o simples imaginar que Ele saiu do sepulcro vos alegrará. Com que esplendor, com que formosura, com que majestade, quão vitorioso, quão alegre! Como quem se saiu bem da batalha onde conquistou um reino tão importante, que Ele deseja dar-vos por inteiro, junto Consigo. Assim, será muito que volteis os olhos de vez em quando para Aquele que tanto vos dá?

5. Se estais padecendo ou tristes, vede-O a caminho do Horto. Que aflição tão grande Lhe ia na alma, já que, sendo todo paciência, chegou a confessá-la e a queixar-se dela! Ou vede-O atado à coluna, cheio de dores, com a carne toda feita em pedaços pelo muito que vos ama, padecendo muito: perseguido por uns, cuspidos por outros, renegado pelos amigos, desamparado por eles, sem ninguém que O defendesse, gelado de frio, posto em imensa solidão. Se o fizerdes, um com o outro vos podeis consolar. Contemplai também o Senhor carregando a cruz, sem que O deixassem recobrar o fôlego. Ele porá em vós os Seus olhos formosos e piedosos, cheios de lágrimas, esquecendo-Se de Suas dores para consolar as vossas, só porque ides consolar-vos com Ele e voltais a cabeça para fitá-Lo.<sup>3</sup>

6. “Ó Senhor do mundo, verdadeiro Esposo meu (podeis dizer-Lhe, se o vosso coração se enterneceu por vê-Lo assim, levando-vos não só a querer olhar para Ele como também a desejar falar-Lhe; não com orações compostas, mas do sofrimento do vosso coração, que Ele tem em muitíssima conta), tão necessitado estais, Senhor meu e Bem meu, que quereis admitir uma pobre companhia como a minha? Estarei vendo em Vosso semblante que Vos consolastes comigo? Pois como, Senhor, é possível que os anjos Vos deixem só e que nem mesmo Vos console o Vosso Pai? Se assim é, Senhor, que tudo isso quereis passar por mim, o que é isto que eu passo por Vós? De que me queixo? Já estou envergonhada de Vos ter visto assim e desejo, Senhor, passar por todas as provações que me acometerem e tê-las como grande bem para Vos imitar em algo. Marchemos juntos, Senhor; por onde fordes, terei de ir; por onde passardes, terei de passar”.

7. Pegai, filhas, a cruz, para que Ele não siga tão carregado, e não vos incomodeis se os judeus vos atropelarem; não vos importeis com o que eles vos disserem, fazei-vos surdas aos seus murmúrios. Tropeçando, caindo com vosso Esposo, não vos afasteis da cruz nem a deixeis. Considerai muito o cansaço com que Ele vai caminhando e quão maior é o Seu sofrimento diante do que padeceis, por grandes que queirais pintar e por muito que queirais sentir vossos penares. Saíreis consoladas deles, pois vereis que são coisa de nada comparadas com os que sofreu o Senhor.

8. Perguntareis, irmãs, como será possível fazer isso; direis que, se O vísseis com os olhos do corpo quando Sua Majestade estava no mundo, vós o faríeis de boa vontade e O contemplaríeis para sempre.

Não acrediteis nisso, porque quem agora não quer fazer um pouquinho de esforço até para recolher-se e olhar dentro de si esse Senhor (podendo-o fazer sem perigo e com o mínimo de empenho) de modo algum se poria ao pé da cruz com Madalena, tendo a morte diante de si. O que deviam passar a gloriosa Virgem e essa santa bendita! Que ameaças, que más palavras, que encontrões, quantos desacatos! Que cortesãos encontrariam entre aquela gente? Sim, havia cortesãos, mas do inferno, ministros do demônio. Por certo, deve ter sido terrível o que elas passaram; mas, diante de uma dor maior, não sentiam a sua.

Dessa maneira, irmãs, não acrediteis que servísseis para tão grandes padeceres, se não servis para insignificâncias cuja prática pode levar-vos a suportar provações maiores.

9. O que está em vossas mãos é tentar trazer uma imagem ou retrato desse Senhor que atenda ao vosso gosto; não para guardá-la consigo e nunca olhar, mas para falar com Ele muitas vezes, pois Ele mesmo vos ensinará o que dizer. Se falais com outras pessoas, por que vos haveriam de falar palavras para falar com Deus? Não acrediteis nisso; eu ao menos não acredito que isso aconteça se vos acostumardes a dirigir-vos a Ele. A falta de hábito é que nos torna estranhas quando falamos com alguém, levando-nos a não saber como tratar com as pessoas; temos a impressão de não conhecê-las, mesmo que sejam parentes nossas. Com a falta de comunicação, o parentesco e as amizades se perdem.

10. Também é muito útil usar um bom livro, mesmo para recolher o pensamento e vir a rezar bem vocalmente; assim, vai-se acostumando pouco a pouco a alma, com carinhos e artifícios, para não amedrontá-la. Fazei de conta que ela é uma esposa que há muito abandonou o esposo e que, para que deseje voltar para casa, precisamos saber convencê-la, pois assim são os pecadores: temos a alma e o pensamento tão acostumados a andar a seu bel-prazer, ou melhor, ao seu pesar, que a triste alma não se entende e, para se convencer a voltar para casa, exige muitos artifícios; se não agirmos assim, com habilidade e pouco a pouco, nunca faremos nada.

E volto a vos garantir que, se com cuidado, vos acostumardes ao que eu disse,<sup>4</sup> obtereis tantos benefícios que eu não os saberia dizer mesmo que quisesse. Assim, uni-vos a esse bom Mestre, muito determinadas a aprender o que Ele vos ensina, e Sua Majestade vos recompensará, tornando-vos boas discípulas e não vos deixando se não O deixardes. Olhai as palavras proferidas por aqueles lábios divinos e, logo à primeira, compreenderéis o amor que Ele vos tem. Não é pequeno bem e consolo para o discípulo ver que o seu mestre o ama.

## CAPÍTULO 27

TRATA DO GRANDE AMOR QUE O SENHOR DEMONSTROU POR NÓS NAS PRIMEIRAS PALAVRAS DO  
PAI-NOSSO, BEM COMO DA ENORME IMPORTÂNCIA DE QUE SE REVESTE NÃO FAZER NENHUM CASO  
DA NOBREZA DE LINHAGEM PARA AQUELAS QUE DESEJAM VERDADEIRAMENTE SER FILHAS DE  
DEUS.

1. *Pai nosso que estais no céu.*<sup>1</sup> Ó Senhor meu, como pareceis Pai de tal Filho, e vosso Filho parece filho de tal Pai! Bendito sejas para todo o sempre! Já não seria uma graça excessiva, Senhor, que nos permitísseis no final da oração chamar-Vos de Pai? Mas eis que, já no começo, nos encheis as mãos e fazeis favor tão



grande que seria justo absorvermos nele o intelecto para ocupar a vontade de tal maneira que não se pudesse pronunciar uma única palavra.

Oh! Como seria bom falar aqui, filhas, da contemplação perfeita! Oh, com quanta razão a alma entraria em si para melhor elevar-se acima de si mesma,<sup>2</sup> para aí escutar desse santo Filho palavras sobre o lugar onde Ele diz que está o Seu Pai, que é no céu! Afastemo-nos da terra, filhas minhas, pois é justo que se tenha em alta conta uma graça como esta, sendo incoerente que, tendo conhecido a sua grandiosidade, permanecêssemos na terra.

2. Ó Filho de Deus e Senhor meu! Como dais tantos bens juntos à primeira palavra? Se já Vos humilhais tanto ao juntar-Vos a nós no pedido, fazendo-Vos irmãos de coisa tão baixa e miserável, como ainda nos dais, em nome do Vosso Pai, tudo o que se pode dar, obrigando-O a nos ter por filhos, já que Vossa palavra não pode faltar?<sup>3</sup>

Vós O obrigais a cumpri-la, o que não é pequena carga, já que, sendo Ele Pai, há de nos suportar, por mais graves que sejam as nossas ofensas; se nos voltarmos para Ele, como o filho pródigo, Ele há de nos perdoar,<sup>4</sup> de nos consolar em nossos padeceres, de nos sustentar como o faz um tal Pai, que forçosamente vai ser melhor que todos os pais do mundo, já que nele não pode haver senão a perfeição de todos os bens.<sup>5</sup> E, depois de tudo isso, fará de nós participantes e herdeiros do Seu reino Convosco.

3. Vede, Senhor meu, já que, com o amor que tendes por nós e com a Vossa humildade, nada é capaz de Vos fazer vacilar (enfim, Senhor, estais na terra e revestido dela, tendo, pois, nossa natureza, parecendo ter assim algum motivo para procurar o nosso proveito), vede que Vosso Pai está no céu; Vós mesmo o dizeis. Assim, é justo zelardes por Sua honra. Como Vos oferecistes para ser desonrado por amor a nós, deixai Vosso Pai livre; não O obrigueis a tanto por gente tão ruim como eu, que tão mal agradecida há de ser.

4. Ó bom Jesus! Com que clareza mostrastes ser uma só coisa com Ele,<sup>6</sup> e que Vossa vontade é a Sua, e a Sua, Vossa! Que confissão tão patente, Senhor meu! Quão grande é o amor que tendes por nós! Estivestes rodeando, escondendo do demônio que sois Filho de Deus, e, com o grande desejo que tendes de ver o nosso bem, não retrocedeis diante de nenhuma dificuldade para nos conceder tão imensa graça. Quem a poderia dar senão Vós, Senhor? Eu não sei como, nesta palavra, o demônio não compreendeu quem éreis sem nenhuma dúvida.<sup>7</sup> Eu ao menos bem vejo, Jesus meu, que falastes como Filho dileto, por Vós e por nós, e que sois poderoso para que se faça no céu o que dizeis na terra. Bendito sejais para sempre, Senhor meu, que sois tão amigo de dar que nada é capaz de se pôr no Vosso caminho.

5. Não vos parece, filhas, que este é um bom Mestre, já que, para nos tornar amigas de aprender o que nos ensina, começa concedendo-nos um favor tão grande? Não vos parece que devemos, mesmo quando dissermos vocalmente essas palavras — Pai nosso —, compreendê-las com o intelecto para que se faça em pedaços o nosso coração ao ver tamanho amor? Pois que filho há no mundo que não procure saber quem é seu pai, ainda mais quando ele é bom e de tanta majestade e soberania? Se ele acaso não fosse assim, não me espantaria que não quiséssemos ser tidos por filhos seus, porque o mundo vai de tal maneira que, se o pai tem condição inferior à do filho, este não se julga honrado se reconhecê-lo como pai.

6. Não há por que falar disso aqui, já que, nesta casa, nunca permita Deus que nos lembremos de tais coisas; seria um inferno. Em vez disso, quem tiver linhagem mais nobre deve ter o nome do pai menos vezes na boca, pois todas devem ser iguais.

Ó colégio de Cristo, em que mandava mais São Pedro, sendo um pescador, porque assim quis o Senhor, que São Bartolomeu, que era filho de rei!<sup>8</sup> Sua Majestade sabia quantas dissensões haveria no mundo acerca de quem era da melhor terra, o que equivale a discutir se um punhado de terra serve mais para adobes ou para taipas. Valha-me Deus, que trabalharia inútil. Que Deus nos livre, irmãs, de disputas semelhantes, mesmo por brincadeira. Espero em Sua Majestade que assim seja. Quando alguém revelar laivos disso, remediemo-lo logo, e que a pessoa receie ser um Judas entre os Apóstolos; devemos dar-lhe penitências até que ela se convença de que não merece ser nem uma terra muito ruim.

Bom Pai tendes, que vo-lo dá o bom Jesus. Para se falar Dele, não se conheça aqui outro pai. E procurai, filhas minhas, ser tais que possais merecer lançar-vos nos braços desse Pai e regalar-vos com Ele. Já sabeis que Ele não vos afastará de Si se fordes boas filhas; assim, quem não fará tudo a fim de não perder esse Pai?

7. Oh, valha-me Deus! Quantas razões há aqui para vos consolardes! Mas, para não me alongar, deixo-as à vossa reflexão. Por mais confuso que esteja o vosso pensamento, havereis de achar forçosamente, entre tal Filho e tal Pai, o Espírito Santo. Que esse Espírito tome conta da vossa vontade, e a prenda o amor tão grande que Ele tem, se não bastar para isso tão enorme interesse.

## CAPÍTULO 28

EXPLICA O QUE É ORAÇÃO DE RECOLHIMENTO E INDICA ALGUNS MEIOS PARA AS ALMAS SE ACOSTUMAREM A ELA.

1. Agora vede o que diz vosso Mestre: *que estais no céu*.

Pensais que importa pouco saber que coisa é o céu e onde se deve procurar vosso Pai sacratíssimo? Pois eu vos digo que, para intellectos distraídos, muito importa não apenas acreditar nisso como procurar entendê-lo por experiência. É uma das considerações que muito prendem o intellecto e fazem recolher o espírito.

2. Já sabeis que Deus está em toda parte. Pois claro está que, onde está o rei, está, como se diz, a corte, isto é, onde Deus está é o céu. Sem dúvida podeis crer que, onde está Sua Majestade, está toda a glória. Vede que Santo Agostinho falou que O procurou em muitos lugares e só veio a encontrá-Lo dentro de si mesmo.<sup>1</sup> Pensais que importa pouco a uma alma dissipada entender essa verdade e ver que não precisa, para falar com seu Pai eterno ou para regalar-se com Ele, ir ao céu nem falar em altos brados?

Por mais baixo que fale, Ele está tão perto que a ouvirá; do mesmo modo, ela não precisa de asas para ir procurá-Lo,<sup>2</sup> bastando pôr-se em solidão e olhar para dentro de si, não estranhando a presença de tão bom hóspede. A alma deve, com grande humildade, falar-Lhe como a um pai, pedir-Lhe como a um pai, contar seus sofrimentos e pedir alívio para eles, compreendendo que não é digna de ser Sua filha.

3. Ela deve deixar de lado uns retraimentos que algumas pessoas têm pensando ser humildade. Porque a humildade não consiste em rejeitar o que nos dá o Rei, mas em recebê-lo e entender o quanto ele está acima do nosso merecimento, folgando com isso. Curiosa humildade seria se eu, entrando em minha casa o Imperador do céu e da terra, vindo a ela para me fazer uma graça e deleitar-Se comigo, por humildade não quisesse responder-Lhe, ficar com Ele nem receber o que me dá, deixando-O sozinho. E que dizer se, falando-me Ele e rogando que Lhe fizesse meus pedidos, eu por humildade ficasse pobre e O deixasse ir por ver que não consigo decidir-me?

Deixai, filhas, dessas humildades, tratando com Ele como com um pai, um irmão, um Senhor e um Esposo, às vezes de uma maneira e às vezes de outra; Ele vos ensinará o que tendes de fazer para contentá-Lo. Deixai de ser bobas; tomai a palavra, já que, sendo Ele vosso Esposo, deve tratar-vos como esposas.

4. Este modo de rezar, mesmo vocalmente, recolhe o intellecto com muito mais rapidez, além de ser uma oração que traz consigo muitos bens. Chama--se *recolhimento*, porque a alma recolhe todas as faculdades e entra em si mesma com seu Deus; seu divino Mestre vem ensiná-la com mais brevidade e lhe dá a oração de quietude, de uma maneira que nenhum outro modo de oração propicia. Porque a alma, absorva em si mesma, pode pensar na Paixão, representar ali o Filho e oferecê-Lo ao Pai, sem cansar o intellecto indo procurá-Lo no Monte Calvário, no Horto ou na coluna.

5. Aquelas que puderem se recolher nesse pequeno céu de nossa alma onde está Aquele que o fez, bem como à terra, e acostumar-se a não olhar nem estar onde os sentidos exteriores se distraiam, acreditem que seguem excelente caminho e que não deixarão de beber da água da fonte,<sup>3</sup> pois o percorrerão em muito pouco tempo. É como quem viaja num navio e, com algum vento favorável, chega ao fim da jornada em poucos dias, ao passo que quem vai por terra demora mais.<sup>4</sup>

6. Estas, como se diz, já se fizeram ao mar; embora não tenham deixado totalmente a terra, durante o espaço do recolhimento fazem o que podem para livrar-se dela, recolhendo os sentidos em si mesmas. Se for verdadeiro o recolhimento, elas vão sentir muito claramente, porque ele produz um efeito que nem sei explicar; quem o sentir há de entendê-lo: parece que a alma compreende que todas as coisas da terra não passam de divertimento. A alma, por assim dizer, se levanta, ergue-se à melhor altura, como quem entra num castelo forte a fim de não temer os inimigos. É um retirar os sentidos das coisas exteriores, abandonando-as de tal maneira que, sem compreender, ela vê os seus olhos se fecharem para não as contemplar e para que mais se desperte a visão das coisas espirituais.

Por conseguinte, quem segue esse caminho quase sempre que reza tem os olhos fechados, o que é um admirável costume para muitas coisas, pois é preciso fazer força para não olhar o que é da terra. Isso no princípio, pois mais tarde não é necessário, porque, adquirido o costume, maior esforço se faz quando é preciso abrir os olhos. Parece que a alma entende que se fortalece e esforça às custas do corpo, deixando-o só e enfraquecido, abastecendo-se no recolhimento para opor-se a ele.

7. E embora no princípio não se perceba isso, pois não há tanta intensidade — havendo graus maiores e menores de recolhimento —, se nos acostumarmos (ainda que, no início, dê trabalho, porque o corpo reclama seus direitos, sem entender que corta a própria cabeça por não se entregar), se praticarmos alguns dias e nos

fizemos essa violência, veremos com clareza o ganho e entenderemos, começando a rezar, que as abelhas vêm para a colméia e entram nela para fabricar o mel, sem que nada façamos.

O Senhor deseja, como recompensa pelo tempo em que a alma a isso se dedicou, que ela e a vontade alcancem tal domínio que, diante do simples ato que indique que desejam recolher-se, os sentidos obedeçam e se recolham. E, mesmo que mais tarde voltem a sair, é já grande coisa terem se rendido, pois saem dali como cativos e súditos, e deixam de fazer o mal que antes podiam. Quando a vontade voltar a chamá-los, eles virão com mais presteza, até que, por fim, depois de muitas entradas repetidas, o Senhor os faça permanecer de todo em contemplação perfeita.

8. Entenda-se bem isso que falei, porque, embora pareça obscuro, será entendido por quem o quiser pôr em prática.

Assim, as almas caminham pelo mar.<sup>5</sup> E como há muito interesse em não caminhar vagarosamente, falemos um pouco de como vamos nos acostumar a tão bom modo de proceder. As almas estão mais salvas de muitas ocasiões, a chama do amor divino acende-se com mais rapidez nelas, já que, como está mais perto do fogo, bastam alguns sopros do intelecto e uma simples centelha que a toque incendeia tudo. Como não há empecilhos exteriores, encontrando--se a alma sozinha com seu Deus, há nela grandes disposições para se entender.<sup>6</sup>

9. Façamos de conta que há dentro de nós um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e de pedras preciosas, enfim, algo digno de tão grande Senhor; imaginemos que depende de nós a magnificência desse palácio, o que é verdade, pois não existe palácio tão formoso quanto uma alma limpa e plena de virtudes. Quanto maiores forem elas, tanto mais resplandecerão as pedras. Imaginemos que nesse palácio está o grande Rei que desejou ser nosso Pai, e que Ele está num trono de enorme valor, o nosso coração.

10. No início, isso vai parecer impertinente — digo, criar essa ficção para dar a entender o que penso —, mas pode ser que muito beneficie, principalmente a vós; porque, como nós mulheres não temos instrução, tudo isso é preciso para que compreendamos com verdade que há outra mais preciosa e sem comparação dentro de nós do que o que vemos aqui fora. Não nos imaginemos ocas por dentro.

E queira Deus que sejam apenas as mulheres quem assim se descuida; porque considero impossível que, se tivéssemos o cuidado de perceber que temos tal Hóspede dentro de nós, nos entregássemos tanto às coisas do mundo, já que, nesse caso, veríamos quão inferiores são diante das que possuímos no íntimo. Que mais faz um animal ao ver o que o contenta senão precipitar-se sobre a presa para matar a fome? Sim, há de haver diferença entre os animais e nós.

11. Talvez riáis de mim, dizendo que isso está muito claro, e tereis razão, mas para mim foi obscuro por algum tempo. Eu bem entendia que tinha alma, mas não o que essa alma merecia nem quem estava dentro dela, pois eu mesma tapava os olhos com as vaidades da vida para não vê-lo. Tenho a impressão de que, se então entendesse que nesse palaciazinho da minha alma cabe Rei tão grande, eu não O teria deixado tantas vezes só; de vez em quando estaria com Ele e teria me empenhado mais em não ser tão imperfeita. Que motivo de tanta admiração! Aquele que poderia encher mil mundos, e muitos mais, com a Sua grandeza encerrar-se numa coisa tão pequena! Na verdade, como é Senhor, Ele traz consigo a liberdade e, como nos ama, adapta-se à nossa medida.

12. Quando a alma começa, o Senhor, para que ela não fique alvoroçada vendo-se tão íntima para conter em si tanta grandeza, não Se dá a conhecer enquanto não a for aumentando pouco a pouco nos termos que compreende ser necessário para conter o que quer pôr nela. Por isso eu digo que Ele traz consigo a liberdade, já que tem o poder de tornar grande esse palácio. Tudo reside em nos entregar a Ele com toda a determinação, deixando o palácio à Sua vontade, para que Ele ponha e tire coisas dele como se fosse propriedade Sua. E Sua Majestade tem razão; não Lhe neguemos o que nos pede. E como não pretende forçar a nossa vontade, Ele recebe o que Lhe damos, mas não Se entrega de todo enquanto não nos damos a Ele por inteiro.

Isso é uma coisa certa e, por importar tanto, eu a recordo muitas vezes. O Senhor não opera na alma enquanto ela não se entrega a Ele, sem empecilhos, e nem sei como haveria de agir se assim não fosse; Ele é amigo de toda harmonia. Ora, se enchermos o palácio de gente baixa e de bagatelas, como poderão o Senhor e a sua corte caber nele? Ele já faz muito por se deixar ficar um pouco no meio de tanta confusão.

13. Pensais, filhas, que Ele vem sozinho? Não vedes que o Seu Filho diz: *que estais no céu?* A tal Rei os cortesãos não se atreveriam a deixar só; eles estão com Ele, rogando-Lhe por nós todos, em nosso benefício, pois estão plenos de caridade. Não penseis que é como aqui, onde, se um senhor ou prelado favorecer alguém por motivos particulares ou predileção, o pobre favorecido logo será invejado e malquisto pelos outros, sem que nada lhes tenha feito.

## CAPÍTULO 29

CONTINUA A INDICAR RECURSOS A SEREM EMPREGADOS PARA SE PROCURAR A ORAÇÃO DE RECOLHIMENTO. FALA DO POUCO VALOR QUE DEVEMOS DAR AO SER FAVORECIDAS PELOS PRELADOS.

1. Fugi, por amor de Deus, filhas, de dar importância aos favores dos prelados. Que cada qual procure fazer o que deve, porque, se o prelado não lhe agradecer por isso, pode estar certa de que o Senhor a recompensará e lhe agradecerá. Sim, pois não viemos aqui buscar prêmios desta vida; nosso pensamento deve estar sempre no que é eterno, não devendo dar nenhuma importância às coisas aqui, que, mesmo para o tempo que se vive, não são duradouras. Hoje a prelada está bem com uma; amanhã, se vir em vós uma virtude a mais, estará melhor convosco. E que importa se não o estiver? Não deis lugar a esses pensamentos, que às vezes começam por pouco, mas vos podem desassossegar muito; rechaçai-os pensando que este não é o vosso reino e que tudo bem depressa terá fim.

2. Mas isso ainda é um recurso inferior, sem muita perfeição. O melhor é que dure e que vos vejais desfavorecidas e abatidas, e, mais do que isso, desejosas de assim estar por amor do Senhor que está convosco. Fixai os olhos em vós mesmas e contemplai o vosso interior, como eu disse;<sup>1</sup> encontrareis vosso Mestre, que não vos faltará e que, quanto menos consolos exteriores tiverdes, tanto mais vos agradecerá. O Senhor é muito piedoso e jamais falta aos aflitos e desfavorecidos se estes confiarem apenas Nele. Como disse David, o Senhor está com os atribulados.<sup>2</sup> Ou credes nisto ou não; se o fazeis, por que vos atormentais?

3. Ó Senhor meu, se Vos conhecêssemos de verdade, nada nos importaria, porque dais muito a quem deveras quer confiar em Vós! Acreditai, amigas, que é grande coisa compreender esta verdade, para verdes que os favores daqui são todos falsos quando desviam o mínimo que seja a alma do recolhimento em si mesma. Oh, valha-me Deus! Quem poderia vos fazer entender isto? Não eu, por certo; sei que, embora o deva mais do que ninguém, nunca chego a compreender essa verdade como cumpre entendê-la.

4. Voltando ao que dizia,<sup>3</sup> quisera saber declarar como essa corte santa vem com nosso companheiro, Santo dos santos, sem impedir a privacidade da alma e de seu Esposo quando ela deseja entrar em si, nesse paraíso com seu Deus, fechando atrás de si a porta a todas as coisas do mundo. Digo “deseja” porque, entendi, isso não é coisa sobrenatural,<sup>4</sup> estando em nossas mãos e sendo algo que podemos fazer com o favor de Deus, já que sem Este não podemos nada, sequer ter um bom pensamento. Porque isto não é o silêncio das faculdades, mas o encerramento delas no interior da alma.

5. Vai-se alcançando isto de muitas maneiras, como está escrito em alguns livros:<sup>5</sup> temos de largar tudo para nos aproximar interiormente de Deus e, mesmo em meio às ocupações cotidianas, retirarmo-nos em nós mesmas. Embora dure um breve momento, a recordação de que tenho companhia dentro de mim é muito proveitosa. Enfim, acostumemo-nos a achar gosto na prática de não falar em voz alta quando nos dirigimos ao Senhor, porque Sua Majestade nos fará sentir a Sua presença ali.

6. Desse modo, rezaremos vocalmente com muito sossego, poupando trabalho. Tendo nos esforçado por algum tempo para ficar próximas desse Senhor, Ele nos entenderá por sinais de maneira que, se antes tínhamos de dizer muitas vezes o *pai-nosso*, agora Ele nos ouve na primeira. O Senhor gosta muito de poupar-nos trabalho; mesmo que em algum momento não o rezemos mais de uma vez, tão logo entendamos que estamos em Sua companhia, o que Lhe pedimos e a vontade que Ele tem de nos dar, bem como a boa vontade com que está conosco, Ele não vai querer que quebrems a cabeça falando-Lhe muito.<sup>6</sup>

7. Que o Senhor ensine aquelas de vós que não o sabem, pois de minha parte confesso que nunca soube o que era rezar com satisfação até que Ele me ensinou esse modo de oração; e sempre encontrei tantos proveitos nesse hábito do recolhimento dentro de mim que por isso me alonguei tanto.

Concluindo, quem o quiser adquirir — porque, como eu disse, isso está em nossas mãos — não se canse de acostumar-se ao que foi dito,<sup>7</sup> dominando-se pouco a pouco a si mesmo, sem se distrair à toa, mas sim ganhando-se a si para si, pois isso é aproveitar-se dos sentidos em prol da vida interior. Se falar, procure lembrar-se de que há Alguém com quem falar dentro de si mesmo; se ouvir, recorde-se que deve escutar a voz que mais de perto lhe falar.

Em suma, esteja persuadido de que, se o desejar, sempre poderá estar na companhia tão boa de Deus, devendo ter pesar quando deixar sozinho, por muito tempo, seu Pai, pois necessita Dele. Se puder, esteja com Ele muitas vezes ao dia; caso não o possa, poucas. Adquirindo o hábito, sairá com ganhos cedo ou tarde. Depois que o Senhor lhe conceder esse favor, não o trocará por nenhum tesouro.

8. Como nada se aprende sem um pouco de esforço, pelo amor de Deus, irmãs, considerai bem empregado o empenho que nisso tiverdes. Sei que, se o fizerdes, em um ano, e talvez em meio, com o favor de Deus obtereis benefícios. Vede quão pouco tempo para tão grande ganho, como é construir tão bom

fundamento para que, se quiser elevar-nos a grandes coisas, o Senhor encontre em nós disposição, achando-nos perto de Si. Que Sua Majestade não consinta que nos afastemos de Sua presença, amém.

## CAPÍTULO 30

DIZ QUANTO IMPORTA COMPREENDER AQUILO QUE SE PEDE NA ORAÇÃO. TRATA DAS PALAVRAS DO PAI-NOSSO: *SANCTIFICETUR NOMEN TUUM, ADVENIAT REGNUM TUUM.* APLICA-AS À ORAÇÃO DE QUIETUDE, QUE COMEÇA A EXPLICAR.

1. Quem há, por disparatado que seja, que, quando pede alguma coisa a uma autoridade, não tenha antes pensado como lhe há de pedir, para agradá-la e não ser descortês com ela, bem como no que lhe há de pedir e com que objetivo o pede, especialmente se pedir uma coisa importante, como nos ensina que peçamos o nosso bom Jesus? Uma coisa, me parece, merece observação. Não poderíeis, Senhor meu, concluir com uma palavra e dizer: “Dai-nos, Pai, o que nos convém”? Porque, para quem tudo entende tão bem, tenho a impressão de que não era preciso mais.

2. Ó Sabedoria eterna! Entre Vós e Vosso Pai isso bastava, e, assim, o pedistes no Horto, mostrando Vossa vontade e temor, mas entregando-Vos à vontade do Pai.<sup>1</sup> Quanto a nós, sabeis, Senhor meu, que não estamos tão entregues quanto o estáveis Vós à vontade de Vosso Pai e que é necessário pedir coisas definidas, para que nos detenhamos em ver se o que pedimos está bom para nós e, se não o estiver, para não o pedirmos. Porque, dada a nossa natureza, se não nos dão o que queremos, nós, com o livre-arbítrio que temos, não admitimos aquilo que o Senhor nos der; mesmo que Ele nos dê o melhor, como não vemos logo o dinheiro na mão, nunca pensamos nos ver ricos.

3. Oh, valha-me Deus! O que faz ter a fé tão adormecida para uma e outra coisa, pois nunca chegamos a entender a certeza de que teremos o castigo nem quão certa é a recompensa. Por isso, filhas, é bom que entendais o que pedis no pai-nosso, para que, se o Pai Eterno vo-lo der, não vireis o rosto a Ele. Pensai muito bem no que quereis e, se não tiverdes certeza, não o peçaís, suplicando, em vez disso, que Sua Majestade vos ilumine. Porque estamos cegos e enfatiados, não podendo comer os manjares que nos hão de dar vida, mas apenas os que nos hão de levar à morte. E que morte tão perigosa e tão para sempre!

4. Pois disse o bom Jesus que proferíssemos estas palavras com as quais pedimos que venha a nós um tal reino: *Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino.*<sup>2</sup>

Agora vede, filhas, que sabedoria tão grande a do nosso Mestre. Considero aqui, e é bom que o entendais, o que pedimos com este reino. Como Sua Majestade viu que não podíamos santificar nem louvar, nem engrandecer, nem glorificar o santo nome do Pai Eterno de maneira adequada se Deus não nos desse o Seu reino aqui na terra, o bom Jesus pôs o louvor e o pedido um ao lado do outro. Para que entendamos, filhas, o que pedimos, e quão importante é para nós importunar por isso e fazer o que puder para contentar Aquele que nos há de dar o que pedimos, desejo explicar aqui o que entendo. Se isso não vos contentar, fazei vós mesmas outras considerações; nosso Mestre vos dará licença, desde que em tudo nos sujeitemos ao que diz a Igreja, como faço aqui.

5. Ora, o grande bem que a meu ver há no reino do céu, com muitos outros, é já não se levar em conta as coisas da terra, adquirindo-se um sossego e glória íntimos, um alegrar-se de que se alegrem todos, uma paz perpétua, uma grande satisfação interior, que vem do fato de se ver que todos santificam e louvam ao Senhor, e bendizem o Seu nome, e que ninguém O ofende. Todos O amam, e a própria alma não se volta senão para amá-Lo, não podendo deixar de fazê-lo, porque O conhece. E assim O amaríamos aqui, embora não com essa perfeição, nem com estabilidade, mas por certo de maneira muito diferente da que amamos agora, se O conhecêssemos.

6. Parece que vou dizer que temos de ser anjos para fazer esse pedido e rezar bem vocalmente. Bem o gostaria nosso divino Mestre, visto nos mandar fazer pedido tão excelso, sendo bem certo que não nos manda fazer pedidos impossíveis, pois seria possível, com o favor de Deus, chegar a isto uma alma que ainda está neste desterro, se bem que não com a mesma perfeição em que estão as almas que saíram deste cárcere, porque andamos no mar e seguimos este caminho.

Há, porém, momentos em que o Senhor, vendo-nos cansados, nos dá um sossego das faculdades e uma quietude da alma que nos fazem perceber claramente, como por sinais, um pouco daquilo que recebem os que

o Senhor leva ao Seu reino. Ele concede aos que estão aqui, de acordo com o pedido, penhores que lhes permitam ter grande esperança de ir gozar eternamente o que gozam aqui gota a gota.

7. Se não fôsseis dizer que estou tratando da contemplação, seria oportuno falar um pouco aqui do princípio da pura contemplação, denominada pelos que têm oração de quietude. Mas como falo da oração vocal, quem não entender do assunto pode pensar que uma coisa não é compatível com a outra, embora eu saiba que o é. Perdoai-me por insistir, porque sei que muitas pessoas, rezando vocalmente — como já foi dito —,<sup>3</sup> são elevadas por Deus, sem saber como, a uma enlevante contemplação.

Conheço uma pessoa que sempre só pôde ter oração vocal, mas que, mergulhada nesta, tinha tudo; e, se não rezava, o seu intelecto ficava tão confuso que ela não podia suportar. Quem dera a nossa oração mental fosse tão elevada quanto a oração vocal dessa alma! Em algumas ocasiões em que rezava o pai-nosso pelas vezes em que o Senhor derramou sangue, ou fazia outras orações, ela deixava-se ficar por horas. Certa feita, procurou-me muito contristada porque não sabia fazer oração mental nem contemplação, mas apenas rezar vocalmente. Perguntei-lhe o que rezava; e vi que, rezando o pai-nosso, ela tinha pura contemplação e que o Senhor a atraía até uni-la a Si. E ela bem revelava em suas obras receber graças tão grandes, pois aproveitava muito bem a sua vida. Louvei o Senhor e tive inveja de sua oração vocal.

Se isso é verdade, como o é, não penseis, vós que sois inimigos de contemplativos, que estais livres de sê-lo, se rezais as orações vocais como se deve, tendo a consciência limpa.<sup>4</sup>

## CAPÍTULO 31

CONTINUA A TRATAR DO MESMO ASSUNTO.  
DÁ ALGUNS AVISOS PARA OS QUE A TÊM.

EXPLICA O QUE É ORAÇÃO DE QUIETUDE.  
É MUITO DIGNO DE NOTA.

1. Quero ainda explicar, filhas, da maneira como o ouvi dizer ou como o Senhor quis me dar a entender, talvez para que eu vos dissesse alguma coisa, esta oração de quietude, na qual, segundo me parece, o Senhor, como eu disse,<sup>1</sup> começa a mostrar que ouviu a nossa súplica e a nos dar o seu reino, para que O louvemos de verdade, santifiquemos-Lhe o nome e procuremos que o façam todos.

2. Isso já é coisa sobrenatural, que não podemos obter por nós mesmas,<sup>2</sup> por mais esforços que façamos. Porque, aqui, a alma se põe em paz, ou o Senhor a põe com Sua presença, melhor dizendo, como fez com o justo Simeão, já que todas as faculdades sossegam. A alma compreende, de uma maneira muito longe do alcance dos sentidos exteriores, que já está junto do Seu Deus e que, com mais um pouquinho, chegará a formar uma única coisa com Ele por meio da união.

Não que O veja com os olhos do corpo ou da alma; o justo Simeão também não via do glorioso Menino pobrezinho senão aquilo que O envolvia e as poucas pessoas que iam com Ele na procissão, sendo mais possível que O julgasse, diante disso, antes filho de pobres do que do Pai celestial; mas o próprio Menino se deu a conhecer. E assim o entende a alma aqui, se bem que não com essa clareza; porque entende mas não sabe como entende, tendo apenas a certeza de que se vê no reino, ou ao menos perto do Rei que Lhe há de dar o reino. Ela se sente tão respeitosa que sequer Lhe ousa pedir algo.

É como um amortecimento interior e exterior, pois não quereria o homem exterior (digo “o corpo”, para que melhor me entendais)<sup>3</sup> mexer-se, mas, como quem já chegou quase no final do caminho, descansa para poder melhor retomar a caminhada, pois ali as suas forças se multiplicam para que o faça.

3. Sente-se um enorme deleite no corpo e grande satisfação na alma.<sup>4</sup> Está tão contente por se ver junto à fonte, que antes de beber já está satisfeito. Parece-lhe já não haver mais a desejar: as faculdades, aquietadas, não desejam mexer-se, pois tudo lhes parece estorvar o amor; mas não estão tão perdidos que não possam pensar junto de quem estão, pois duas delas estão livres.

A vontade é a que está cativa, e o único sofrimento que pode ter, estando assim, é o de ver que vai voltar a ter liberdade. O intelecto não gostaria de entender nenhuma outra coisa, nem a memória de ter outra ocupação; eles vêm que só esta é necessária e que todas as outras a perturbam. Quem assim está não deseja mover o corpo, pois tem a impressão de que isso o fará perder aquela paz, razão por que não ousa mexer-se; tem dificuldade para falar, podendo levar uma hora para dizer o pai-nosso.

A pessoa sente-se muito perto de Deus e vê que se entende com Ele por sinais; está no palácio, ao lado do seu Rei, e vê que Ele começa a lhe dar “seu reino” aqui na terra. Não lhe parece estar no mundo nem quer vê-lo nem ouvi-lo, mas apenas a Deus; nada a aflige nem a pode afligir. Enfim, enquanto dura isso, está tão embebida e absorta, com a satisfação e o prazer que a inundam, que não se lembra da existência de algum outro desejo; de bom grado diria, com São Pedro: *Senhor, façamos aqui três moradas.*<sup>5</sup>

4. Algumas vezes, nesta oração de quietude, Deus concede outro favor bem difícil de se entender se não se tiver grande experiência. Se houver alguma, aquelas dentre vós que a tiverem logo vão entender, tendo muito consolo por compreender em que consiste — e creio que, muitas vezes, Deus dá essa graça junto com esta outra. Quando é grande e duradoura esta quietude, parece-me que, se a vontade não estivesse presa a alguma coisa, a paz de que falo não poderia durar muito. Acontece de nos ver um ou dois dias com essa satisfação, sem nos entender — refiro-me aos que a têm, vendo verdadeiramente que não estamos totalmente presentes naquilo que fazemos exteriormente, pois nos falta o melhor, que é a vontade — que, a meu ver, está unida com seu Deus e deixa as outras faculdades livres para que tratem do seu serviço divino. E para essa união temos então muito mais habilidade; mas, para lidar com as coisas do mundo, ficamos entorpecidos e, por vezes, aparvalhados.

5. Esta é uma grande graça do Senhor, porque quem a recebe tem vida ativa e contemplativa ao mesmo tempo. Os que ficam nesse estado de todo servem ao Senhor, no que quer que façam. Porque a vontade faz o seu serviço, sem saber como age, e fica em sua contemplação; as outras duas faculdades fazem o trabalho de Marta. Assim, Marta e Maria andam juntas.

Conheço uma pessoa a quem o Senhor deixava assim muitas vezes, sem que ela pudesse entender-se a si mesma. Ela buscou a ajuda de um grande contemplativo,<sup>6</sup> que lhe disse tratar-se de algo muito possível que também ocorria com ele. Assim, penso que, quando a alma está tão satisfeita nessa oração de quietude, a faculdade da vontade está unida quase sempre ao Único capaz de satisfazê-la.

6. Parece-me ser útil dar aqui alguns avisos para aquelas de vós, irmãs, a quem o Senhor trouxe até aqui, pois sei que há algumas.

O primeiro é: como se vêem nesse contentamento e não sabem como ele lhes veio, vendo pelo menos que por si mesmas não o podem alcançar, dá-lhes a tentação de pensar que poderão reter essa graça, e, para isso, não se atrevem nem a respirar. Isso é uma bobagem, pois assim como não podemos fazer amanhecer, tampouco podemos impedir que anoiteça; já não se trata de obra nossa, pois é sobrenatural, algo que está bem fora do nosso alcance. Retemo-la melhor entendendo com clareza que nada podemos tirar nem pôr no que se refere a essa graça, mas somente recebê-la como pessoas indigníssimas de merecê-la, com ações de graças, mas não com muitas palavras, e sim com um erguer de olhos, como fez o publicano.<sup>7</sup>

7. É bom procurar mais solidão para dar lugar ao Senhor e deixar que Sua Majestade aja como em coisa própria. Quando muito, digamos uma palavra de raro em raro, suavemente, como quem sopra uma vela quando vê que ela vai se apagar para tornar a acendê-la. Se, contudo, ela estiver ardendo, soprá-la só serve, a meu ver, para apagá-la. Digo que seja suave o sopro para que, por tentarmos unir muitas palavras com o intelecto, não se ocupe a vontade.

8. E notai muito, amigas, este aviso que agora quero dar, pois vos vereis muitas vezes sem poder recorrer a estas duas faculdades.<sup>8</sup> Acontece de estar a alma com enorme quietude e de o intelecto estar tão distante que parece não ser em sua casa que aquilo acontece. Assim, parece-lhe que está em casa alheia como hóspede e buscando outros lugares onde estar: aquele não o contenta, pois ele não sabe o que é estar num mesmo ser.

Talvez só ocorra com o meu, não devendo ser assim com os outros. Quanto a mim, algumas vezes desejo morrer, por não poder controlar essa inquietação do intelecto. Outras vezes, parece-me que ele se estabelece em sua casa e acompanha a vontade. E, quando as três faculdades se unem, é uma glória; é como num casal quando há amor entre os esposos: o que um deseja é a vontade do outro. Contudo, se são mal casados, já se vê o desassossego que o marido dá à mulher. Assim, a vontade, quando se vê nesta quietude, deve considerar o intelecto um louco, porque, se desejar trazê-lo consigo, será obrigada a se ocupar de algo e com isso se inquietar. Nessa altura da oração, tudo seria esforço e nenhum lucro, pois perderíamos o que o Senhor nos dá sem nenhum esforço nosso.

9. E dai muita atenção a esta comparação, que me parece muito adequada.<sup>9</sup> A alma está como um nenê que ainda mama no seio da mãe, que, por ternura, põe-lhe o leite na boca sem que ele precise sugá-lo. Assim acontece nesta oração: sem o esforço do intelecto, a vontade ama; quer o Senhor que, sem sequer pensar, a alma entenda que está com Ele, e que apenas beba o leite que Sua Majestade lhe põe na boca, e frua daquela suavidade, saiba que o Senhor lhe está fazendo aquela graça e se alegre por gozá-la. Mas que não queira

entender como goza e do que goza, limitando-se a descuidar-se de si, pois quem está ao seu lado não vai se descuidar de ver o que lhe convém. Se ela for lutar com o intelecto para repartir com ele o gozo, atraindo-o para si, nada conseguirá e forçosamente deixará cair o leite da boca, perdendo aquele alimento divino.

10. Aí está a diferença entre a oração de quietude e aquela em que toda a alma está unida com Deus: na oração de união, a alma nem precisa ingerir o alimento; o Senhor o põe dentro dela, sem que ela saiba como. Na de quietude, Sua Majestade deseja que ela trabalhe um pouquinho, embora com tanto descanso que quase não se sente. Quem a atormenta é o intelecto, coisa que não acontece quando há a união das três faculdades, porque, então, Aquele que as criou as suspende; porque, com o gozo que lhes dá, ocupa-as a todas sem que elas saibam como e sem poder entender.

Assim, como eu digo, sentindo em si esta oração, que é um fluir grande e quieto da vontade, embora não se possa saber com certeza o que é fruído, a alma percebe claramente que a alegria é muito distinta das da terra e que dominar o mundo, com todos os prazeres que nele há, não bastaria para que a alma sentisse em si aquela satisfação, que ocorre no interior da vontade — pois os outros contentamentos da vida, parece-me, são gozados pelo exterior da vontade, a sua casca, digamos assim. Quem se vir nesse grau tão elevado de oração (que é, como eu disse,<sup>10</sup> evidentemente sobrenatural), se o intelecto — ou pensamento, para melhor me explicar — procurar os maiores desatinos do mundo, deve rir dele e tratá-lo como néscio, permanecendo em sua quietude; ele irá e virá, pois, aqui, a vontade é senhora e poderosa, e o atrairá para si sem que vos ocupeis.

Se desejar atraí-lo à força, a vontade vai perder o domínio que tem sobre ele, advindo do ter ingerido e assimilado o alimento divino, e nenhum dos dois ganhará nada, perdendo ambos. Dizem que quem tudo quer tudo perde; esse me parece o caso aqui. A experiência mostrará isso, porque não me espanto que quem não tenha essa oração considere tudo muito obscuro, uma coisa desnecessária. Mas eu já disse<sup>11</sup> que, por menor que seja a experiência, é possível entendê-lo, podendo-se aproveitá-lo e louvar por isso o Senhor, que me fez o favor de dizê-lo aqui com acerto.

11. Vamos, pois, concluir dizendo que, posta a alma nesta oração, já me parece que o Pai Eterno lhe concedeu o pedido de dar-lhe aqui na terra o Seu reino. Oh, feliz pedido, pois tanto bem pedimos nele sem o compreender! Feliz maneira de pedir! Por esse motivo, desejo, irmãs, que atentemos para o modo como rezamos o pai-nosso e todas as outras orações vocais; porque, tendo recebido de Deus essa graça, devemos descuidar das coisas do mundo, pois, chegando, o Senhor dele tudo lança fora.

Não digo que todos os que a tiverem estejam necessariamente desapegados por inteiro do mundo; eu queria ao menos que entendessem o que lhes falta, humilhando-se e procurando desapegar-se do todo, porque, se não o fizerem, pararão aqui. Para a alma, o fato de Deus lhe dar semelhantes penhores indica que Ele muito a quer; se não for por sua culpa, avançará muito. Mas, se vê que, pondo o reino do céu em sua casa, ela volta para a terra, o Senhor não só não lhe mostrará os segredos que há em Seu reino, como poucas vezes lhe concederá essa graça, e por um breve espaço de tempo.

12. Pode ser que eu me engane quanto a isso, mas é o que observo, e sei que é assim, e considero isso a causa da existência de poucas pessoas espirituais; porque, como não respondem nos serviços de acordo com graça tão grande — já que não voltam a preparar-se para recebê-la e tiram das mãos do Senhor a vontade que já Lhe tinham entregue, fixando-a em coisas baixas —, Ele vai procurar quem O queira, para dar mais, se bem que não tire de todo o que deu quando a pessoa vive com a consciência limpa.

Há, porém, pessoas — e eu fui uma delas — que o Senhor entenece e a quem dá inspirações santas e iluminação sobre todas as coisas; enfim, Ele vai lhes dando esse reino e pondo-as nessa oração de quietude, enquanto elas se fazem de surdas. Por serem tão amigas de falar e de dizer às pressas muitas orações vocais, como quem quer acabar logo sua tarefa — já que julgam bastante dizê-las todos os dias —, mesmo que o Senhor lhes ponha o Seu reino nas mãos, não o recebem, pensando que com suas orações obtêm maior proveito e, assim, se distraíndo.

13. Não façais isso, irmãs; ficai atentas quando o Senhor vos fizer essa graça. Vede que perdeis um grande tesouro e que fazeis muito mais com uma palavra, proferida de quando em quando, do pai-nosso do que dizendo-o muitas vezes apressadamente. Aquele a quem pedis está muito perto de vós e não vos deixará de ouvir. Crede que aqui está o verdadeiro louvar e santificar o Seu nome: como pessoas da família, glorificais o Senhor e O louvais com mais afeto e desejo, parecendo que não podeis deixar de servi-Lo.



1. Agora que o nosso bom Mestre pediu por nós e nos ensinou a pedir coisa de tanto valor, que encerra em si todas as coisas que aqui podemos desejar, concedendo-nos a grande graça de nos fazer irmãos Seus, vejamos o que Ele quer que demos a Seu Pai, o que Lhe oferece por nós e o que nos pede, pois é justo que O sirvamos em alguma coisa quando recebemos tão grandes favores. Ó bom Jesus, se dais tão pouco de nossa parte, como pedis tanto em nosso benefício? Sim, porque o que damos é em si nada diante do que devemos, ainda mais se tratando de tão grande Senhor! Certo é, porém, Jesus meu, que não nos deixeis sem nada, e que nós Vos damos tudo o que podemos dar, se o dermos como dizemos.

2. *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.*<sup>1</sup>

Bem fizestes, nosso bom Mestre, em apresentar primeiro o pedido anterior, para que pudéssemos cumprir aquilo que dais em nosso nome; porque é certo, Senhor, que, se assim não fosse, não nos seria possível fazê-lo. Mas, como o Vosso Pai faz aquilo que Lhe pedis — dar-nos aqui o Seu reino —, sei que não Vos deixaremos faltar com a verdade ao dardes o que dais por nós. Porque, tornada a terra céu, será possível fazer-se em mim a Vossa vontade. Sem isso, contudo, e em terra tão ruim quanto a minha, e tão estéril, não sei, Senhor, como isso poderia acontecer. De fato, é coisa grandiosa o que ofereceis.

3. Quando penso nisso, divirto-me com as pessoas que não se atrevem a pedir sofrimentos ao Senhor por pensarem que logo vão ser atendidas.<sup>2</sup> Não falo dos que deixam de fazê-lo por humildade, por lhes parecer que não são capazes de suportá-los, se bem que eu acredite que Aquele que lhes dá amor para que peçam um meio tão árduo de provar que O amam também lhes dará para suportá-lo.

Eu gostaria de perguntar aos que, por temor de que logo lhes dêem, não os pedem<sup>3</sup> o que dizem quando suplicam ao Senhor que cumpra a Sua vontade neles, a não ser que o digam por dizer, porque todos o dizem, mas não para que isso aconteça. Isso, irmãs, não seria bom. Vede: o bom Jesus, fazendo aqui as vezes de nosso embaixador, dispôs-se a intervir entre nós e Seu Pai, não pagando por isso pequeno preço; não é justo que não demos de fato o que Ele oferece por nós. Se não pretendemos dá-lo, não o prometamos.

4. Agora desejo seguir outro rumo. Vede, filhas, isso se há de cumprir, queiramos ou não, e a Sua vontade há de se fazer no céu e na terra. Crede-me, segui meu parecer e fazei da necessidade virtude. Ó Senhor meu, que grande prazer é este para mim: saber que não deixastes de querer que em pessoa tão ruim quanto eu se cumprisse Vossa vontade! Bendito sejais para sempre e louvem-Vos todas as coisas! Glorificado seja eternamente Vosso nome!

Em que boa situação eu estaria, Senhor, se estivesse em minhas mãos cumprir-se ou não a Vossa vontade! Eu Vos entrego agora a minha vontade livremente, embora não sem interesse, pois já experimentei e tenho grande experiência do lucro que obtenho ao entregar livremente a minha vontade à Vossa. Ó amigas, que grande ganho é aqui — ou que grande perda, se não cumprirmos o que prometemos ao Senhor ao dizer o pai-nosso!

5. Antes de falar do que se ganha, quero discorrer sobre o muito que ofereceis, para que mais tarde não alegueis que estáveis enganadas e que não o entendestes. Não sejais como algumas religiosas que só fazem prometer e, não o cumprindo, tentam reparar as coisas afirmando que não tinham entendido o que prometiam. E pode ser verdade, porque dizer que entregamos a nossa vontade a outrem parece muito fácil, até que, na hora da prática, se percebe que é a coisa mais difícil de fazer, se a fizermos como devemos. Mas nem todas as vezes os prelados nos levam com rigor, porque vêem a nossa fraqueza; e, em certas circunstâncias, tratam da mesma maneira fracos e fortes. Com o Senhor não é assim, pois Ele sabe o que pode suportar cada um e, vendo força numa alma, não deixa de cumprir nela Sua vontade.<sup>4</sup>

6. Quero, pois, advertir-vos e lembrar qual é a Sua vontade. Não temais que seja dar-vos riquezas, deleites, honras ou os outros bens da terra. Ele não vos quer tão pouco e considera muito o que Lhe dais, desejando pagar-vos bem, já que, ainda em vossa vida, vos dá o Seu reino. Quereis ver como Ele age com os que Lhe dizem sinceramente que se faça neles a Sua vontade? Perguntai-o ao seu Filho glorioso, que Lhe pediu isso na oração do Horto.<sup>5</sup> Como Ele o fez com determinação e com toda a vontade, vede se o Pai não a cumpriu bem Nele, considerando-se o que Lhe deu de sofrimentos, dores, injúrias e perseguições, até que Lhe tirou a vida com a morte na cruz.

7. Assim, filhas, vendo o que Ele deu Àquele a quem mais amava, compreende-se qual é a Sua vontade. Esses são os Seus dons neste mundo. Ele dá de acordo com o amor que nos tem: aos que ama mais, dá mais dessas dádivas; aos que ama menos, dá em menor quantidade, tudo de acordo com a disposição que vê em cada um e com o amor que cada qual tem por Sua Majestade. Ele vê que quem O ama muito pode padecer

muito por Ele, e quem ama pouco, pouco. Acredito que a medida do amor é a capacidade de levar cruz grande ou pequena. Assim, irmãs, se O amais, procurai dizer-Lhe palavras que não sejam de mero cumprimento, como se deve fazer diante de tão grande Senhor, esforçando-vos por passar o que Sua Majestade quiser. Porque, se assim não entregardes a vontade, agireis como quem mostra a jóia e faz menção de dá-la, rogando à pessoa que a aceite, mas que, quando a pessoa estende a mão, toma-a outra vez e a guarda bem guardada.

8. Não se deve zombar dessa maneira de Quem tantas zombarias suportou por nós. Mesmo que não houvesse outro motivo, não é certo fazer isso com Ele tantas vezes, visto não serem poucas as ocasiões em que Lhe entregamos a vontade no pai-nosso. Demos-Lhe a jóia de uma vez, para sempre, já que tantas vezes fazemos menção de dá-la. Além disso, Ele já nos concede antes os Seus dons para que Lhe demos essa jóia.

As pessoas do mundo já farão muito se tiverem verdadeira determinação de cumprir suas promessas. Vós, filhas, dizendo e fazendo palavras e obras, como na verdade parece que fazemos nós, os religiosos; contudo, por vezes não só oferecemos a jóia como a pomos em Sua mão, mas voltamos a tomá-la. De repente, somos generosos e, depois, tão avaros que seria melhor termos refletido um pouco mais antes de dá-la.

9. Porque todas as advertências que faço neste livro se referem à necessidade de nos dar por inteiro ao Criador, de entregar a nossa vontade à Dele, de nos desapegar das criaturas. Como já deveis ter compreendido quão importante é isso, não insisto. Falarei apenas da razão por que o nosso bom Mestre incluiu essas palavras no pai-nosso, sabedor que é do muito que ganharemos por prestar esse serviço ao Seu Pai eterno.

Com essas palavras, dispomo-nos a, com muita brevidade, chegar ao final do caminho e beber da água viva da fonte de que falei. Se não dermos totalmente a nossa vontade ao Senhor, para que Ele faça, em tudo o que se referir a nós, conforme a Sua vontade, nunca poderemos beber dela.<sup>6</sup> Essa é a contemplação perfeita que me pedistes para explicar.

10. E, nisso, como já tenho escrito,<sup>7</sup> nada fazemos por nós mesmas; não trabalhamos, não negociamos nem precisamos fazer nada (porque todas as outras coisas nos atrapalham e impedem) além de dizer *fiat voluntas tua*: cumpra-se em mim, Senhor, a Vossa vontade, de todos os modos e maneiras que Vós, Senhor meu, quiserdes. Se desejais que eu tenha sofrimento, dai-me forças para suportá-los e mandai-os; se perseguições, enfermidades, desonras e necessidades, aqui estou, e não vou virar o rosto, Pai meu, nem há razão para dar-Vos as costas. Se o Vosso Filho deu em nome de todos esta minha vontade, não há razão para que eu falhe, mas sim que me façais Vós a graça de me dar o Vosso reino para que eu então o possa fazer, já que Ele me pediu que fizesse, deixando que disponhais de mim como de coisa Vossa, de acordo com a Vossa vontade.

11. Ó irmãs minhas, que força tem esse dom! Se tivermos a determinação que devemos ter, no mínimo faremos o Todo-Poderoso formar unidade com a nossa baixaza e transformar-nos em Si Mesmo, fazendo uma união do Criador com a criatura. Vede que recebereis boa recompensa e que tendes um Mestre bom que, como sabe o caminho para agradar a Seu Pai, nos ensina como agir e com que O havemos de servir.

12. E quanto mais formos demonstrando, mediante obras, que não proferimos essas palavras por obrigação, tanto mais o Senhor nos aproximará de Si, elevando-nos acima de todas as coisas da terra e de nós mesmas, habilitando-nos a receber grandes favores, já que o Senhor não se cansa de nos pagar nesta vida por esse serviço; Ele o preza tanto que já nem sabemos o que Lhe pedir, e Sua Majestade nunca cansa de dar. Porque, não contente de ter formado com a alma uma unidade, por tê-la unido a Si,<sup>8</sup> Ele compartilha Seus prazeres com ela, revela-lhe segredos, alegre-Se por vê-la compreender quanto tem ganho e conhecer parte daquilo que Ele tem para lhe dar.

Deus a faz perder os sentidos exteriores, para que ela de nada se ocupe: isto é arroubo. Ele começa a tratá-la com tanta amizade que não só lhe devolve sua vontade como lhe entrega a Dele; como o Senhor Se alegre com uma amizade tão grande, permite que cada qual mande uma vez, como se diz: Ele cumpre a vontade dela, de acordo com o que ela pede, do mesmo modo como a alma segue as Suas ordens. O que o Senhor faz é muito melhor, pois Ele é poderoso e pode fazer o que quiser, e nunca deixa de querer.

13. A pobre alma, mesmo que queira, não pode fazer tudo o que deseja, nem tem nenhum poder sem que ele lhe seja concedido; e esta é a sua maior riqueza: ficar, quanto mais serve ao Senhor, mais endividada. Muitas vezes, ela se aflige por se ver submetida a tantos inconvenientes, empecilhos e obstáculos decorrentes do fato de estar no cárcere deste corpo, pois gostaria de resgatar parte de sua dívida.

E ela é muito boba por se afligir; porque, mesmo que façamos todos os esforços possíveis, como poderemos nós, que nada temos para dar se não recebermos, pagar ao Senhor? O máximo que podemos fazer é nos conhecer e, o que está ao nosso alcance, entregar a nossa vontade com toda a perfeição. Todas as outras coisas, para uma alma que o Senhor trouxe até aqui, são embaraços, prejuízos, e nenhum proveito; porque só a humildade pode alguma coisa. Adquirimo-la não pelo intelecto, mas com uma verdade clara que

compreende num único momento o que não poderia alcançar, em muito tempo e empregando a imaginação, acerca de quão absoluta é a nossa insignificância e de quão infinita é a grandeza de Deus.

14. Dou-vos um aviso: não penseis chegar aqui por vossa força ou recursos; será em vão! Porque, se antes sentíeis devoção, ficareis frias; mas, com simplicidade e humildade — pois esta última é a que tudo consegue —, dizei: *fiat voluntas tua*.

### CAPÍTULO 33

TRATA DA GRANDE NECESSIDADE QUE TEMOS DE QUE O SENHOR NOS DÊ AQUILO QUE  
PEDIMOS AO PROFERIRMOS AS SEGUINTE PALAVRAS DO PAI-NOSSO: *PANEM NOSTRUM*  
*QUOTIDIANUM DA NOBIS HODIE.*

1. Pois, entendendo o bom Jesus, como eu disse,<sup>1</sup> quão difícil era a coisa que ofereceu por nós, conhecendo a nossa fraqueza e o fato de muitas vezes darmos a entender que não compreendemos qual é a vontade do Senhor — por sermos fracos e Ele tão piedoso —, bem como que era necessário nos dar recursos (porque viu que deixarmos de dar o prometido de maneira alguma nos convém) para isso, por estar aí tudo o que temos a ganhar, procurou ajudar-nos.

O Mestre sabia que cumprir a promessa era difícil, porque dizer a uma pessoa rica e afeita aos prazeres que a vontade de Deus é que modere o apetite para que os que morrem de fome comam ao menos pão a faz brandir mil razões para entender isso apenas como lhe convém; dizer a um murmurador que a vontade de Deus é que ele deseje tanto para o próximo como para si boa fama não pode levá-lo a ter paciência, nem há motivo para que por si só o faça compreender; dizer a um religioso dado às liberdades e ao conforto que ele precisa dar o exemplo e ver que não é só com palavras que deve cumprir o que disse ao fazer essa promessa a que se obrigou ao fazer os votos, dizer-lhe também que é vontade de Deus que cumpra seus votos e perceba que, agindo escandalosamente, muito se opõe a eles, mesmo que não os quebre de todo, e dizer-lhe ainda que, tendo prometido pobreza, a guarde sem rodeios, pois isso é o que o Senhor quer, não o faz modificar-se.

Se ainda hoje não há meio de fazer algumas pessoas cumprir a vontade do Senhor, como estaria a situação se Ele não nos ajudasse na maioria das vezes com o recurso que nos deixou? Por certo haveria muito poucos cumprindo as palavras que Cristo disse por nós a Seu Pai: *fiat voluntas tua*. Assim, vendo essa necessidade, o bom Jesus buscou um meio admirável com o qual nos mostrou o imenso amor que tem por nós;<sup>2</sup> em Seu nome e no de Seus irmãos, fez a súplica: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*.

Entendamos, irmãs, por amor de Deus, o que pede o nosso bom Mestre, pois não podemos passar a vida deixando isso de lado. E considerai bem ínfimo o que tendes dado, pois muito haveis de receber.

2. Parece-me, salvo outra opinião melhor, que o bom Jesus, vendo o que tinha prometido por nós e a grande dificuldade nossa em cumpri-lo, como eu disse,<sup>3</sup> por ser tal a nossa natureza que nos inclina a coisas baixas e por termos tão pouco amor e ânimo, percebeu ser necessário que víssemos o quanto nos amava, e não uma vez, mas cada dia, resolvendo então ficar para sempre conosco. E, sendo isso uma coisa de muita gravidade e importância, quis o Senhor que esse recurso nos viesse da mão do Pai Eterno.

Mesmo formando uma unidade com o Pai, e sabendo que o que fizesse na terra Deus o faria no céu e o consideraria bom, já que a Sua vontade e a do Pai são uma só, o bom Jesus,<sup>4</sup> de tão humilde, quis como que pedir licença, pois já sabia que era amado pelo Pai e que Nele se deleitava. Ele bem compreendeu que pedia mais nisso do que pedira nas outras coisas, pois já sabia da morte que viria a merecer, bem como das desonras e afrontas que haveria de padecer.

3. Pois que pai haveria, Senhor, que, tendo nos dado o seu filho, e um filho especial, e vendo a condição em que o deixamos, consentiria em deixar entre nós o seu filho para sofrer outra vez a cada dia? Certamente, Senhor, nenhum, exceto o Vosso; bem sabeis a quem pedis.

Oh, valha-me Deus, que grande amor do Filho e que grande amor do Pai! Não me espanto tanto com o bom Jesus, que, já tendo dito *fiat voluntas tua*, o haveria de cumprir como quem é. Sim, pois Ele não é como nós! Ele sabia que devia nos amar como a Si Mesmo e, assim, tentava cumprir esse mandamento com a maior perfeição, mesmo em detrimento de Si Mesmo. Mas Vós, Pai eterno, como o consentistes? Por que quereis ver todos os dias em mãos tão ruins Vosso Filho? Porque uma vez quisestes que Ele aqui estivesse, e o consentistes, e bem vedes como Lhe pagaram! Como pode a Vossa piedade a cada dia, todos os dias, vê-Lo sofrer injúrias? E quantas não se fazem hoje a este Santíssimo Sacramento? Em quantas mãos inimigas deve vê-Lo o Pai! Quantos desacatos desses hereges!

4. Ó Senhor eterno! Como aceitais semelhante pedido? Como o consentistes? Não Vos deixeis levar pelo amor do Vosso Filho, que, para cumprir com perfeição Vossa vontade e para nos beneficiar, cumprindo-a por nós, Se deixará a cada dia fazer-Se em pedaços! Cabe a Vós, Senhor meu, fazer o que é de justiça, já que

diante do Vosso Filho nada é obstáculo.<sup>5</sup> Por que razão há de o nosso bem ser todo às custas de Jesus? Por que Ele cala diante de tudo e não sabe falar por Si, mas só por nós? Acaso não deve haver quem fale por esse amantíssimo Cordeiro?

Vi que só nessa súplica Ele repete as palavras: primeiro diz e pede que Lhe deis esse pão de cada dia e, enfatizando-o, diz *nos dai hoje*. Ele também recorre a Seu Pai, como se dissesse que o pão já é nosso, visto que Ele uma vez nos deu o Filho para morrer por nós, pedindo-Lhe que não O torne a tirar de nós até que o mundo se acabe, que O deixe servir a cada dia. Que isso vos enteneça o coração, filhas minhas, para amar vosso Esposo, pois, não havendo escravo que diga de boa vontade que o é, eis que o bom Jesus parece honrar-se de dizê-lo.

5. Ó Pai eterno! Esta humildade tem muitos merecimentos! Com que tesouro compramos Vosso Filho? Já sabemos que podemos vendê-Lo por trinta dinheiros;<sup>6</sup> para comprá-Lo, no entanto, não há preço que baste. Nesta oração, Ele forma uma unidade conosco pela parte que tem da nossa natureza. E, como Senhor de Sua vontade, lembra o Pai que ela é Sua e que, portanto, pode dá-la a nós; assim, diz: *o pão nosso*. Não há diferença entre Ele e nós; mas nós criamos uma diferença entre nós e Ele para não nos dar a cada dia por Sua Majestade.

## CAPÍTULO 34

CONTINUA A FALAR DO MESMO ASSUNTO. ESTE CAPÍTULO É MUITO ÚTIL PARA SER LIDO  
DEPOIS DE SE TER RECEBIDO O SANTÍSSIMO SACRAMENTO.

1. Pois, nesta súplica, *de cada dia* parece significar *para sempre*. Estive pensando por que o Senhor repetiu, depois de ter dito *cada dia, nos dai hoje*. Tive a impressão de que ser nosso pão *cada dia* significa que O possuímos na terra e O possuiremos também no céu, se aproveitarmos bem a Sua companhia, pois Ele não está aqui conosco senão para nos ajudar, para nos sustentar e para nos animar a fazer essa vontade que temos pedido faça-se em nós.

2. *Hoje* me parece ser um só dia, enquanto dura o mundo, e não mais do que isso. E de fato este mundo não dura mais de um dia! Os desventurados, que se condenam, e não O gozarão na outra vida, não podem atribuir-Lhe a culpa por se deixarem vencer, já que o Senhor não deixa de nos animar até o fim da batalha; eles não terão como se desculpar nem poderão se queixar ao Pai por lhes ter tomado o Filho quando eles mais precisavam.

E assim o Filho diz ao Pai que, não sendo esta vida mais que um dia, O deixe passar na servidão. Sua Majestade já nos deu o Seu Filho, enviando--O ao mundo pela própria vontade Deste. O Filho, por Sua própria vontade, não quer agora abandonar o mundo, mas ficar aqui conosco para maior glória dos Seus amigos e temor dos Seus adversários. Por isso Ele só pede o pão sacratíssimo para “hoje”, apesar de Sua Majestade já nos ter dado esse alimento e maná da humanidade, que está agora à nossa disposição. E só morreremos de fome por nossa própria culpa, porque, coma como comer desse alimento, a alma achará no Sacratíssimo Sacramento delícias e consolos.<sup>1</sup> Não há necessidades, sofrimentos nem perseguições que não vencamos com facilidade se começarmos a provar os que Ele suportou.

3. Pedi ao Pai, filhas, como este Senhor, que vos deixe “hoje” o vosso Esposo, que não vos vejais neste mundo sem Ele. Basta, para reduzir tão grande contentamento, que Ele fique disfarçado sob os acidentes de pão e vinho, o que é grande tormento para quem não tem outra coisa para amar nem outro consolo. Mas suplicai-Lhe que não vos falte e vos dê a disposição para recebê-Lo dignamente.

4. Quem de fato se tiver entregue à vontade de Deus não deve preocupar--se com o outro pão. Quer dizer, nos momentos de oração, tratais de coisas mais importantes, havendo outras ocasiões para que trabalheis e ganheis de comer. Mas em nenhum tempo deveis gastar nestas últimas coisas o pensamento. O corpo deve trabalhar, pois é certo que procureis sustentar-vos, e a alma, descansar. Deixai essa preocupação, como já foi dito amplamente,<sup>2</sup> ao vosso Esposo; Ele a terá sempre.

5. Se um criado começa a servir a um senhor, empenha-se em tudo fazer para contentá-lo; mas o senhor está obrigado a alimentar o servo enquanto este se encontra em sua casa e o serve, a não ser que seja tão pobre que não tenha para si nem para ele. Isto não acontece aqui; o Senhor é e sempre será rico e poderoso. Assim, não ficaria bem o criado viver pedindo comida, visto saber que o seu amo se preocupa em alimentá-lo e que ele há de ter o que comer. O Senhor, com razão, lhe dirá que cuide de servi-Lo e de ver como contentá-Lo, pois, por viver ocupado com aquilo que não devia causar preocupação, o criado não faz nada direito.

Assim, irmãs, quem quiser que se preocupe em pedir esse pão; quanto a nós, peçamos ao Pai Eterno merecer receber o nosso Pão celestial de uma maneira que, como os olhos do corpo não podem deleitar-se em contemplá--Lo por estarem muito encobertos, o Pão se revele aos olhos da alma, dando--se a conhecer — pois é outro manjar de alegrias e contentamento, um alimento que sustenta a vida.

6. Pensais que esse santíssimo manjar não sustenta inclusive esses corpos, sendo um grande remédio mesmo para os males corporais? Eu sei que assim o é e conheço uma pessoa acometida por grandes enfermidades que, padecendo muitas vezes de graves dores, as tinha tiradas de si e ficava boa de todo graças a ele.<sup>3</sup> E isso acontecia muitas vezes, sofrendo ela, a meu ver, de males evidentes que não podiam ser resultado de fingimento.

E como as maravilhas que esse santíssimo Pão opera nos que o recebem com dignidade são muito conhecidas, não vou me referir a outros prodígios relativos a essa pessoa de que falei, pois sei de muitos, e verdadeiros. Mas essa pessoa recebera do Senhor uma fê tão viva que, quando ouvia algumas pessoas dizendo que desejavam ter vivido no tempo em que Cristo, nosso Bem, habitava o mundo, ria de si para si por lhe parecer que, estando Ele presente tão verdadeiramente no Santíssimo Sacramento como naquela época, que mais se poderia querer?

7. Também é do meu conhecimento que essa pessoa, durante muitos anos, embora não fosse muito perfeita, quando comungava, tentava reforçar a fê, agindo como se visse com os olhos corporais o Senhor entrar em sua casa; e, como acreditava que o Senhor de fato entrava em sua pobre morada, ela desimpedia o pensamento de todas as coisas exteriores, no limite de suas possibilidades, e entrava junto com Ele. Procurava recolher os sentidos para que estes compreendessem que grande bem recebiam, quer dizer, para que não atrapalhassem a alma quando esta buscava conhecê-Lo. Ela se imaginava aos pés do Senhor e chorava como Madalena, como se O visse com os olhos do corpo na casa do fariseu; porque, embora não sentisse devoção, tinha pela fê a impressão de que Ele de fato estava presente na sua alma.

8. Porque, se não queremos ser bobos, cegando a nossa inteligência, não podemos duvidar. Não se trata de representação da imaginação, como quando consideramos o Senhor na cruz ou em outra passagem da Paixão, representando em nós o que se passou. Aquilo de que falo ocorre no presente e é inteira verdade, não havendo por que buscar o Senhor em algum lugar mais longe. Mas, visto sabermos que, enquanto o calor natural não consumir os acidentes do pão, o bom Jesus está conosco, aproximemo-nos Dele.

Pois se Ele, quando andava no mundo, curava os enfermos sem que estes precisassem mais do que tocar--Lhe as vestes, por que haveríamos de duvidar que faça milagres estando tão dentro de nós, se tivermos fê, e que nos dê o que pedirmos, visto que está em nossa casa? Sua Majestade não costuma pagar mal a hospedagem quando encontra boa acolhida.

9. Se vos dá pesar o não vê-Lo com os olhos corporais, percebei que isso não nos convém; uma coisa é vê-Lo glorificado e outra, quando andava na terra. Diante da nossa imensa fraqueza natural, ninguém suportaria a visão Dele; não haveria mundo nem quem quisesse ficar nele. Porque, se se visse essa verdade eterna, perceber-se-ia que todas as coisas a que tanta importância damos aqui não passam de mentiras e ilusões. E, vendo tão excelsa majestade, como se atreveria um pecadorzinha como eu, que tanto O ofendeu, a ficar tão perto Dele?

Sob as aparências daquele pão, Ele é mais acessível; porque, se um rei se disfarçasse, não me parece que nos incomodássemos nem um pouco em conversar com ele sem tantas cerimônias e respeitos; por ter-se disfarçado, ele teria de nos suportar. De outra maneira, quem se atreveria a aproximar--se com tanta fraqueza, com tanta indignidade, com tantas imperfeições?

10. Oh, como não sabemos o que pedimos, e como o viu melhor a Sua sabedoria!<sup>4</sup> Pois Ele se revela aos que percebe que vão aproveitar a Sua presença; mesmo que não O vejam com os olhos do corpo, Ele tem muitas maneiras de mostrar-se à alma: grandes sentimentos interiores e diversas vias. Mantende-vos com Ele de boa vontade; não percais uma ocasião tão boa de negociar quanto a que sucede à comunhão. Se a obediência vos mandar, irmãs, outra coisa, procurai deixar a alma com o Senhor; porque, se logo desviais o pensamento Dele e não considerais nem vos importais com o que está dentro de vós, como poderá Ele Se dar a conhecer a vós? Por isso, esse é um tempo precioso para que nosso Mestre vos ensine, para que O ouçamos e Lhe beijemos os pés por ter querido nos ensinar; suplicai--Lhe que não se afaste de vós.

11. Se pedis isso olhando para uma imagem de Cristo, parece-me bobagem abandonar Sua presença divina para contemplar o Seu retrato. Não o seria se tivéssemos o retrato de alguém a quem muito queremos e, vindo ele nos visitar, não lhe falássemos e conversássemos o tempo inteiro com o retrato? Sabeis quando

isso é muito bom, coisa em que muito me deleito? Quando a pessoa está ausente, ou quando, por meio de muita aridez, quer nos fazer entender que o está, é um grande consolo ver uma imagem de alguém a quem amamos com tanta razão. Eu gostaria de vê-Lo em qualquer ponto para o qual voltasse os olhos. Em que coisa melhor, ou mais agradável à vista, poderíamos empregar o esforço de olhar do que Naquele que tanto nos ama e que traz em Si todos os bens? Desventurados os hereges, que por sua culpa perderam essa consolação, além de outras.

12. Quando acabardes de receber o Senhor, tendo a própria pessoa presente, procurai fechar os olhos do corpo e abrir os da alma, e olhai vosso próprio coração. Eu vos digo, e repito, e gostaria de dizer muitas vezes, que, se vos acostumardes a fazer isso sempre que comungardes (e procurai ter uma tal consciência que vos permita gozar amiúde este Bem), Ele por certo não virá tão disfarçado que, como eu disse,<sup>5</sup> não se dê a conhecer de muitas maneiras de acordo com o nosso desejo de vê-Lo; e podeis desejá-Lo tanto que Ele se revele a vós por inteiro.

13. Se, porém, O desdenharmos e, recebendo-O, O deixarmos para procurar coisas inferiores da terra, o que Ele há de fazer? Haverá de nos levar à força e ver que deseja se manifestar a nós? Não! Pois não O trataram tão bem quando Ele se apresentou a todos às claras, dizendo-lhes de modo inequívoco quem era. Foram muitos poucos os que Nele acreditaram. Assim sendo, Sua Majestade age com muita misericórdia diante de todos os que Ele deseja que entendam que está presente no Santíssimo Sacramento. Mas deixar que O vejam às claras, comunicar Suas grandezas e dar dos Seus tesouros Ele reserva àqueles que percebe que O desejam muito, porque esses são os seus verdadeiros amigos.

Eu vos digo que quem não for um verdadeiro amigo Seu e não chegar a recebê-Lo como tal, fazendo tudo o que está ao seu alcance, jamais deverá importuná-Lo para que ele se revele. Falo de pessoas que mal vêm a hora de se livrar das obrigações prescritas pela Igreja e que logo se vão da Sua casa e procuram afastá-Lo de si. Pessoas assim, voltadas para outros negócios, ocupações e problemas do mundo, parecem aflitas para que não lhes ocupe a casa Aquele que é, na verdade, Senhor dela.

## CAPÍTULO 35

ENCERRA O ASSUNTO INICIADO COM

UMA EXCLAMAÇÃO AO PAI ETERNO.

1. Tenho me estendido tanto nisso, embora tivesse falado, ao tratar da oração de recolhimento, da imensa relevância de a alma entrar em si mesma para tratar a sós com Deus, *por ser uma coisa muito importante*. E quando não comungardes, filhas, e ouvirdes missa, podeis comungar espiritualmente, o que traz enorme proveito, fazendo depois o recolhimento, para que se imprima profundamente em vossa alma o amor desse Senhor; porque, se nos prepararmos para receber, Ele jamais deixa de dar de várias maneiras que estão além do nosso conhecimento.

É como quando nos aproximamos do fogo; mesmo que ele esteja muito aceso, se ficarmos distantes dele e escondermos as mãos, não poderemos nos aquecer. E, no entanto, ainda assim há mais calor aí do que num lugar sem fogo. Se nos aproximarmos, contudo, do Senhor, estando a alma disposta, isto é, com desejo de livrar-se do frio, mesmo que fiquemos ali por um instante, mantemo-nos aquecidas durante horas.

2. Pois vede, irmãs, que se no princípio não vos sentirdes bem (o que pode acontecer, pois talvez o demônio possa vos fazer sentir tristeza e um aperto no coração, por saber o grande prejuízo que pode lhe advir dessa prática), e se algo vos der a entender que achareis mais devoção em outras coisas do que nessa, não abandoneis este modo de oração, porque, nele, o Senhor comprova o quanto vós O amais. Lembrai-vos de que há poucas almas que O acompanhem e O sigam em sofrimentos; passemos algo por Ele, pois Sua Majestade há de nos pagar. Recordai-vos também de quantas pessoas haverá que não somente não querem ficar com Ele como também O afastam de si com muita descortesia.

Pois temos de sofrer alguma coisa por Ele para fazê-Lo entender que desejamos vê-Lo. Ele tudo suporta e se dispõe a sofrer para encontrar uma única alma que O receba e Lhe dê uma acolhida amorosa; que essa alma seja a vossa. Porque, se não houvesse nenhuma, o Pai Eterno com razão não permitiria ao Filho ficar aqui conosco. Mas Ele é tão amigo dos Seus amigos e Senhor dos Seus servos que, vendo a vontade do seu bom Filho, não deseja atrapalhá-Lo em obra tão excelente, por meio da qual mostra com tanta perfeição o amor que tem pelo Seu Pai.

3. Assim, Pai santo que estais no céu, já que o quereis e aceitais, e claro está que não havíeis de negar algo que nos faz tanto bem, tem de haver alguém, como eu disse no princípio,<sup>1</sup> que fale por Vosso Filho, pois Ele nunca se defendeu. Que sejamos nós, filhas, embora seja um atrevimento, sendo nós quem somos; mas,

confiantes naquilo que o Senhor nos ordena que peçamos, em obediência ao que diz o bom Jesus, e em Seu nome, supliquemos a Sua Majestade que, como o Seu Filho não deixou nada por fazer, tendo dado aos pecadores um benefício tão grande como este, Sua piedade evite que Ele seja tão maltratado. E que, como o Seu Filho estabeleceu um meio admirável para que O pudéssemos oferecer muitas vezes em sacrifício, esse dom tão precioso sirva para que não vão adiante o mal imenso e o desacato que se manifestam entre os luteranos nos lugares onde estava o Santíssimo Sacramento: igrejas destruídas, tantos sacerdotes perdidos, sacramentos banidos.<sup>2</sup>

4. Que é isso, meu Senhor e Deus? Ou dai fim ao mundo ou corrigi esses gravíssimos males, pois não há coração que o suporte, mesmo o de pessoas tão ruins como nós. Eu Vos suplico, Pai Eterno, que não o suporteis. Apagai esse fogo, Senhor, pois se quiserdes, podeis. Vede que o Vosso Filho ainda está no mundo. Por respeito a Ele, que cessem coisas tão feias, abomináveis e sujas; por Sua formosura e pureza, Ele não merece estar numa casa onde se passam coisas semelhantes. Não o façais por nós, Senhor, que não o merecemos; fazei-o por Vosso Filho. Suplicar-Vos que não O deixeis conosco é um pedido que não nos atrevemos a fazer: que seria de nós? Se algo Vos aplaca é termos aqui tal preciosidade. Mas algum meio deve haver, Senhor meu. Empregai-o Vossa Majestade.

5. Ó meu Deus! Que bom seria se eu pudesse Vos importunar muito, e se Vos tivesse servido muito, para poder pedir-Vos uma graça tão grande em troca dos meus serviços, visto não deixardes ninguém sem recompensa! Mas eu não o fiz, Senhor; na verdade, talvez eu até Vos tenha desagradado de maneira tal que os meus pecados sejam a própria causa de tantos males. Assim, que posso fazer, Criador meu, além de Vos apresentar esse Pão sacratíssimo e, mesmo tendo-O recebido de Vós, devolvê-Lo a Vós? Eu Vos suplico, pelos méritos do Vosso Filho, que me concedais essa graça, pois Ele de muitos modos a mereceu. Fazei, Senhor, e depressa, que se acalme esse mar! Que a nave da Igreja não fique sempre em meio à tormenta; e salvai--nos, Senhor meu, que perecemos.<sup>3</sup>

## CAPÍTULO 36

TRATA DAS SEGUINTES PALAVRAS DO PAI-NOSSO:

*DIMITTE NOBIS DEBITA NOSTRA.*

1. Vendo, pois, o nosso bom Mestre que com este manjar celestial tudo nos é facilitado, a não ser por nossa culpa, e que podemos cumprir muito bem o que temos dito ao Pai que se cumpra em nós — a Sua vontade —, diz- — Lhe agora que nos perdoe as nossas ofensas, pois nós também perdoamos. Assim, prosseguindo na oração que nos ensinou, Jesus diz estas palavras: *perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.*<sup>1</sup>

2. Observai, irmãs, que Ele não diz “como vamos perdoar”, para que entendamos que quem pede um dom tão grande como este e já submeteu a sua vontade à de Deus já deve ter feito isso; e, assim, diz: *como nós perdoamos.* Desse modo, quem tiver dito sinceramente ao Senhor *fiat voluntas tua* já deve ter perdoado ou, ao menos, se dispõe a isso.

Vede que, por isso, os santos se alegravam com as injúrias e perseguições, porque tinham algo a apresentar ao Senhor quando Lhe pediam isso. Que fará alguém tão pobre quanto eu, que tão pouco teve a perdoar e tanta coisa tem a ser perdoada?

Trata-se, irmãs, de algo a que devemos dar muita atenção; uma coisa tão grave e tão importante quanto o perdão de nossas culpas, que mereceriam o fogo eterno, pelo nosso Senhor nos é concedida por algo tão ínfimo quanto o fato de nós perdoarmos, ainda mais que o perdão inferior que é o nosso ocorre tão poucas vezes que quase nada temos a oferecer, e Vós, Senhor, haveis de nos perdoar a troco de nada! Aqui se revela bem Vossa misericórdia. Bendito sejais Vós, Senhor, por suportardes uma pobre como eu. Quando Vosso Filho fala em nome de todos, tenho de me excluir, por ser muito vil e tão sem merecimentos.

3. Mas, Senhor meu, será que há pessoas iguais a mim que não tenham compreendido isso? Se houver, eu lhes peço em Vosso nome que se recordem disso e não se incomodem com umas coisinhas que chamam de ofensas, pois parece que, como crianças, fazemos casinhas de palha com essas questões de honra. Oh, valha-me Deus, irmãs, quem dera entendêssemos o que é a honra e o que é perdê-la! Não me dirijo agora a vós, pois

seria muito triste se não tivésseis entendido isso; falo para mim mesma, referindo-me ao tempo em que tive a honra em apreço sem compreender o que era ela. Eu andava por ver andar os outros. Oh, com que coisas me ofendia, que chego a me envergonhar agora!

E vede que eu não era das que davam mais importância a essas coisas. No entanto, não compreendia a questão principal, pois não atentava para a verdadeira honra, que consiste em buscar o proveito da alma, nem me incomodava com ela. E quão bem falou quem disse que a honra e o proveito não podem andar juntos, embora eu não saiba se o disse a propósito disso. Entendo-o ao pé da letra, porque o proveito da alma e aquilo que o mundo chama de honra nunca podem ser bons companheiros. É de espantar ver como o mundo anda às avessas. Bendito seja o Senhor, que nos tirou dele.

4. Mas vede, irmãs, que não se esqueceu de nós o demônio; ele também inventa suas honras nos mosteiros e implanta suas leis, que prevêem ascensões e quedas em termos de dignidade. Os eruditos são considerados de acordo com sua graduação, coisa que não entendo. O que chegou a ser professor de teologia não vai se rebaixar a ler filosofia, pois é uma questão de honra que se deve subir, e não descer. E, mesmo que a obediência o mandasse fazê-lo, ele o tomaria por ofensa e haveria quem lhe tomasse a defesa, considerando isso uma afronta. E o demônio logo descobre razões para, mesmo nos termos da lei de Deus, parecer ter razão. Entre nós, a que foi priora deve ficar inabilitada para outro ofício mais inferior; fazemos questão de ver qual é a mais antiga, pois disso nunca esquecemos, e às vezes até o julgamos um mérito, porque assim manda a Regra.

5. Isso é coisa para rir, ou para chorar, pois há mais razão para isto. Sim, porque a Regra não manda que não tenhamos humildade. Manda que haja harmonia; mas eu não devo ficar tão harmonizada com as coisas que estimo que tenha mais cuidado em observar esse ponto do que em seguir outras coisas que talvez guardemos imperfeitamente. Não deve toda a nossa perfeição estar em observar esse ponto de Regra; se eu me descuidar nisso, não faltará quem o observe por mim. Porém, temos tanta inclinação para subir, embora não cheguemos ao céu por aqui, que não queremos saber de descer. Ó Senhor, Senhor! Não sois Vós nosso modelo e mestre? Sim, por certo! Então, em que esteve a Vossa honra, Exemplo da Honra? Não a perdestes, sem dúvida, ao serdes humilhado até a morte? Não, Senhor; Vós a ganhastes para todos.

6. Oh, pelo amor de Deus, irmãs! Seguimos o caminho errado, pois nos perdemos desde o início, e queira Deus que não se perca alguma alma por defender esses obscuros pontos de honra sem entender em que está a honra. Além disso, chegamos a pensar que teremos feito muito se perdoarmos uma coisinha dessas, que não é ofensa, não é injúria, nem nada. Então, com ar de quem fez muita coisa, suplicamos ao Senhor que nos perdoe, já que perdoamos. Dai-nos, meu Deus, a compreensão de que não nos entendemos e de que estamos com as mãos vazias, e perdoai-nos, por Vossa misericórdia. Em verdade, Senhor, não vejo nada (pois todas as coisas se acabam e o castigo é eterno) que possamos pôr diante de Vós para que nos concedais um favor tão grande, a não ser que o façais por Aquele que Vos pede.

7. Mas quanto deve o Senhor estimar que nos amemos uns aos outros! Pois o bom Jesus poderia ter apresentado a Seu Pai outras coisas e dizer, por exemplo, perdoai-nos, Senhor, porque fazemos muita penitência, ou porque rezamos muito, jejuamos, deixamos tudo por Vós e muito Vos amamos. Ele também não disse “porque daríamos a vida por Vós”,<sup>2</sup> nem, como eu digo, outras coisas que poderia dizer. Ele falou somente “assim como nós perdoamos”. Talvez Ele o tenha dito porque, conhecendo-nos como grandes amigos desta negra honra e sabendo ser o perdoar uns aos outros a coisa mais difícil de conseguir de nós, viu ser ela a coisa que mais agrada a Seu Pai,<sup>3</sup> tendo-a oferecido de nossa parte.

8. *Efeitos que o bom espírito deixa.* Levei muito em conta, irmãs, que Ele diz: *assim como nós perdoamos* — como coisa já alcançada, segundo eu já disse.<sup>4</sup> Demos muita atenção a isto: quando uma alma a quem Deus concede as graças de que eu falei na oração de contemplação perfeita<sup>5</sup> não sai dela muito determinada a perdoar todas as injúrias, por mais graves que sejam, e não essas questiúnculas que dizem ser injúrias, *não deve confiar muito em sua oração.*<sup>6</sup> Porque uma alma que Deus atrai a Si numa oração tão elevada não é alcançada pelas injúrias nem se incomoda mais em ser ou não estimada.

E não me exprimo bem; ela se importa em ser estimada, sofrendo muito mais quando recebe honras do que quando é desonrada e contentando-se muito mais com as tribulações do que com o descanso. Porque, quando o Senhor lhe deu aqui de verdade o Seu reino, ela nada mais quer do mundo; e, para reinar mais elevadamente, compreende ser esse o verdadeiro caminho, e já viu por experiência os grandes benefícios que lhe advêm e quanto avança uma alma quando padece por Deus. Porque só muito raramente o Senhor concede graças tão sublimes a pessoas que não tenham sofrido muito, de bom grado, por Ele, já que, como eu disse em outra parte deste livro,<sup>7</sup> são grandes os padecimentos dos contemplativos, razão por que o Senhor procura pessoas experimentadas.



9. Entendei, pois, irmãs, que essas pessoas, como já entenderam o que tudo é, não se detêm muito em coisas passageiras. Se, num primeiro momento, vêm--lhes o pesar de uma grande injúria e sofrimento, nem bem a sentiram, já vem a razão em seu favor, parecendo levantar por si o estandarte da humildade e deixando quase reduzida a nada a dor que se sentiu, diante do prazer que a alma tem por ter o Senhor dado a ela uma coisa que lhe permite ganhar mais graças e favores perpétuos, num dia, do que poderia vir a ganhar em dez anos com sofrimentos escolhidos pela própria alma. Isso é muito comum, pelo que sei, já que tenho tratado com muitos contemplativos, sabendo com certeza que assim se passam as coisas. Do mesmo modo como outros apreciam o ouro e as jóias, os contemplativos apreciam os sofrimentos, e os desejam, porque já compreenderam que são estes últimos que os farão ricos.

10. Essas pessoas estão muito afastadas da mínima estima com relação a si próprias; elas gostam que seus pecados sejam descobertos e apreciam dizê-los publicamente quando vêem que alguém as estima. Elas agem assim no tocante à sua linhagem, por saber que não haverão de ganhar o reino que não se acaba partindo disso. Só estimariam ser de boa estirpe se isso fosse necessário para mais servir a Deus; quando não é esse o caso, sofrem por ser consideradas mais do que são e, sem nenhum pesar, mas com todo o gosto, logo esclarecem o engano. Deve ser porque, sendo almas a quem o Senhor concedeu o favor de ter tanta humildade e tanto amor a Deus, estão tão voltadas para servi-Lo mais que se esqueceram de si a ponto de não acreditar que alguém se ressinta de coisas ínfimas e as tome por injúrias.

11. Esses efeitos, de que comecei a falar no final, manifestam-se em pessoas já mais próximas da perfeição a quem o Senhor de ordinário dá a graça de atraí-la a Si em contemplação perfeita. Mas as coisas de que falei antes, a determinação de sofrer ofensas e suportá-las mesmo com pesar, logo se tornam comuns em quem já recebeu do Senhor a graça de ter oração de união. Quem, nessa circunstância, não sentir esses efeitos e não sair muito forte naquela determinação deve ter certeza de que não se tratava de uma graça de Deus, mas de alguma ilusão e regalo do demônio — que nos faz ter a impressão de ser mais honrados por Deus.

12. Quando o Senhor começa a conceder essas graças, pode ser que a alma não fique logo tão forte; mas afirmo que, se Ele continuar a dá-las, breve ela o ficará. Se não o ficar na prática de outras virtudes, ao menos vai ficar na de perdoar. Não posso acreditar que uma alma que tanto se aproxime da própria Misericórdia, onde conhece quem é e o muito que Deus lhe tem perdoado, deixe de perdoar logo com toda a facilidade e não se disponha a ficar muito bem com quem a ofendeu, por ter bem presentes o regalo e a graça que Deus lhe concedeu, tendo visto sinais de grande amor, razão por que agora se alegra por ter a oportunidade de mostrar algum de sua parte.

13. Repito que conheço muitas pessoas a quem o Senhor favoreceu em elevar a coisas sobrenaturais, dando-lhes essa oração ou contemplação de que falei. E, embora veja nelas outras faltas e imperfeições, nunca vi nenhuma, nem creio que haja, com a de não perdoar com facilidade — desde que, como falei,<sup>8</sup> as graças sejam de Deus. Quem receber maiores graças deverá examinar com cuidado em si mesmo como esses efetivos vão aumentando; se não vir nenhum em si, deve temer muito e não acreditar que esses regalos venham de Deus, pois os divinos sempre enriquecem a alma na qual se manifestam. Isso é certo. Mesmo que o favor e o consolo passem depressa, aos poucos se entende se vêm de Deus com base nos benefícios com que a alma fica. O bom Jesus, como bem sabe disso, diz decididamente a Seu Pai que *“perdoamos a quem nos tem ofendido”*.

## CAPÍTULO 37

FALA DA EXCELÊNCIA DESTA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO E DE COMO ACHAREMOS DE MUITAS MANEIRAS CONSOLO NELA.

1. É de louvar muito ao Senhor ver quão elevada em perfeição é esta oração evangélica, no que demonstra ter sido elaborada por um Mestre tão bom; e assim podemos, filhas, usá-la para nossas próprias necessidades particulares. Espanta-me ver que estejam, em tão poucas palavras, encerradas a contemplação e a perfeição, parecendo que não temos necessidade de estudar nenhum livro: basta-nos o pai-nosso. Porque até aqui o Senhor nos ensinou todo o modo de oração e de alta contemplação, desde os principiantes, na oração mental, até os mais elevados, na oração de quietude e de união. Se eu fosse pessoa capaz de explicar as coisas, seria possível fazer um grande livro de oração a partir de fundamento tão verdadeiro.<sup>1</sup> Agora, o Senhor já começa a nos revelar os efeitos que as graças que Dele procedem deixam na alma.

2. Tenho pensado sobre a razão de Sua Majestade não ter se explicado mais acerca de coisas tão elevadas e obscuras, para que todos entendessem. Pareceu-me que (como essa oração devia ser geral, usada por todos) foi para que cada um pudesse pedir de acordo com as suas necessidades e se consolar tendo a impressão de ser boa a sua própria interpretação que Ele a deixou indeterminada. E, assim, os contemplativos, que já não desejam coisas da terra, e as pessoas já muito entregues a Deus pedem as graças do céu que, pela bondade de Deus, é possível receber aqui na terra; os que ainda vivem nela, e é bom que vivam de acordo com sua condição, também podem pedir o seu pão, pois têm de se sustentar e prover o sustento de sua casa, o que é muito justo e santo. Logo, cada qual pede de acordo com suas próprias necessidades.

3. Observai, contudo, que entregar-Lhe a nossa vontade e perdoar se aplicam a todos. É verdade que há graus menores e maiores disso, como eu disse;<sup>2</sup> os perfeitos entregarão a vontade como perfeitos e perdoarão com a perfeição a que me referi; nós, irmãs, faremos o que pudermos, pois tudo o Senhor recebe. Parece que Jesus faz com Seu Pai eterno, em nosso nome, uma espécie de contrato, como quem diz: “Fazei Vós isto, Senhor, e os meus irmãos farão aquilo.” Pois é certo que, de Sua parte, o Pai não faltará. Oh, Deus é um ótimo pagador e paga muito além de qualquer medida!

4. É possível dizer uma só vez essa oração de maneira que o Pai, vendo que em nós não há fingimento e que faremos o que prometemos, nos deixe ricas. Ele se compraz muito em que sejamos sinceras com Ele; se O tratarmos com sinceridade e clareza, sem dizer uma coisa e fazer outra, Ele sempre nos dará mais do que pedimos.

Conhecendo tudo isso, nosso bom Mestre sabia que quem de fato chegasse à perfeição no pedir haveria de ficar cada vez mais elevado pelas graças que o Pai lhe haveria de conceder. Com efeito, os perfeitos ou que seguem o caminho da perfeição, que “não devem nem temer”, como se diz, têm o mundo sob os pés e só querem contentar o Senhor dele (pois, pelos efeitos manifestos em suas almas, podem ter uma grande esperança de que Sua Majestade esteja contente); embebidos pelas dádivas que recebem, nem gostariam de se lembrar de que há neste mundo, nem de que têm adversários.

5. Ó Sabedoria eterna! Ó bom Imperador! E que grande coisa é, filhas, um mestre sábio, prudente, que nos previne dos perigos. Esse é todo o bem que uma alma espiritual pode desejar aqui na terra, por ser grande segurança. Eu não poderia descrever em palavras a enorme e fundamental importância disso. Vendo o Senhor que era necessário despertar as pessoas e fazê-las ver que têm inimigos — pois muito mais perigoso é que elas andem descuidadas, ainda mais que, quanto mais elevadas, tanto mais precisarão de ajuda do Pai Eterno, porque, se caírem, cairão de mais alto —, assim como não andar enganadas, sem entender que os têm, fez essas súplicas tão necessárias a todos nós enquanto vivermos neste desterro:

*“E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.*

## CAPÍTULO 38

TRATA DA GRANDE NECESSIDADE QUE TEMOS DE SUPLICAR AO PAI ETERNO QUE NOS CONCEDA  
AQUILO QUE PEDIMOS QUANDO PROFERIMOS AS PALAVRAS: *ET NE NOS INDUCAS IN TENTATIONEM,*  
*SED LIBERA NOS A MALO.* FALA TAMBÉM DE ALGUMAS TENTAÇÕES. É DIGNO DE NOTA.

1. Temos aqui, irmãs, grandes coisas sobre que refletir e compreender, pois as pedimos. Agora vede que tenho muita certeza de que quem chega à perfeição não pede ao Senhor que o livre dos sofrimentos, das tentações, nem das perseguições e lutas. Pois este é outro efeito muito grande, indício claro de ser espírito do Senhor, e não ilusão, a contemplação — e as graças — que Sua Majestade lhe dá. Porque, como eu disse há pouco,<sup>1</sup> quem assim é antes os deseja, os pede, os ama. Essas pessoas são como soldados, quanto mais há guerra, tanto mais contentes ficam, visto esperarem obter o maior ganho. Se não há guerra, elas só recebem o soldo, mas vêem que assim não podem florescer muito.

2. Crede, irmãs, que os soldados de Cristo — que são os que têm contemplação e estão voltados para as coisas da oração — não vêem a hora de combater; nunca temem muito os inimigos declarados, pois já os conhecem e sabem que, com a força que o Senhor lhes dá, os inimigos nada podem contra eles; certos de que sempre sairão vencedores, e com grandes lucros, nunca lhes voltam as costas. O que eles temem, e é bom que temam, pedindo sempre ao Senhor que os livre deles, são uns inimigos traiçoeiros, demônios disfarçados em anjos de luz.<sup>2</sup> Estes não se revelam até terem prejudicado muito a alma; eles ficam bebendo o nosso sangue, e acabando com as nossas virtudes, e nos deixam mergulhados na tentação sem que nos demos conta.

Destes últimos inimigos, peçamos, filhas, e supliquemos muitas vezes no pai--nosso, que o Senhor nos livre, e que não consinta cairmos em tentação e ser enganadas, e que faça a peçonha ser descoberta e que não nos escondam a luz e a verdade. Oh, com quanta razão nosso bom Mestre nos ensina a pedir isso e o pede por nós!

3. Vede, filhas, que esses demônios nos põem a perder de várias maneiras; não é somente fazendo-nos acreditar que os gostos e consolos que eles simulam em nós vêm de Deus, pois este me parece o menor prejuízo, em parte, que podem fazer. Isso porque, talvez, nos façam caminhar mais depressa, já que, acalentadas por esse prazer, permanecemos mais horas na oração. Ignorando que vêm do demônio, e considerando-se indigno desses regalos, quem assim for tentado nunca vai parar de dar graças a Deus; sentir-se-á ainda mais obrigado a servi-Lo e se esforçará para mais se dispor a isso, a fim de receber ainda mais graças do Senhor, pensando que elas vêm Dele.<sup>3</sup>

4. Procurai sempre, irmãs, ter humildade e ver que não sois dignas desses favores, não os procurando. Tenho para mim que, fazendo-se isso, o demônio perde muitas almas, que pensa estar levando à perdição, pois o Senhor tira do mal que é o intento do inimigo o nosso bem. Sua Majestade o faz porque percebe a nossa intenção, que é contentá-Lo e servi-Lo, permanecer com Ele na oração, e porque fiel é o Senhor.<sup>4</sup> É muito bom que fiquemos de sobreaviso, sem arrefecer na humildade nem nos deixar levar pela vanglória. Suplicando ao Senhor que vos livre desses perigos, não tendes, filhas, de temer que Sua Majestade vos deixe ter muitos prazeres com ninguém mais além Dele.

5. Há um ponto em que o demônio pode nos fazer um grande dano sem que o percebamos: levando-nos a crer que temos virtudes quando não as temos, o que é pestilência! Porque, nos gostos e regalos, parece que só recebemos, e ficamos mais obrigadas a servir; mas, quando cremos possuir virtudes, parece que damos e servimos e que o Senhor está obrigado a pagar. Isso vai, aos poucos, causando muito mal: de um lado, vai nos enfraquecendo a humildade e, de outro, nos faz descuidar de adquirir a própria virtude que temos a impressão de já possuir.

Como remediá-lo, irmãs? A meu ver, o melhor é fazer o que nos ensina o nosso Mestre: orar e suplicar ao Pai Eterno que não nos permita cair em tentação.<sup>5</sup>

6. Também vos quero falar de outro meio: se nos parece que o Senhor já nos deu alguma virtude, compreendamos que é um bem recebido que Ele pode tirar de nós, como, na verdade, acontece muitas vezes, e não sem grande providência de Deus. Nunca o vistes por experiência própria, irmãs? Pois eu sim: algumas vezes me parece que estou muito desapegada e, pondo isso a prova, de fato o estou; de outras vezes, estou tão apegada, e a coisas de que talvez tenha zombado no dia anterior, que quase não me reconheço. Há também ocasiões em que tenho a impressão de estar com muito ânimo e de que faria todas as coisas que fossem servir a Deus, e de fato o estou; mas vem outro dia em que me vejo incapaz de matar uma formiga por amor de Deus se para tal tiver de fazer algum esforço.

Do mesmo modo, há dias em que não me incomodo que murmurem contra mim ou falem mal de mim, tendo até contentamento com isso, assim como há outros dias em que uma única palavra me aflige e me faz querer ir embora deste mundo, porque tudo nele me cansa. Isso não acontece só comigo, pois o tenho visto em muita gente melhor do que eu, e sei que as coisas se passam assim.

7. Se isso é assim, quem poderá dizer de si mesmo que tem virtude, ou que é rico, se, no momento em que precisar de virtude, se vê privado dela? Não, irmãs, pensemos sempre que estamos pobres, e não nos endividemos sem ter com que pagar. Porque o tesouro há de vir de outro lugar, e não sabemos até quando o Senhor vai querer deixar-nos no cárcere da nossa miséria sem nos dar nada; e se as pessoas, tomando-nos por boas, nos fizerem favores e nos honrarem — e é a isso que me refiro quando falo de se endividar —, ficarão tão enganadas quanto nós.

É verdade que, se O servirmos com humildade, Ele não deixará de nos socorrer na hora da necessidade. Mas, se não tivermos de fato uma grande humildade, Ele vai nos deixar, a cada passo, como se diz, entregues a nós mesmas. E isso é uma grande graça Sua, que nos é dada para que tenhamos humildade e entendamos verdadeiramente que nada temos que não tenhamos recebido.

8. Agora atentai para outro aviso. O demônio nos dá a impressão de que temos uma virtude, digamos, a da paciência, porque nos determinamos e nos dispomos continuamente a sofrer muito por Deus. E parece-nos ser verdade que sofreríamos de fato, o que nos deixa muito contentes, já que o demônio nos ajuda a acreditar nisso. Mas eu vos aviso: não deis importância a essas virtudes, nem penseis que as conheceis senão de nome, nem que o Senhor as concedeu a nós, enquanto não tiverdes a prova.

Porque pode acontecer de, diante da mínima palavra que vos desgoste, a vossa paciência desaparecer. Quando sofrerdes repetidas vezes, louvai a Deus, que começa a vos ensinar essa virtude, e esforçai-vos por

padecer, pois isso é sinal de que Ele deseja que Lhe pagueis sofrendo com paciência, já que vos dá a paciência. Não a considereis senão, como já ficou dito, um depósito.<sup>6</sup>

9. Há outra tentação. Julgamo-nos muito pobres em espírito e temos o costume de dizê-lo, afirmando que nada queremos e que a nada damos importância. Ainda bem que não surge a ocasião de recebermos alguma coisa, mesmo que não vá além do necessário, pois logo perderíamos por inteiro a pobreza em espírito. Muito contribui para nos parecer que temos uma virtude o hábito de ficar alardeando que a temos.

Tanto nisso como nas muitas coisas de que falei, é essencial andar de sobreaviso. Porque, quando o Senhor realmente dá uma virtude sólida, esta parece trazer consigo todas as outras; esse é um fato muito conhecido. Mas eu volto a advertir-vos: mesmo que tenhais a impressão de ter uma virtude, duvidai sempre, temendo estar enganadas; porque o verdadeiro humilde sempre duvida de suas próprias virtudes, e é muito comum que julgue mais certas e de maior valor as que vê no próximo.

## CAPÍTULO 39

CONTINUA A FALAR DO MESMO ASSUNTO E FAZ ADVERTÊNCIAS, DE DIFERENTES MANEIRAS,  
SOBRE ALGUMAS TENTAÇÕES, INDICANDO OS MEIOS PARA SE LIBERTAR DELAS.<sup>1</sup>

1. Guardai-vos também, filhas, das humildades que vêm do demônio, acompanhadas de grande inquietação a respeito da gravidade dos nossos pecados, que costuma nos acometer de muitas maneiras até afastar a alma das comunhões e da oração particular (por não ser ela digna, sugere-lhe o demônio). E quando a alma se aproxima do Santíssimo Sacramento, perde todo o tempo em que havia de receber graças pensando se está ou não bem preparada. A coisa chega a tal ponto que a alma tem a impressão de que, por ser como é, está tão abandonada por Deus que quase duvida de Sua misericórdia. Tudo o que ela faz Lhe parece perigoso, e o seu serviço, por melhor que seja, infrutífero. Vem-lhe uma desconfiança que a impede de fazer qualquer bem, por pensar ela que o que é bem nos outros nela é mal.

2. Observai muito, filhas, o que vou dizer-vos, porque algumas vezes considerar-vos tão ruins pode ser humildade e virtude, e, outras vezes, uma enorme tentação. Eu sei disso, pois tive experiência. A humildade não inquieta, não desassossega nem deixa a alma em alvoroço, por maior que seja; ao contrário, vem com paz, com contentamento e tranqüilidade. Mesmo que a pessoa, por se considerar ruim, entenda com clareza que merece estar no inferno, afligindo-se e tendo a impressão de dever ser justamente condenada por todas as pessoas, quase não ousando pedir misericórdias, se a humildade for boa, esse sofrimento trará consigo uma suavidade e uma alegria de que não gostaríamos de nos ver privadas.

Quando a humildade é assim, não traz alvoroço nem angústia, mas amplia o coração, tornando a alma capaz de servir mais a Deus. Aquele outro sofrimento tudo perturba, tudo agita, revolve a alma inteira e é muito penoso. Creio que o demônio pretende com isso que pensemos ter humildade e, se puder, levar-nos a desconfiar de Deus.

3. Quando vos achardes assim, interrompei o quanto puderdes o pensamento sobre a vossa miséria e ponde-o na misericórdia de Deus, pensando no quanto Ele nos ama e padeceu por nós. Se for tentação, nem isso podereis fazer, pois ela não vos deixará sossegar o pensamento nem fixá-lo em coisa alguma, fatigando-vos cada vez mais; já será muito se perceberdes que é tentação.<sup>2</sup>

O mesmo faz o inimigo incitando-nos a penitências exageradas, que só servem para que pensemos que somos mais penitentes que as outras e que fazemos alguma coisa a mais. Se andais vos escondendo do confessor ou da prelada, ou se, ordenando-vos eles que deixeis essas penitências, não obedeceis, está claro que é tentação. Procurai, mesmo que sofrais ainda mais, obedecer, pois nisso está a maior perfeição.

4. O demônio ainda nos acomete com algo bem perigoso, que é a certeza de que de forma alguma voltaremos às culpas passadas e aos prazeres do mundo, pois “já o entendi e sei que tudo se acaba e que me dão mais prazer as coisas de Deus”. Se acontecer no princípio, isso é muito ruim, porque essa segurança faz que não tenhamos cuidado de evitar as ocasiões arriscadas; ela nos faz fechar os olhos, e queira Deus que a recaída não seja muito pior. Porque o demônio, como vê que se trata de uma alma capaz de Lhe causar prejuízos e de favorecer outras, faz tudo o que pode para que ela não se eleve.

Dessa maneira, por mais presentes e provas de amor que o Senhor vos dê, nunca fiquéis tão seguras que deixeis de temer voltar a cair, protegendo-vos das ocasiões.

5. Procurai falar muito dessas graças e consolações com alguém que possa vos esclarecer e com quem não preciseis ter segredos; e tende o cuidado de, no princípio e no fim da oração, por mais elevada que seja a contemplação, concluir sempre com o conhecimento próprio. E se são de Deus as graças e consolações, mesmo que não queirais nem considereis esta advertência, vós o fareis ainda muitas vezes, porque isso traz humildade e sempre nos ilumina mais para vermos quão pouco somos.

Não quero me deter mais aqui, pois achareis muitos livros com esses avisos. Falei tudo isto por ter tido experiência e me ter visto em dificuldades algumas vezes. Tudo o que se possa dizer não nos pode dar inteira segurança.

6. Pois, Pai Eterno, que haveremos de fazer senão recorrer a Vós e suplicar-Vos que os nossos inimigos não nos façam cair em tentação? Venham antes ataques públicos, porque, com o Vosso favor, melhor nos livraremos. Mas essas traições, quem as entenderá, meu Deus? Sempre precisamos Vos pedir socorro. Dizei-nos, Senhor, algo que possamos entender e nos dê segurança; já sabeis que por este caminho poucos vão e que, se tiverem de ir com tantos temores, percorrerão um trecho muito menor.

7. Que coisa estranha! O mundo se espanta mais com um dos que estão mais perto da perfeição que se engane do que com cem mil que de fato estão mergulhados em enganos e pecados públicos — como se o demônio não tentasse os que seguem o caminho da oração! E esses cem mil são pessoas para as quais nem é preciso olhar para ver se são boas ou más; a mil léguas de distância já se vê que são de Satanás.

Na realidade, o mundo está coberto de razão. Entre aqueles que rezam o pai-nosso da maneira que descrevi, são pouquíssimos os que se deixam enganar pelo demônio. É muito próprio dos mortais não perceber o que vêem comumente e se espantar muito com coisas que acontecem poucas vezes ou quase nunca. Os próprios demônios fazem que os mortais se espantem, pois isso é conveniente a eles, já que perdem muitos por causa de um único que chegue à perfeição.

## CAPÍTULO 40

DIZ QUE, PROCURANDO ANDAR SEMPRE DENTRO DO AMOR E DO TEMOR A DEUS,  
CAMINHAREMOS SEGURAS ENTRE TANTAS TENTAÇÕES.

1. Bom Mestre nosso, dai-nos portanto algum remédio para vivermos sem muito sobressalto em guerra tão perigosa.

O remédio que podemos ter, filhas, e quem no-lo dá é Sua Majestade, é “amor e temor”. O amor nos fará apressar o passo; o temor nos levará a atentar onde pomos os pés, para não cairmos numa trilha tão pedregosa como é a desta vida. Desse modo, com certeza não seremos enganadas.

2. Dir-me-eis: como saberemos se temos essas duas virtudes tão grandes? E tereis razão em fazê-lo, pois sinal muito certo e determinado não há; porque, se possuísemos indício de ter amor, ficaríamos seguros de que estamos em graça.<sup>1</sup> Mas vede, irmãs, existem sinais que até os cegos enxergam. Eles não são secretos e, mesmo que não os desejeis entender, fazem muito ruído, destacando-se por não serem muitos os que os têm com perfeição. Amor e temor a Deus! É dizer pouco? São dois castelos fortes a partir dos quais se faz guerra ao mundo e aos demônios.

3. Aqueles que de fato amam a Deus amam tudo o que é bom, desejam tudo o que é bom, estimulam tudo o que é bom, louvam tudo o que é bom. Aos bons se unem sempre, favorecendo-os e defendendo-os; não amam senão a verdade e as coisas verdadeiramente dignas de amor.

Pensais que quem ama genuinamente a Deus possa amar vaidades? Não, tampouco podendo amar riquezas, coisas do mundo, deleites, honras, ou ter contendas ou invejas. Tudo porque não pretende senão contentar o Amado. Desejando ardentemente ser amado por Ele, empenha a vida em entender como agradá-Lo mais. Acaso pode esse amor esconder-se?<sup>2</sup> Nunca, o amor a Deus — se de fato é amor — não pode ocultar-se. Senão, olhai um São Paulo, uma Santa Madalena. O primeiro percebeu, ao cabo de três dias, estar enfermo de amor; a segunda constatou-o já no primeiro dia, e quão bem o fez!

Pois o amor pode ser maior ou menor, revelando-se de acordo com a sua força. Se é pequeno, mostra-se pequeno; se grande, grande. Mas, pouco ou muito, quando existe, o amor a Deus sempre se revela.

4. Mas do que tratamos agora — os enganos e ilusões que o demônio suscita nos contemplativos — não há pouco. O amor dos contemplativos sempre é muito — caso contrário, não seriam eles contemplativos —, revelando-se com clareza de variadas maneiras. É um grande fogo, não podendo senão produzir um intenso resplendor. E se isso não acontecer, há motivo de temor. Nesse caso, devem eles recear, pois há causa para

isso, procurar entender do que se trata, agir com humildade e suplicar ao Senhor que os livre da tentação; pois, não havendo esse sinal, creio que se está nela. Mas, se agirdes com humildade, procurando saber a verdade, sujeitando-vos ao confessor e usando com ele de sinceridade e franqueza, como eu disse,<sup>3</sup> aquilo com que o demônio pensava vos dar a morte vos dará a vida, por mais ciladas e ilusões que ele vos queira armar.

5. Se, contudo, sentis esse amor a Deus de que tenho falado e o temor de que agora tratarei,<sup>4</sup> andai alegres e quietas, pois, para vos perturbar a alma e impedi-la de fruir tão grandes bens, o demônio vos infundirá, por si e por meio dos outros, mil temores falsos.

Ele o faz porque, vendo que não pode ter-vos, pelo menos procura fazer--vos perder alguma coisa, bem como os que poderiam ganhar se acreditassem serem de Deus as graças tão grandes concedidas a uma criatura tão ruim, e que isso é possível. Parece às vezes que esquecemos as Suas antigas misericórdias.<sup>5</sup>

6. Pensais que importa pouco ao demônio suscitar esses temores? Não, tem grande importância para ele, porque gera dois prejuízos: atemoriza os que o ouvem, impedindo-os de aproximar-se da oração, pelo receio de também ser enganados; reduz o número dos que se aproximariam muito mais de Deus, vendo-O tão bom — como eu disse —<sup>6</sup> que se comunica estreitamente com os pecadores. Isso desperta-lhes a cobiça — e com razão —, pois conheço algumas pessoas que, animando-se a partir daí, começaram a ter oração, transformando-se em pouco tempo em verdadeiros contemplativos e recebendo do Senhor grandes graças.

7. Assim, irmãs, se virdes que entre vós há alguma a quem o Senhor concede essas graças, louvai muito a Deus, mas nem por isso a considereis segura; ajudai-a antes com mais orações. Porque ninguém pode julgar-se seguro enquanto vive e anda engolfado nos perigos deste mar tempestuoso.

Portanto, não deixareis de perceber esse amor onde ele estiver, não sabendo eu sequer se pode ele ser encoberto. Pois isso é impossível, como dizem, se na terra amamos as criaturas, e por mais que façam para encobri--lo, tanto mais ele se revela. Mas é coisa tão baixa que não merece o nome de amor, apoiando-se sobre o nada. Se assim é, seria possível dissimular um amor tão forte, tão justo, que sempre se desenvolve, que não vê obstáculos diante de si? Um amor fundado na sólida base que é a certeza de ser retribuído com outro amor, do qual já não se pode duvidar, já que se revela por tão grandes dores e sofrimentos, pelo derramamento de sangue e pelo sacrifício da própria vida, a fim de provar a sua veracidade?

Valha-me Deus! Que diferença há entre esses dois amores para quem experimentou um e outro!

8. Praza a Sua Majestade conceder-nos o Seu amor antes de nos tirar desta vida, porque será de grande importância na hora da morte sabermos que seremos julgados por Aquele a quem amamos acima de todas as coisas. Poderemos partir seguras, embora nos acompanhem as nossas dívidas; não será ir a terra estranha, mas à nossa pátria, terra de Quem tanto amamos e que tanto nos ama.<sup>7</sup>

Lembra-vos aqui, filhas, do lucro que traz consigo esse amor e da perda que é não o ter, perda que nos põe nas mãos do tentador — mãos tão cruéis, tão inimigas de todo bem e tão amigas de todo mal.

9. Que será da pobre alma que, tendo saído das imensas dores e sofrimentos da morte, cai em seguida em tais mãos? Que mau descanso para ela! Despedaçada irá para o inferno! Que multiplicidade de serpentes de toda espécie! Que apavorante lugar! Que desventurada hospedaria! Se uma noite passada em má hospedaria é muito para uma pessoa amiga de comodidades (que é provavelmente o tipo de pessoa que mais deve ir para lá), o que sentirá a triste alma indo a tal pousada destinada a todo o sempre?

Não desejemos comodidades, filhas. Estamos bem aqui; tudo não passa de uma só noite em má pousada. Louvemos a Deus. Empenhemo-nos em fazer penitência nesta vida. Mas que doce será a morte para quem já se penitenciou de seus pecados e não tem de ir para o purgatório! Já na terra poderá começar a fruir da glória! Não verá em si temor, mas completa paz.

10. Se não chegarmos a isso, irmãs, supliquemos a Deus que, se tivermos de receber logo penas, que seja em lugar onde haja esperança de sair delas, que as soframos com boa vontade e onde não percamos Sua amizade e Sua graça. Supliquemos-Lhe também que no-las dê nesta vida, para que não andemos em tentação sem o entender.<sup>8</sup>

## CAPÍTULO 41

1. Como me estendi! Contudo, não tanto quanto gostaria, pois, se é muito saboroso falar de tal amor, o que não será possuí-lo?<sup>1</sup> O Senhor mo conceda, por quem Sua Majestade é.

Falemos agora do temor a Deus.<sup>2</sup> É também coisa muito conhecida da alma que o possui e dos que tratam com ela. Desejo, no entanto, que entendais que ele nem sempre está bem desenvolvido no princípio, a não ser em algumas pessoas a quem — como eu disse —<sup>3</sup> o Senhor concede grandes graças, tornando-as em pouco tempo ricas de virtudes.

Mas no princípio não é percebido em todos. Vai aumentando aos poucos, embora desde logo se faça notar, porque faz a alma afastar-se dos pecados e das ocasiões, bem como das más companhias, e se vêem outros sinais. Mas, quando a alma chega à contemplação — que é o nosso principal tema aqui —, tanto o temor a Deus como o amor a Ele se revelam de modo claro, não se dissimulando nem exteriormente. Por maior a atenção com que observeis essas pessoas, nunca as vereis descuidadas; o Senhor as mantém de tal modo que não cometerão advertidamente um único pecado venial, sejam quais forem as circunstâncias. Quanto aos pecados mortais, temem-nos como ao fogo.

Essas são as ilusões, irmãs, que eu gostaria que temêssemos muito, suplicando sempre a Deus que a tentação não seja tão violenta que O ofendamos, mas que no-la dê segundo a força que nos dará para vencê-la. Isto é o mais importante; desejo que esse temor não se afaste de nós, pois é isso o que nos há de valer.

2. Oh, que coisa maravilhosa não ter ofendido ao Senhor, a fim de que Seus servos e escravos infernais fiquem de mãos atadas. Enfim, todos O deverão servir, por mais que isso os desgoste; eles à força e nós de boa vontade. E assim, contentando a Deus, ficarão eles afastados e não nos prejudicarão, por mais que nos tentem e nos armem ciladas traiçoeiras.

3. Tende em grande conta este aviso — que importa muito — até que vos vejais com tão grande determinação de não ofender ao Senhor que antes preferiríeis perder mil vidas a cometer um pecado mortal. Quanto aos veniais, cuidai muito para não fazê-los. Refiro-me aos que se cometem com advertência, pois, de outra maneira, quem estará livre de cometer muitos? Mas há uma advertência refletida. E há outra tão rápida que, na prática, cometer o pecado venial e refletir sobre ele são uma única coisa. Sequer chegamos a entender o que fazemos.

Deus nos livre de pecado plenamente deliberado, por menor que seja! Tanto mais que não pode ser pequena coisa, já que se volta contra tão grande Majestade e uma vez que sabemos que Ele está nos observando! Isso me parece pecado premeditado, como se alguém dissesse: “Senhor, farei isto mesmo que vá contra Vós; sei que o estais vendo, que não o desejais e o compreendo, mas quero antes seguir o meu capricho e o meu apetite do que a Vossa vontade.” Não creio que haja pouco em coisas deste teor, por mais leve que seja a culpa, mas muito, e muitíssimo.<sup>4</sup>

4. Irmãs, pelo amor de Deus, se quereis obter esse temor a Deus, atentai. Deveis entender quão grave é uma ofensa a Deus e tratar disso em vossos pensamentos muito amiúde, bem como — e principalmente — enraizar desse temor na alma. Para nós, essa é uma questão de vida ou morte. E, até que entendais de fato que o possuíis,<sup>5</sup> deveis andar sempre com muito cuidado e afastar-vos de todas as ocasiões e companhias que não nos ajudem a chegar--nos ao Senhor.

Empenhemo-nos muito em tudo o que fazemos para dobrar com isso a nossa vontade. Esforcemo-nos também para que haja edificação naquilo que dizemos e fuçamos das práticas que não sejam de Deus.

É grande necessidade que fique bem impresso em nós esse temor, ainda que, se de fato houver amor, ele se manifeste depressa. Mas, tendo a alma visto em si uma grande determinação — como eu já disse —<sup>6</sup> de não fazer nenhuma ofensa a Deus por coisa alguma criada (ainda que depois caia alguma vez, porque somos fracos e não devemos confiar em nós; quanto mais determinados, menos confiemos em nós, pois é de Deus que nos há de vir a confiança), o caso é outro. Quando entendermos de nós mesmos isto que acabei de dizer, já não precisaremos andar tão retraídos e tímidos, pois o Senhor nos favorecerá e o costume virá em nossa ajuda para não O ofendermos, e passaremos a caminhar com uma santa liberdade, tratando com pessoas justas, ainda que sejam distraídas.

As mesmas pessoas que, antes de terdes esse verdadeiro temor a Deus, foram veneno para vós e ajuda para matar a alma, depois muitas vezes vos servirão para mais amardes ao Senhor e O louvardes porque vos livrou daquilo que vedes ser perigo notório. Se antes ajudáveis essas pessoas em suas fraquezas, agora as auxiliais a se conterem em vossa presença, embora isso aconteça sem quererem elas nos acatar.

5. Pensando na origem e na causa dessa força, louvo ao Senhor muitas vezes e me pergunto como um servo de Deus, amiúde sem nada dizer, impede as palavras ditas contra Ele. Deve ser como no mundo: se temos um amigo, sempre se procura não ofendê-lo em sua ausência perto de nós. O mesmo acontece com o

homem em estado de graça, por mais modesto que seja: é respeitado por todos e ninguém o magoa em coisa tão grave quanto ofender a Deus. O fato é que, embora eu não conheça a causa, sei que isso ocorre com muita frequência.

Dessa forma, não vos acanheis, porque, se a alma começa a fazê-lo, isso é péssimo para todo o bem. Ela às vezes passa a ser escrupulosa, tornando--se incapaz de ajudar a si e aos outros. E, mesmo que o mal não chegue a tanto, será boa apenas para si, deixando de levar, por causa de seu constrangimento extremo, muitas almas a Deus. É que a nossa natureza é de tal sorte que as atemoriza e sufoca, afastando-as do caminho que percorreis, embora elas reconheçam ser ele de maior virtude.

6. E há outro prejuízo aqui, que é julgar os outros: como não andam pelo vosso caminho, mas com mais santidade (pois, para beneficiarem o próximo, agem com liberdade e sem retraimentos), logo vos parecerão imperfeitos. Sua alegria santa parecerá dissipação, em especial para nós que não temos estudo e não sabemos discernir o que se pode fazer sem pecado. É coisa muito perigosa; é andar em tentação contínua, deveras prejudicial, porque atinge o próximo. De fato, é péssimo julgar que se portam menos bem os que não agem como vós, com constrangimento.

E há outro dano: em algumas coisas em que deveríeis falar — e é conveniente que faleis —, não ousais fazê-lo por medo de cair em algum excesso, chegando até a dizer bem do que seria muito bom que abominásseis.

7. Assim, irmãs, tanto quanto puderdes, sem ofensa a Deus, procurai ser afáveis e agir de tal maneira com as pessoas com quem tratardes que elas apreciem a vossa conversa, desejem o vosso modo de viver e tratar e não se atemorizem nem se amedrontem de praticar a virtude.

Isso é muito importante para as religiosas; quanto mais santas, tanto mais afáveis nas conversas com as irmãs. E, mesmo que vos sintais contristadas quando os assuntos de suas conversas não forem o que mais desejaríeis, nunca vos esquivéis se quereis ser úteis e amadas. Com efeito, isto é o que devemos procurar com ardor: ser afáveis, agradar e contentar às pessoas com quem lidamos, em especial nossas irmãs.

8. Assim, filhas, procurai conhecer a Deus de verdade; ao contrário do que pensais, Ele não valoriza tantas minúcias. Não deixeis tão tolhidos a alma e o ânimo, pois com isso se perderão muitos bens. Em vez disso, como tenho dito,<sup>7</sup> intenção reta e vontade determinada de não ofender a Deus. Não permitais que vossa alma se encurrale; se assim for, em lugar de buscar santidade, ela ganhará muitas imperfeições que o demônio lhe porá por outros meios e, como eu disse,<sup>8</sup> não beneficiará como poderia nem a si própria nem às outras.

9. Vede, portanto, como através dessas duas coisas — amor e temor a Deus — podemos trilhar esse caminho sossegados e tranquilos, ainda que, como o temor sempre deve tomar a dianteira, não descuidados. Essa segurança não a teremos em vida, porque constituiria grande perigo. E assim o entendeu o nosso Mestre quando, no fim do pai-nosso, dirigiu ao Pai essas palavras,<sup>9</sup> considerando-as necessárias.

## CAPÍTULO 42

TRATA DAS ÚLTIMAS PALAVRAS DO PAI-NOSSO: *SED LIBERA NOS A MALO. AMEN.* “MAS LIVRAI-NOS DO MAL. AMÉM.”

1. Parece-me que o bom Jesus tem razão de pedir isso para Si, porque vemos quão cansado estava desta vida quando disse na ceia aos Apóstolos: *Desejei ardentemente ceiar convosco.*<sup>1</sup> Era a última ceia de Sua vida, e por aí vemos como Ele devia estar fatigado de viver; e agora não se cansam mesmo os que têm cem anos, desejando viver mais.

Na verdade, não vivemos tão mal, nem com tantos sofrimentos e tanta pobreza, quanto o fez Sua Majestade. Que foi toda a Sua vida senão uma morte contínua, trazendo sempre diante dos olhos o fim tão cruel que lhe haviam de dar? E isso era o de menos; o pior eram as inúmeras ofensas feitas a Seu pai e a visão de tantas almas que se perdiam! Pois se aqui, para uma alma que tenha caridade, isso representa grande tormento, o que terá sentido a caridade sem limites desse Senhor? E quanta razão tinha de suplicar ao Pai que O livrasse de tantos males e sofrimentos e O pusesse para sempre no descanso de Seu reino, pois era Ele seu verdadeiro herdeiro!

2. Amém. Ao dizer este Amém, segundo me parece — já que com ele se acabam todas as coisas —, o Senhor pede que fiquemos livres de todo mal para sempre.<sup>2</sup> E também suplico eu a Ele que me livre de todo mal para sempre, pois não só não acabo de pagar o que devo, como talvez esteja me endividando cada dia



mais. E o que não consigo suportar, Senhor, é não poder saber ao certo se Vos amo, nem se os meus desejos são aceitos diante de Vós.

Ó Senhor e Deus meu, livrai-me já de todo mal e dignai-Vos levar-me ao lugar onde se encontram todos os bens! Que esperam ainda aqui aqueles a quem destes algum conhecimento do que é o mundo e os que têm viva fé do que o Pai Eterno lhes tem reservado?

3. Pedir isso com veemente desejo e grande determinação é para os contemplativos um poderoso sinal de que são de Deus as graças que recebem na oração. Assim, os que o forem, tenham-no em grande conta.

Também eu o peço, embora não pelo mesmo motivo; faço-o porque, tendo vivido até hoje tão mal, temo já viver mais e cansam-me tantos sofrimentos. Não espanta que as almas que participam das alegrias de Deus queiram estar onde não as gozem só a sorvos, não desejando permanecer numa vida em que tantos embaraços se antepõem ao gozo do bem supremo. Elas anseiam estar onde não tenha ocaído o Sol de justiça.<sup>3</sup> Tudo quanto vêem depois na terra parece-lhes sombrio, e me espanto que ainda possam viver! Por certo não deve encontrar contentamento quem já começou a fruir aqui o reino de Deus; e não há de viver por sua vontade, mas pela de seu Rei.

4. Oh! Quão diferente deveria ser esta vida para que não se desejasse a morte! Como a nossa vontade se inclina diversamente daquilo que é a vontade de Deus! Ele deseja que busquemos a verdade, nós queremos a mentira; deseja que busquemos o eterno, nós nos inclinamos para o que se acaba; deseja que busquemos coisas grandes e elevadas, nós a queremos baixas e terrenas; desejaria que só buscássemos o seguro, mas amamos o duvidoso.

Até parece uma farsa, filhas! Dessa maneira, suplicai a Deus que nos afaste desses perigos para sempre e nos livre de todo mal. E, ainda que o nosso desejo permaneça imperfeito, esforcemo-nos por fazer essa súplica. Que nos custa pedir muito, se o fazemos a Quem é poderoso?<sup>4</sup> Mas, para que mais possamos acertar, deixemos o dar à Sua vontade, pois já Lhe entregamos a nossa; e seja para sempre santificado o Seu nome no céu e na terra, e que em mim se faça a Sua vontade. Amém.

5. Vede agora, irmãs, como o Senhor me poupou trabalho ensinando--vos, e a mim, o caminho sobre o qual comecei a falar-vos. Ele me deu a entender o muito que pedimos quando dizemos essa oração evangélica; seja bendito para sempre, pois é certo que jamais me tinha vindo ao pensamento a existência nela de tão grandes segredos. Como vistes, essa oração encerra em si todo o caminho espiritual, desde o princípio até o ponto em que Deus engolfã a alma e dá-lhe de beber abundantemente da fonte de água viva que, como eu disse,<sup>5</sup> se encontra no fim do caminho.

Parece, irmãs, que o Senhor nos quis dar a entender o grande consolo que está aí encerrado, sendo grande o proveito que disso tiram as pessoas que não sabem ler. Se o entendessem, elas poderiam extrair dessa oração muita doutrina e consolar-se com ela.

6. Aprendamos, pois, irmãs, com a humildade que usa esse nosso bom Mestre para nos ensinar; e suplicai-Lhe que me perdoe por ter eu me atrevido a falar de coisas tão elevadas. Bem sabe Sua Majestade que, se não me ensinasse o que tenho dito, minha inteligência não o poderia fazer. Agradecei--Lhe vós, irmãs, porque Ele deve ter agido assim pela humildade com que mo pedistes e quisestes ser ensinadas por criatura tão miserável como eu.

7. Darei este escrito, antes que o vejais, ao Padre Presentado Frei Domingo Báñez, que é o meu confessor; se ele o considerar de proveito para vós e vo-lo entregar, consolar-me-á o fato de vos ver consoladas. Se, porém, não for próprio que alguém o veja, aceitai a minha boa vontade, porque com a obra obedeci ao que me mandastes; dou-me por bem paga do trabalho que tive em escrever — em escrever, e não em pensar o que deixo dito.

Bendito e louvado seja o Senhor, de Quem nos vem todo o bem que falamos, pensamos e fazemos. Amém.